

PASTORES NACIONAIS (1865-1900)

José Manoel da Conceição
William Dreaton Pitt
Modesto Perestrello Barros de Carvalhosa
Antônio Bandeira Trajano
Miguel Gonçalves Torres
Antônio Pedro de Cerqueira Leite
Eduardo Carlos Pereira
José Zacarias de Miranda e Silva
Delfino dos Anjos Teixeira
João Ribeiro de Carvalho Braga
Manoel Antônio de Menezes
Caetano Nogueira Júnior
Belmiro de Araújo César
João Batista de Lima
José Francisco Primênio da Silva
Álvaro Emídio Gonçalves dos Reis
Juventino Marinho da Silva
Benedito Ferraz de Campos
João Vieira Bizarro
Herculano Ernesto de Gouvêa
Bento Dias Ferraz de Arruda
Antônio André Lino da Costa
Francisco Lotufo
Martinho de Oliveira
Manoel Alfredo Guimarães
Franklin Honorável do Nascimento
Willis Roberto Banks
José de Azevedo Granja
José Maurício Higgins
Laudelino de Oliveira Lima
Henrique Augusto Vogel
Erasmus de Carvalho Braga
Manoel Francisco do Nascimento Machado
José Ozias Gonçalves
Alfredo Borges Teixeira

Rev. José Manoel da Conceição

Primeiro ministro evangélico brasileiro

José Manoel da Conceição nasceu na cidade de São Paulo em 11 de março de 1822, tendo sido batizado treze dias depois. Era filho do português Manoel da Costa Santos e da brasileira Cândida Flora de Oliveira Mascarenhas. Dois anos mais tarde, a família mudou-se para Sorocaba, onde o menino foi criado e educado por seu tio-avô, o padre José Francisco de Mendonça. Desejoso de seguir o sacerdócio, foi para São Paulo, onde frequentou o curso anexo da Academia Jurídica e estudou teologia (1840-1842). Conheceu o frei Joaquim do Monte Carmelo, que foi seu amigo e defensor até o final da vida. Em abril de 1842 recebeu as ordens menores da Igreja Católica, inclusive a de subdiácono. Pouco depois, ele e o tio-avô apoiaram a Revolução Liberal, o que retardou a sua ordenação. Passou a exercer as suas atividades religiosas em Ipanema, localidade próxima de Sorocaba, onde foi instalada a primeira fundição de ferro do Brasil.

Desde os dezoito anos travou contato com a Bíblia, descobrindo conflitos entre os seus ensinamentos e certas práticas e doutrinas católicas. Certa vez, ao repreender o seu professor de desenho, o francês Carlos Leão Baillot, por tê-lo visto andar na igreja com o boné na cabeça, ouviu dele palavras que nunca esqueceu: “Menino, aprende em tua Bíblia a distinguir a alegoria da religião. O fim da Bíblia é ensinar-nos a amar a Deus sobre tudo e depois amarmos-nos uns aos outros como bons irmãos, filhos de um só Pai que está no céu. Ouves, meu menino?” Relacionou-se com protestantes e sentiu-se atraído por eles, levado pelo bom testemunho de suas vidas religiosas. Em Ipanema, visitou a família inglesa Godwin e as casas dos alemães, impressionando-se com a maneira respeitosa como guardavam o domingo e com a prática da leitura da Bíblia e de livros religiosos. Fez amizade com o médico dinamarquês Dr. João Henrique Teodoro Langaard, com quem aprendeu alemão, história e geografia.

Em 1844 e 1845, Conceição foi sucessivamente ordenado diácono e presbítero da Igreja Romana, sendo enviado para Limeira. Começou a pregar mensagens evangélicas e a incentivar o povo a ler a Bíblia, sendo apelidado de “padre protestante”. Preocupado com a situação, o bispo D. Manoel Joaquim Gonçalves de Andrade passou a transferi-lo com frequência de uma paróquia para outra: Piracicaba, Monte-Mór, Limeira outra vez, Taubaté, Ubatuba, Santa Bárbara e por fim Brotas, onde chegou em 1860. Nesses anos, Conceição traduziu para os editores protestantes do Rio de Janeiro, os irmãos Laemmert, algumas obras que também o influenciaram, como a *Nova História Sagrada do Antigo e Novo Testamento*, traduzida em Ubatuba (1856). Esses editores faziam vir da Europa livros que ele encomendava e lhe ofereciam outros, conhecendo as suas tendências reformistas.

No primeiro semestre de 1863, Conceição escreveu ao novo bispo, D. Sebastião Pinto do Rego, sobre as suas lutas espirituais e foi nomeado vigário da vara, um cargo administrativo sem funções sacerdotais. Comprou um sítio junto ao rio Corumbataí, perto de Rio Claro, para onde se mudou. No final do mesmo ano, recebeu a visita do Rev. Alexander Latimer Blackford, missionário presbiteriano que acabara de mudar-se para São Paulo e ouvira falar do padre que tinha idéias protestantes. Seguiu-se uma correspondência assídua entre os

dois, até que, no dia 19 de maio de 1864, Conceição chegou a São Paulo para encontrar-se com Blackford. Conheceu a esposa deste, Elizabeth, que o convidou sem rodeios a se tornar protestante. Depois de várias palestras longas e proveitosas com o missionário, o sacerdote voltou para casa no dia 24 decidido a abraçar a fé evangélica. Na volta, passou por Campinas e levou a irmã Gertrudes do Amaral – Tudica (1849-1923), com apenas quinze anos, que fora educada pela família Bierrenbach. Foram para Rio Claro, onde Gertrudes se casou no início de junho com José Rufino de Cerqueira Leite – Nhô Zé (1844-1907), irmão do futuro pastor Antônio Pedro.

No dia 23 de setembro, Conceição tornou a ir a São Paulo e foi hospedado por Blackford. Dois dias depois, um domingo, participou pela primeira vez de um culto protestante. No dia 28, obteve uma audiência com o bispo e lhe comunicou que estava deixando o sacerdócio e a Igreja Católica Romana. Uma semana mais tarde, em 4 de outubro, partiu com o missionário para o Rio de Janeiro, deixando em mãos de um amigo a carta de renúncia que devia ser entregue a D. Sebastião. Sua chegada à capital do império causou sensação e quando pregou pela primeira vez, no dia 9, a sala ficou repleta. Fez amizade imediata com o Rev. Ashbel Simonton, que ainda sentia a morte da esposa ocorrida há três meses. No dia 23 de outubro de 1864, Conceição fez a sua pública profissão de fé e foi batizado pelo Rev. Blackford. O Rev. Simonton proferiu breves palavras e o ex-padre explicou aos presentes o passo que havia dado. A série de conferências que fez foi o seu primeiro trabalho como evangélico. Sendo culto e eloqüente, a sua conversão causou consternação no clero católico. Passou a colaborar com os missionários na redação do jornal *Imprensa Evangélica*, cujo primeiro número foi lançado ao público no dia 5 de novembro.

Pouco depois, sem avisar, Conceição partiu repentinamente, regressando a Brotas, onde viviam a irmã Gertrudes e seu esposo José Rufino. Debatia-se com uma grave crise de consciência por causa da sua vida anterior. Depois de algumas viagens com os missionários e de muitos esforços pacientes dos mesmos no sentido de tranquilizá-lo, superou o sentimento de culpa que o atormentava. Foi então, em meados de 1865, que escreveu a sua bela e inspiradora *Profissão de Fé Evangélica*. No dia 13 de novembro daquele ano, graças ao seu trabalho evangelístico e à colaboração dos missionários, foi organizada a Igreja Presbiteriana de Brotas, a primeira do interior do Brasil. Blackford recebeu por profissão de fé onze pessoas da família Gouvêa e batizou dez crianças. Conceição apresentou a mensagem e fez uma tocante oração de encerramento.

Nos meses seguintes foram recebidos na igreja vários familiares seus, inclusive Gertrudes e José Rufino, bem como outros membros da família Cerqueira Leite. Desde fins de 1863, Conceição vinha distribuindo folhetos e Bíblias em Brotas e expondo suas dúvidas e novas convicções às famílias Gouvêa e Cerqueira Leite. Em abril e maio de 1865 acompanhara o Rev. George Chamberlain em Brotas e em outubro e novembro, o Rev. Blackford, pregando e ensinando na vila e nos sítios. Outro irmão do ex-padre que veio a se converter foi Venceslau da Costa Santos (Nhô Lau), nascido em 28 de setembro de 1846, que foi presbítero, residiu em Boa Vista do Jacaré e outros locais, e faleceu na Fazenda Olivete, em Torrinha, em junho de 1941. Era casado com Adelaide, filha de Remígio de Cerqueira Leite, um dos irmãos de Antônio Pedro.

No dia 16 dezembro de 1865, os Revs. Simonton, Blackford e Francis Schneider organizaram na cidade de São Paulo o Presbitério do Rio de Janeiro, composto das Igrejas do Rio, São Paulo e Brotas. José Manoel da Conceição foi examinado acerca das suas convicções e considerado apto. No dia seguinte, um domingo, pregou pela manhã o sermão de prova sobre Lucas 4.18-19 e à tarde foi ordenado ministro do evangelho. Blackford fez as perguntas de praxe e Simonton discursou com base em 2 Coríntios 5.20, saudando e exortando o novo pastor. Pouco depois da sua ordenação, Conceição deu início às suas famosas viagens evangelísticas, que eventualmente o levaram até Itapeva (sul de São Paulo), Brotas (oeste), Campanha (sul de Minas) e Barra do Piráí (Vale do Paraíba). Visitou as cidades e vilas onde havia sido pároco e muitas outras, plantando as sementes de futuras igrejas. O Rev. George Landes, em um folheto sobre a evangelização do Paraná, diz que certa vez Conceição visitou a vila de Castro, onde uma de suas irmãs era professora, e pregou em Ponta Grossa.

Em 28 de fevereiro de 1866, dois meses e meio após a ordenação, Conceição partiu de São Paulo pela estrada do sul, passando por Cotia, Una, Piedade, São Roque e Sorocaba, e retornou à capital. A seguir, foi novamente a Sorocaba, onde pregou por muitos dias a auditórios sempre crescentes, e distribuiu Bíblias, folhetos e muitos exemplares da *Imprensa Evangélica*. O primeiro culto foi realizado na casa da família Bertoldo. A seguir, Conceição foi a Porto Feliz, Rio Claro e Brotas, onde pregou na companhia de Schneider e Chamberlain. Após recuperar-se de um problema de saúde, foi para Rio Claro, onde muitas pessoas o ouviram, inclusive o vigário local. Esteve em Limeira, Campinas, Belém de Jundiá (Itatiba) e Bragança, onde Blackford foi encontrá-lo em 25 de maio. Pregaram a auditórios de cem a duzentas pessoas, sem incidentes. Voltando a São Paulo, tomou a estrada do Rio de Janeiro no início de junho, passando pela Penha, São Miguel, Jacareí e São José dos Campos. Pregou a muitas pessoas no Hotel Figueira, sendo essa possivelmente a primeira vez que a fé evangélica foi anunciada naquela cidade. A seguir passou por Caçapava, Taubaté (onde fora vigário), Pindamonhangaba, Aparecida, Guaratinguetá, Lorena, Queluz, Resende, Barra Mansa e Piráí, onde tomou o trem, chegando ao Rio em 29 de junho para a reunião do presbitério, ao qual prestou relatório. Todo esse enorme trabalho foi realizado em apenas quatro meses, sendo a maior parte do trajeto percorrida a pé.

No ano presbiterial de 1866-1867, após retornar a São Paulo, pregou nas cidades onde já estivera e em muitas outras. Escrevendo em 30 de agosto, o aspirante ao ministério Antônio Pedro afirmou: “O nome do padre José Manoel está espalhado pelo universo; não há lugar onde se passe que não falem em seu nome”. Passou dois meses em Brotas, que também recebeu a visita de Blackford, Emanuel Pires e Schneider. Em janeiro e fevereiro de 1867, visitou vários pontos do Vale do Paraíba na companhia de Blackford. Em março, seguiu para Minas Gerais na companhia de Miguel Torres, visitando Ouro Fino, Borda da Mata, Pouso Alegre e Santana do Sapucaí. Em Borda da Mata, pregou três vezes no sítio de Antônio Joaquim de Gouvêa, parente dos crentes de Brotas. As sete reuniões realizadas em Pouso Alegre foram muito concorridas. Em 23 de abril de 1867 o jornal *Correio Paulistano* publicou a “Sentença de Excomunhão e Exautoração” contra o ex-padre. No mês seguinte,

os jornais publicaram a resposta do Rev. Conceição, um verdadeiro manifesto evangélico. Em junho ele publicou a sentença e a respectiva resposta em um livreto que teve grande divulgação. Seguiu então novamente para o Rio de Janeiro. Tendo chegado pouco antes da reunião do presbitério (11 a 16 de julho), pregou em Copacabana, São Cristóvão, Cascadura, Maxambomba, Macacos e Serra, estações da estrada de ferro. Na reunião presbiterial, leu um texto intitulado “O Brasil necessita da pregação do evangelho?”

Como a sua saúde inspirava cuidados, os missionários o incentivaram a ir aos Estados Unidos, o que ele fez no início de agosto, lá permanecendo quase um ano. Partiu em 3 de agosto no navio Eclipse e chegou a Nova York em 12 de setembro. Apresentou ao Dr. David Irving, secretário da Junta de Missões, uma carta de recomendação de Simonton, e passou alguns dias com Chamberlain, que angariava donativos para a construção do templo do Rio. Este o levou para conhecer as igrejas portuguesas de Springfield e Jacksonville, no Illinois, nas quais Conceição trabalhou durante oito meses e onde aplicou os seus conhecimentos de medicina. Iria corresponder-se com essas igrejas até pouco antes do seu falecimento. As mesmas haviam enviado ao Brasil o Rev. Emanuel Pires e logo enviaram os Revs. Robert Lenigton e João Fernandes Dagama. Nessa estadia nos Estados Unidos, Conceição fez a revisão de uma tradução do Novo Testamento para a Sociedade Bíblica Americana e traduziu artigos e folhetos para a Sociedade Americana de Tratados. De regresso a Nova York, Irving e Chamberlain o acompanharam ao vapor Mississippi, no qual embarcou no dia 23 de junho de 1868, chegando ao Rio de Janeiro em 20 de julho. No dia 1º de agosto, embarcou com Blackford e Schneider para Santos, a fim de participar da reunião do presbitério em São Paulo (5 a 8 de agosto).

Após a reunião presbiterial, Conceição tomou o caminho do sul, passando por Cotia, São Roque, Sorocaba, Campo Largo, Alambari e Itapetininga. No início de outubro retornou a São Paulo e foi para o Rio de Janeiro. Acompanhou Chamberlain no vapor Parati ao litoral fluminense, visitando Angra dos Reis e Parati. Dali subiram a serra, passando por Cunha e Lorena, onde houve perseguição. Seguiu então para São Paulo, visitando as principais cidades e vilas do Vale do Paraíba. Na capital paulista, foi hospedado pelos Revs. Pires e McKee. No dia 15 de janeiro de 1869 partiu para Atibaia, Bragança, Amparo e Socorro. Esteve também em São José dos Campos e outros locais. Em julho voltou a São Paulo para a 5ª reunião do Presbitério do Rio de Janeiro (12-18 de agosto), a última a que compareceu. O trabalho havia mudado durante a sua ausência no exterior. A ênfase era outra: não mais o febril desbravamento, mas a consolidação em torno de alguns centros. Seu relatório foi considerado demasiado longo e recebido com certo desinteresse.

A partir de agosto de 1869, Conceição voltou a ser um solitário. Não se sentia atraído pelas estruturas e formalidades eclesiásticas. Preferia continuar viajando e pregando, apesar da saúde cada vez mais precária. Nunca mais teve companheiros de estrada; nunca mais compareceu ao presbitério nem lhe prestou relatório. Tornou-se um estranho para os próprios amigos, que raramente sabiam onde ele se achava. Era afligido periodicamente por sérias crises de depressão, que foram, no dizer de um autor, o seu “espinho na carne”. Em 21 de setembro de 1869, escreveu de São Paulo à irmã e ao cunhado dizendo-se doente “com umas feridas grandes e dolorosas” e impossibilitado de viajar. Em 6 de março de

1870 ministrou a Ceia na Igreja de São Paulo em companhia do Rev. McKee e no dia 14 oficiou no sepultamento do Rev. William D. Pitt. Em julho de 1872 esteve no Rio de Janeiro; em agosto e setembro foi visto em Queluz e depois em Caldas, Campanha e outros pontos de Minas; de outubro a dezembro andou por Areias e Mambucaba, no litoral de São Paulo. No primeiro semestre de 1873, esteve em Queluz, São Paulo, Rio de Janeiro, Piraí, Campo Belo e Caraguatatuba, entre outros locais. Tornou-se uma figura lendária nas estradas. Em muitos lugares, enfrentou tremendas perseguições e injúrias. Em Pindamonhangaba, um homem foi ouvi-lo para o insultar, mas a prédica versou sobre o Filho Pródigo e ele chorava a ausência de um filho querido. Numa fazenda, o dono o interrompeu, perseguiu-o pela estrada com um chicote e açulou os cães contra ele, deixando-o gravemente ferido. Em 1872, na cidade de Campanha, foi apedrejado por uma turba e deixado como morto na estrada.

O Rev. Conceição exerceu o seu ministério de maneira sacrificial e abnegada. Seu método era ir de vila em vila e de casa em casa, pregando, lendo e expondo a Bíblia. Vivia como um nômade, pregando em toda parte e experimentando toda sorte de privações, que lhe prejudicaram a saúde. Passava a noite em qualquer lugar que lhe oferecessem e, em sinal de reconhecimento, servia de enfermeiro a algum doente ou prestava pequenos serviços, como varrer e lavar. Alimentava-se de maneira frugal e o seu único vestuário era o que lhe cobria o corpo. Nas longas peregrinações, ocupava as horas vagas escrevendo a lápis sermões, traduzindo artigos e fazendo anotações curiosas sobre tudo o que observava. Quando se demorava por algum tempo em algum local onde podia dispor de comodidade, passava a limpo os seus sermões, hinos, notas e traduções, empregando em tudo muito método, clareza e uma bela caligrafia. Todos esses papéis ele levava consigo embrulhados em um pano, até poder dar-lhes o destino apropriado, enviando uns aos amigos e outros à redação da *Imprensa Evangélica*. Tinha uma presença nobre e atraente, voz harmoniosa, grande eloquência e pureza de vida. O pouco que possuía, dava aos pobres.

Na reunião do presbitério em agosto de 1873, decidiu-se que Conceição devia fixar residência no Rio de Janeiro para cuidar da saúde. Em dezembro, ele finalmente dirigiu-se só e a pé para aquela cidade, onde o Rev. Blackford alugara uma casa agradável em Santa Teresa para ele descansar. Perto de Piraí, indo à estação da via férrea, anoiteceu e ele buscou abrigo numa casa à beira da estrada. Um policial, vendo-o descalço e mal-vestido, o levou preso como indigente. Nos três dias que passou na prisão, gastou os seus últimos recursos, tendo de seguir a pé para a capital. Ao aproximar-se da cidade, às quatro horas da tarde do dia 24, caiu desfalecido à beira do caminho, na estrada da Pavuna. Foi levado para a enfermaria militar do Campinho, onde recebeu carinhosa assistência. Mudaram-lhe as roupas e lhe deram um caldo; só respondia com monossílabos e movimentos da cabeça. Pediu para “ficar só com Deus”. Naquela madrugada, 25 de dezembro de 1873, o Rev. Conceição morreu enquanto dormia. O major Augusto Fausto de Souza, diretor da enfermaria militar, e o subdelegado Honório Gurgel do Amaral coordenaram os preparativos para o enterro. Ia ser sepultado como indigente quando chegou o futuro candidato ao ministério Cândido Joaquim de Mesquita, enviado pelo Rev. Blackford em busca de notícias. No mesmo dia, o Rev. Conceição foi sepultado condignamente no cemitério da matriz de Irajá.

O bispo D. Pedro Maria de Lacerda soube do ocorrido e repreendeu com veemência os sacerdotes responsáveis pelo sepultamento, que alegaram não saber que se tratava do excomungado José Manoel da Conceição. Três anos mais tarde, antes de vencido o prazo legal de cinco anos, seus ossos foram exumados e transferidos para São Paulo, sendo sepultados ao lado do túmulo de Simonton, no Cemitério dos Protestantes. Sua lápide tem dois versículos que bem descrevem o seu ministério: “Não me envergonho do Evangelho de Cristo” (Rm 1.16) e “Me alegro nos sofrimentos por seu corpo, que é a igreja” (Cl 1.24). O diretor da enfermaria militar, major Fausto de Souza, anos depois veio a converter-se e escreveu uma biografia desse herói da fé, publicada na *Imprensa Evangélica* de janeiro e fevereiro de 1884, na forma de suplemento, sob o título “Ex-padre José Manoel da Conceição”.

Conceição deixou muitos filhos espirituais, cujos descendentes atuam até hoje na Igreja Presbiteriana do Brasil. Dois exemplos entre tantos, além dos Gouvêa e dos Cerqueira Leite, são as famílias Barbosa Martins (Rev. Wadislau Martins Gomes) e Campos (D. Aurora de Campos Kerr, Rev. Heber Carlos de Campos). Colaborou na *Imprensa Evangélica* com artigos e sermões, alguns dos quais foram reproduzidos em um suplemento do *Brasil Presbiteriano* em 1972, no sesquicentenário do seu nascimento (“A devoção doméstica”, “A ilustração”, “O evangelho”, “O endurecimento do coração” e “A última ceia do Senhor”). Deixou também alguns hinos, dentre os quais “Amar-te, Jesus, e crer-te”, “Oh! Se me fora possível”, “Dou de mão à vaidade” e “Escreve tu com própria mão”, o escrito “As exéquias de Abraão Lincoln, presidente dos Estados Unidos” (1865) e algumas cartas. Era versado em matemáticas e ciências físicas e naturais; conhecia francês, inglês, latim e alemão.

Em sua homenagem, a instituição fundada em 1928 pelo Rev. William A. Waddell em Jandira, nos arredores de São Paulo, recebeu o nome de Instituto José Manoel da Conceição, nome esse preservado atualmente no seminário presbiteriano situado no bairro do Campo Belo, na capital paulista. Em Votorantim, cidade próxima de Sorocaba, a igreja presbiteriana está em uma avenida que leva o seu nome, na qual também se encontra o seu busto. Como bem apontou o seu biógrafo, Rev. Boanerges Ribeiro, a maior contribuição do ex-sacerdote foi a proposta de um modelo brasileiro para a reforma da vida religiosa do seu país. Outro estudioso, Paul E. Pierson, um ex-missionário no Brasil, também destacou as características de Conceição que o qualificavam para fazer uma síntese entre o cristianismo evangélico e a cultura brasileira, em contraste com os seus colegas estrangeiros e mesmo brasileiros.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 25, 30, 30a (foto), 32s, 38, 54-57, 108-110, 115, 125, 138-140, 341, 542.
- Ferreira, *História da IPB*, I:42, 44-49, 54-57, 60s, 62-65, 67-69, 72-78, 81-82, 95, 97, 120-128, 151, 152-154, 195-198, 262s, 279, 477s.
- José Manoel da Conceição. *Sentença de Excomunhão e sua Resposta*. Rio de Janeiro: Tipografia Esperança, 1867.
- Carta do Rev. Donald C. McLaren, *Foreign Missionary* (Junho 1886), 37.

- Nicolau Soares do Couto (Lauresto), “Esboço Biográfico do Rev. José Manoel da Conceição”, *O Estandarte* (4 e 11-01-1912), 13-16.
- Vicente Temudo Lessa, “O Centenário do Rev. Conceição”, *Revista de Cultura Religiosa*, Vol. I, Nº 4 (Abril-Junho 1922), 409-432.
- Vicente Temudo Lessa. *Padre José Manoel da Conceição*. São Paulo, 1935.
- “Rev. José Manoel da Conceição”, *Brasil Presbiteriano* (Outubro e Novembro 1972), com suplemento (sermões e artigos).
- McIntire, *Portrait*, 4/26-41; 5/6-39.
- Paul Everett Pierson, *A Younger Church in Search of Maturity: Presbyterianism in Brazil from 1910 to 1959* (San Antonio, Texas: Trinity University Press, 1974), 20-24.
- Vieira, *Protestantismo, Maçonaria e Questão Religiosa*, 143-147.
- Boanerges Ribeiro, *Protestantismo no Brasil Monárquico* (São Paulo: Pioneira, 1973), 138-152.
- Ribeiro, *Protestantismo e Cultura Brasileira*, 86-94.
- Boanerges Ribeiro. *O Padre Protestante*. 2ª ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1979 [1950].
- Boanerges Ribeiro. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. São Paulo: O Semeador, 1995.
- Hahn, *Culto Protestante no Brasil*, 187-195.
- Mendonça, *Celeste Porvir*, 84-87, 185-187.
- Reily, *História Documental*, 122-124.

Rev. William Dreaton Pitt

Pioneiro evangélico no Rio de Janeiro e em São Paulo

Embora não fosse brasileiro ou português, e sim inglês, William Pitt está incluído entre os obreiros nacionais porque filiou-se à igreja presbiteriana e foi ordenado ao ministério no Brasil. Nasceu em 1828 em Torquay, Condado de Devonshire, na Inglaterra. Seu pai, um homem muito piedoso, tinha o ofício de jardineiro. Pitt foi criado na Igreja Metodista, mas depois se filiou à Igreja Congregacional. Quando jovem, foi aluno de uma classe dominical em sua cidade, cuja professora era Sarah Poulton Wilson (1825-1907), a futura esposa do Rev. Robert Reid Kalley (1809-1888). Pitt casou-se em seu país e enviuvou. Indo para os Estados Unidos, residiu por cerca de três anos em Quincy e Springfield, no Estado de Illinois, onde se refugiaram muitos portugueses que fugiram das perseguições da Ilha da Madeira. Tinha o ofício de carpinteiro.

Quando o Dr. Kalley chegou ao Rio de Janeiro, em 10 de maio de 1855, fez um apelo a alguns dos seus amigos de Springfield para que viessem ajudá-lo. Pitt foi o primeiro a atender, aportando no Rio em dezembro do mesmo ano e indo para Petrópolis, onde residia o Dr. Kalley, do qual foi valioso auxiliar no trabalho de evangelização. De Petrópolis, Pitt transferiu-se para o Rio, trabalhando como carpinteiro no Arsenal da Marinha ao mesmo tempo em que continuava a colaborar com a obra missionária. Entre os companheiros a quem falou do evangelho estava o irlandês William Richard Esher, que se casou com D. Henriqueta Augusta Soares do Couto (foram pais do Dr. Nicolau Soares do Couto Esher).

Os dois Williams tornaram-se amigos e associaram-se mais tarde numa escola inglesa à Rua do Propósito, na residência de Pitt. No dia 10 de agosto de 1856, Pitt e Esher participaram da primeira celebração da Ceia do Senhor ministrada pelo Rev. Kalley no Rio de Janeiro, junto com membros de três famílias portuguesas que também tinham vindo dos Estados Unidos para colaborar com o trabalho.

O Dr. Kalley seguiu para a Inglaterra em janeiro de 1857 e regressou em setembro, trazendo em sua companhia Marianna, uma irmã de Pitt, que foi residir com este e a cunhada na Rua do Propósito. Na sala da frente havia cultos em inglês aos domingos. Em 11 de julho de 1858, Kalley organizou a Igreja Evangélica Fluminense com catorze membros, entre os quais William Pitt, sua esposa Mary Jane (uma inglesa com quem ele havia se casado no Rio de Janeiro) e sua irmã Marianna. Quatro anos depois, em 1º de agosto de 1862, Pitt estava entre os quatro primeiros presbíteros eleitos por essa igreja.

Em maio de 1863, Pitt fixou residência em São Paulo, dedicando-se ao comércio. No último trimestre do ano, hospedou o colportor Manoel Pereira da Cunha Bastos, membro da Igreja Fluminense, mas enviado a São Paulo pelo Rev. Simonton. Pitt foi gerente de uma casa comercial, que depois adquiriu, no local denominado Quatro Cantos, à Rua Direita 46, esquina com a Rua de São Bento, no prédio onde existiu o Hotel de França. Negociava com utensílios agrícolas, querosene e outras novidades da época. No local havia também um depósito de Bíblias e livros religiosos. Em outubro de 1863, quando o Rev. Alexander L. Blackford mudou-se para São Paulo, Pitt tornou-se desde logo o seu mais valioso colaborador. Em sua casa, na Rua da Boa Vista, foram realizados cultos em inglês e também o primeiro culto em português, no dia 29 de novembro daquele ano. Pitt não só colaborou com a pregação na cidade e arredores, mas também fez diversas viagens pelo interior, indo a cidades como Brotas, Sorocaba, Itu, Tatuí e Itapetininga. Nas ausências de Blackford, substituía-o no púlpito.

O casal Pitt foi arrolado por transferência na Igreja de São Paulo em 1867. Pitt era um calvinista convicto, mas primeiro quis fazer um cuidadoso exame do sistema de governo da Igreja Presbiteriana. No início de abril, acompanhou o Rev. Emanuel Pires a São Roque, Sorocaba, Itu e Jundiaí. De maio a novembro, exerceu o cargo de missionário ajudante à custa da Missão. Em agosto e setembro, fez nova viagem missionária, visitando São Roque, Sorocaba, Tatuí, Itapetininga e outros locais. O Rev. Simonton escreveu a *The Foreign Missionary* narrando uma visita de Pitt a uma vila onde a fé evangélica ainda não fora anunciada. Na primeira noite, o pregador teve de interromper o sermão por causa de um grande distúrbio liderado por um escravo do vigário, mas na noite seguinte, graças à proteção das autoridades, o culto realizou-se sem incidentes. Em 29 de setembro de 1867, o Rev. Blackford batizou cinco filhos de Pitt: Lucy Jane, William James, Alfred, Marianna e Frank. No mesmo ano, em 15 de dezembro, Pitt foi eleito o primeiro presbítero da Igreja de São Paulo. A ordenação ocorreu no dia 22 e três dias depois o Rev. Blackford retornou para o Rio de Janeiro, a fim de substituir o Rev. Ashbel G. Simonton, falecido recentemente. Pitt participou da quarta reunião do Presbitério do Rio de Janeiro, realizada em São Paulo de 5 a 8 de agosto de 1868, sendo o primeiro presbítero a fazê-lo. Na ocasião,

pediu-se a sua nomeação como missionário. No dia 9 de agosto o Rev. Blackford batizou Emma, outra filha de Pitt.

No final de 1868 Pitt liquidou o seu negócio e no início do ano seguinte adquiriu um sítio no distrito de Itaqueri, a cerca de 35 km de Brotas. Dali continuou a prestar valioso auxílio na pregação e em outros trabalhos evangélicos, sendo valioso cooperador do Rev. Robert Lenington, o missionário residente em Brotas. Mediante proposta do Rev. Blackford, o Presbitério recebeu-o como candidato ao ministério em sua 5ª reunião ordinária, realizada em São Paulo de 12 a 18 de agosto de 1869. Pitt foi examinado em diversas matérias e dispensado de outras como o latim e as línguas originais. No dia 15, um domingo, pregou o seu sermão de prova, baseado em Hebreus 11.1-3 (a homilia versou sobre Romanos 3.19-21). No dia 16 verificou-se a sua ordenação, presidida pelo Rev. Robert Lenington. O sermão de praxe foi proferido pelo Rev. Francis J. C. Schneider e a parênese pelo Rev. Blackford. No mesmo dia, a Igreja de São Paulo deu carta de transferência para Brotas à esposa do novo ministro, Mary Jane Pitt. Nessa reunião do presbitério deu-se resposta negativa a uma consulta da Assembléia Geral sobre a união das Igrejas Presbiterianas da Velha e da Nova Escola. Votaram contra Blackford, Pitt e Conceição; a favor, Lenington e McKee.

Nos poucos meses que pode trabalhar depois de ordenado, continuou a pregar no distrito em que residia. No final de 1869, Pitt adoeceu gravemente. A 13 de março de 1870, decorridos apenas sete meses da sua ordenação e tendo somente quarenta e dois anos de idade, ele veio a falecer em São Paulo, na residência do Rev. George W. Chamberlain. O atestado de óbito declarou que a causa da morte foi “aneurisma da aorta abdominal”. No dia seguinte, oficiaram na casa mortuária os Revs. Chamberlain e José Manoel da Conceição. No Cemitério dos Protestantes, Chamberlain e Hugh W. McKee dirigiram o ofício fúnebre. Em 12 de janeiro de 1871, numa sessão extraordinária do Presbitério realizada em São Paulo, na casa do Rev. Chamberlain, o anfitrião leu uma pequena biografia do Rev. Pitt. Pouco antes de falecer, Pitt havia fracassado nos negócios e assim a sua viúva e sete filhos ficaram na penúria, sendo assistidos pelo Rev. Lenington em Brotas. Os missionários levantaram 1.200 dólares para que eles pudessem regressar à Inglaterra.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 26s, 42, 49, 53s, 65, 67-70, 75, 89-91, 224b (foto).
- Ferreira, *História da IPB*, I:38-40, 118-120.
- *Esboço Histórico da Escola Dominical da Igreja Evangélica Fluminense, 1855-1932*. Rio de Janeiro, 1932.
- McIntire, *Portrait of Half a Century*, 7/48.

Rev. Modesto Perestrello Barros de Carvalho

Primeiro fruto do Seminário do Rio de Janeiro

Modesto Carvalhosa era natural de Porto Muniz, na Ilha da Madeira, onde nasceu no dia 15 de abril de 1846. Era filho de Modesto Joaquim Rodrigues de Carvalhosa e Maria Angélica

Perestrello Barros de Carvalhosa. Em setembro de 1854, a família veio para o Rio de Janeiro, onde o pai dedicou-se ao comércio no Engenho Velho. Havia pelo menos outros dois filhos, José Maria e Luiz (este mais tarde foi residir na Argentina). Modesto estudou no Colégio Santa Cruz. Em 1859, com o falecimento do pai, interrompeu os estudos para trabalhar no comércio. Em 1863 foi para Santos e no ano seguinte para São Paulo, na época em que estava sendo iniciado nessa cidade o trabalho presbiteriano.

A igreja foi organizada no dia 5 de março de 1865 e um ano depois, em 25 de março de 1866, Modesto foi recebido por profissão de fé e batismo pelo Rev. Alexander L. Blackford, junto com outras sete pessoas, inclusive o seu primo Pedro Perestrello da Câmara (1839-1937), que em julho de 1866 transferiu-se para a Igreja do Rio, da qual foi um dos primeiros presbíteros. Carvalhosa assistiu aos cultos durante apenas quatro meses antes de fazer a profissão de fé e decidir-se pelo ministério. Nesse período, acompanhou o ex-padre José Manoel da Conceição em uma de suas viagens evangelísticas até Sorocaba, regressando apressadamente para ser recebido na Igreja de São Paulo. Sua vida e ministério foram fortemente marcados pelos contatos com o Rev. Conceição, a quem provavelmente entendeu melhor do que qualquer outro pastor ou missionário.

Incentivado por Blackford, no ano seguinte (1867), foi estudar no seminário fundado pelo Rev. Simonton no Rio de Janeiro. O chamado “Seminário Primitivo” funcionou por três anos (1867-1870) e formou somente quatro estudantes, que foram valorosos pastores da Igreja Presbiteriana do Brasil: Modesto Carvalhosa, Antônio Bandeira Trajano, Miguel Gonçalves Torres e Antônio Pedro de Cerqueira Leite. Por várias outras vezes, Carvalhosa acompanhou o Rev. José Manoel da Conceição em suas viagens evangelísticas. Sendo bom conhecedor do inglês, lecionou essa matéria na escola primária anexa ao seminário. Concluído o curso, foi licenciado com o colega Antônio Trajano em 22 de agosto de 1870, na 6ª reunião do Presbitério do Rio, após ser submetido a todas as provas exigidas. Sua ordenação ocorreu no dia 20 de julho de 1871, sendo a parênese proferida pelo Rev. Chamberlain. Foi assim o primeiro dos alunos do seminário do Rio de Janeiro a tornar-se ministro do evangelho.

Inicialmente trabalhou em Lorena (SP), cidade onde pregara pela primeira vez em 6 de janeiro de 1870. A primeira celebração da Santa Ceia ocorreu em 27 de agosto de 1871. No dia 21 de fevereiro de 1872, Carvalhosa casou-se com Margarida da Rocha Castro. Além de dar assistência à igreja, dirigiu uma escola mista com 26 alunos até o final de 1874, quando a escola foi fechada por falta de professores. Também pregou nas localidades de Borda da Mata, Caldas, Machado, Santa Rita, Bom Retiro, Samambaia, Itajubá, Pouso Alegre e Santana de Sapucaí, todas em Minas Gerais, bem como em São Paulo, Campinas, Sorocaba, Cruzeiro, Barra Mansa, Petrópolis e Rio de Janeiro. Na reunião extraordinária do presbitério em São Paulo (27 a 31 de dezembro de 1872), foi encarregado da Igreja de Borda da Mata. Nesse período, organizou as Igrejas de Machado (27-09-1874) e Embaú, o núcleo inicial da futura cidade de Cruzeiro (14-12-1874), esta última acompanhado pelo Rev. Emanuel Vanorden.

No segundo trimestre de 1875 residiu no Rio de Janeiro, auxiliando na igreja e no jornal *Imprensa Evangélica*, o primeiro jornal evangélico do Brasil, fundado por Simonton em 1864. Depois, pastoreou por dez anos (04-11-1875 a 20-11-1885) a Igreja de Campos (RJ), organizada por ele e Blackford em 11 de março de 1877. Pregou também em São João da Barra e outros locais. Em 1878, foi à Ilha da Madeira para tratar de assuntos particulares e pregou várias vezes, fazendo o mesmo em Lisboa. Mais tarde, esteve novamente em Portugal. No dia 27 de novembro de 1885, Carvalhosa foi para São Paulo a fim de auxiliar o Rev. George Chamberlain no pastorado da igreja, sendo oficialmente nomeado pastor auxiliar em 3 de abril de 1886. Nesse ano, o novo diretor da Escola Americana, Dr. Horace Manley Lane, viajou para os Estados Unidos e Carvalhosa o substituiu na direção da escola. Foi também redator da *Imprensa Evangélica*. Em setembro de 1888, participou da criação do Sínodo Presbiteriano, do qual foi secretário permanente. Mais tarde, fez parte da diretoria do Seminário Presbiteriano.

Em 15 de outubro de 1888, Carvalhosa foi pastorear a Igreja de Curitiba e ali permaneceu por cinco anos, até dezembro de 1893. Durante sua estadia no Paraná, organizou as Igrejas de Guarapuava (17-02-1889) e Itaqui (29-12-1889). Também visitou Castro, Fundão, Açungui, Tibagi, Cupim, Manduri, Ivaí e outros pontos. Colaborou na escola recém-criada pelas missionárias Mary Dascomb e Elmira Kuhl, lecionando português. Regressou então definitivamente para São Paulo, a fim de fazer parte do corpo docente da Escola Americana, no cargo de vice-diretor. Além de professor, foi também capelão da Escola Americana e do Mackenzie College. Sendo muito devotado aos missionários norte-americanos, Carvalhosa esteve diretamente envolvido nos acontecimentos que culminaram com o cisma presbiteriano de 1903.

No dia 18 de outubro de 1893, dera-se a organização da 2ª Igreja Presbiteriana de São Paulo, composta de pessoas ligadas à Escola Americana que já não se sentiam bem na 1ª Igreja, pastoreada pela Rev. Eduardo Carlos Pereira. Em fevereiro de 1894, Carvalhosa assumiu o pastorado da 2ª Igreja. Em julho de 1898, devido a desentendimentos com o Presbitério de São Paulo, desligou-se do mesmo, sendo acompanhado pela 2ª Igreja, que passou a ser uma “Igreja Presbiteriana Independente”. Em setembro de 1899 foi organizada ainda outra igreja presbiteriana em São Paulo, a Igreja Filadelfa, composta de simpatizantes da maçonaria que igualmente não se sentiam à vontade na 1ª Igreja. Finalmente, em julho de 1900 houve a reconciliação entre Carvalhosa e o Presbitério; sua igreja veio a ser de novo a 2ª Igreja Presbiteriana. Em 26 de agosto, a 2ª Igreja e a Igreja Filadelfa fundiram-se para criar a Igreja Presbiteriana Unida, da qual Carvalhosa foi o primeiro pastor. Outras duas igrejas que organizou no Estado de São Paulo foram as de Juquiá (14-10-1900) e Atibaia (11-01-1903). Cooperou também no Brás e em Pinheiros.

Modesto Carvalhosa foi por duas vezes moderador do Presbitério do Rio de Janeiro (1875 e 1883), o último moderador do Sínodo (1906) e o instalador da Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana do Brasil, em 1910. Na noite de 7 de janeiro ele subiu ao púlpito da Igreja do Rio ladeado de Álvaro Reis e Lino da Costa. Houve um concerto de orações feitas por sete delegados e Carvalhosa pregou sobre Atos 1.8. Estava perto de completar o seu 40º aniversário de ordenação. Três anos mais tarde, entregou o pastorado da Igreja Unida ao

Rev. Matatias Gomes dos Santos. Dona Margarida de Castro Carvalhosa morreu em 9 de maio de 1915. O Rev. Carvalhosa faleceu placidamente aos 71 anos de idade, em 18 de agosto de 1917, sentado em sua cadeira de balanço. Em seu túmulo no Cemitério dos Protestantes constam dois versículos: “Nós os que cremos entramos no repouso” e “Jamais veio ao coração do homem o que Deus tem preparado para aqueles que o amam”.

O casal Carvalhosa teve cinco filhos: Bella Carvalhosa (1874-1965), Angélica Carvalhosa, Elmira Carvalhosa Calandra (†1971), Modesto de Carvalhosa Filho e José Carvalhosa. Bella e Angélica foram arroladas na Igreja de São Paulo em 1º de abril de 1888 e depois se filiaram à Igreja Unida. O Dr. Modesto Filho foi desembargador e presidente do Conselho de Administração da Companhia Antártica Paulista. Bella foi professora da Escola Americana de Curitiba e, por muitos anos, de Escola Americana de São Paulo. Como membro atuante da Igreja Unida, lecionou na escola dominical, foi membro da comissão encarregada de levantar fundos para a construção do templo e exerceu outros cargos. Elmira foi professora adjunta da Escola Americana e teve três filhos: Modesto de Carvalhosa Neto, Sara e Bela.

Um sobrinho do pastor pioneiro (filho do seu irmão José Maria) também chegou ao ministério, o Rev. Agostinho Piquet Perestrello de Carvalhosa (1897-1963), que trabalhou em Castro, Ponta Grossa, Rio Claro, Pirassununga, Araraquara e Santos, tendo também colaborado com a Igreja de Pinheiros. Tendo-se licenciado do ministério em 1943, foi professor de inglês por muitos anos em vários colégios de São Paulo. Um filho seu é o Dr. Modesto Souza Barros Carvalhosa, um conhecido advogado, professor e autor especializado em direito societário, residente em São Paulo. Foi livre docente de Direito Econômico e Comercial da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (1972-1985). Tem sido consultor ou membro dos conselhos curadores de diversas entidades, bem como participado de muitas atividades e organizações relacionadas com a preservação do patrimônio histórico e cultural.

O Rev. Carvalhosa foi um erudito. Entre as suas contribuições, traduziu para o português vários livros de teologia e comentários bíblicos: *Compêndio de Doutrina Cristã* (F. L. Patton), *A Igreja e Livro de Ordem* (W. Binney), *Comentário de São Marcos* (J. C. Ryle), *Noites com os Romanistas* (M. H. Seymour), *A Bíblia Empréstada*. Traduziu vários folhetos e auxiliou o Rev. Blackford na tradução da “versão brasileira” do Novo Testamento (1879). Escreveu ainda *O Presbiterato Regente*, *O Diaconato* e *Epítome do Governo Presbiteriano*, bem como artigos e sermões. Além da *Imprensa Evangélica*, escreveu no *Púlpito Evangélico*. Preservou valiosos relatórios apresentados ao Presbitério do Rio de Janeiro pelos primeiros missionários e pastores, a chamada “Coleção Carvalhosa” (1866-1875). Como professor do Mackenzie College, deixou um livro didático, *Lições Práticas de Escrituração Mercantil*.

Sua contribuição mais duradoura foi na área da liturgia. Como presidente da Comissão do Livro de Ordem, Carvalhosa fez a revisão e adaptação do Diretório do Culto Público de Westminster que foi adotado como parte da constituição da igreja brasileira. Compilou e preparou o primeiro *Manual do Culto* para uso da Igreja Presbiteriana do Brasil, destinado

primordialmente aos pregadores leigos. As primeiras edições, ampliadas gradativamente, datam de 1874, 1886, 1892 e 1906. A 5ª edição foi publicada em 1924 pelo seu sucessor no pastorado da Igreja Unida, Rev. Matatias Gomes dos Santos. Lamentavelmente, as edições posteriores dessa obra que lhe custou tantos esforços nem chegaram a mencionar o seu nome.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 39-41, 85, 86b (foto), 87, 89, 95, 112, 130, 256s, 260, 282, 304, 309, 327, 436, 442s, 556-559, 605.
- Ferreira, *História da IPB*, I:85, 95, 132s, 187-189, 214, 240, 265, 286, 319s, 345, 391s, 508-510, 521-523; II:75, 124, 190, 426.
- *The Foreign Missionary*, Fev 1872, p. 274; Mai 1873, p. 370.
- Relatórios Pastorais, 1866-1875, Coleção Carvalhosa, Arquivo Presbiteriano.
- “O Patriarca do Nosso Ministério Nacional”, *Revistas das Missões Nacionais* (Junho 1912), 1.
- “D. Margarida de Castro Carvalhosa”, *Revista das Missões Nacionais* (Junho 1915), 1.
- Vicente Temudo Lessa, “Rev. Modesto P. B. de Carvalhosa”, *O Estandarte* (23-08-1917), 7-9.
- McIntire, *Portrait*, 5/43-46.
- Hahn, *Culto Protestante no Brasil*, 195-209.
- Olivetti, *Na Esteira dos Passos de Deus*, 128, 204s, 233-237.

Rev. Antônio Bandeira Trajano

Primeiro pastor nacional da Igreja do Rio de Janeiro

Antônio Trajano nasceu no dia 30 de agosto de 1843 em Vila Pouca de Aguiar, Portugal. Frequentou por três anos a escola local e aos doze anos foi para a escola secundária de Guimarães. Veio para o Brasil aos catorze anos, em 1857, naturalizando-se e trabalhando no comércio. A casa comercial em que era empregado no centro velho de São Paulo ficava defronte àquela em que trabalhava o futuro colega de estudos e ministério Miguel Gonçalves Torres, pertencendo ambas ao mesmo proprietário. Afastados durante o dia, os dois moços tinham um só dormitório. Trajano passou a frequentar a casa do comerciante José Maria Barbosa da Silva (1835-1898), também português, pelo qual foi evangelizado. José Maria, mais conhecido como Barbosinha, residente à Rua Aurora, foi um dos primeiros crentes de São Paulo, tendo se convertido no mesmo ano da chegada do Rev. Alexander L. Blackford (1863), mediante o testemunho de um vizinho na Rua Aurora, o colportor português Manoel Pereira da Cunha Bastos, convertido na igreja do Rev. Kalley e enviado a São Paulo pelo Rev. Simonton.

Ao lado de Miguel Torres, Barbosinha e três outras pessoas, Trajano foi um dos membros fundadores da Igreja Presbiteriana de São Paulo, organizada pelo Rev. Blackford no dia 5 de março de 1865. No final daquele ano, visitou a cidade de Bragança na companhia de George Chamberlain, distribuindo Bíblias e literatura evangélica. Foi a primeira visita de presbiterianos àquela cidade. Depois de dois anos trabalhando como colportores nas

províncias de São Paulo e Minas, os jovens Trajano, Miguel Torres e um novo membro da igreja, Modesto Carvalhosa, ingressaram no seminário fundado pelo Rev. Ashbel G. Simonton no Rio de Janeiro, cujas aulas tiveram início no dia 14 de maio de 1867. Além de estudar, os seminaristas lecionavam na escola paroquial anexa à igreja, cabendo a Trajano o ensino de geografia e aritmética. Nas férias, os moços colaboravam com o trabalho evangelístico. De novembro de 1868 a fevereiro de 1869, Trajano esteve em Lorena, auxiliando a igreja recentemente organizada (17-05-1868).

Trajano e seu colega Modesto Carvalhosa foram formalmente recebidos como candidatos ao ministério e licenciados no dia 22 de agosto de 1870, na 6ª reunião do Presbitério do Rio de Janeiro. De setembro a dezembro de 1870, trabalhou em Borda da Mata, Minas Gerais, e depois auxiliou o Rev. Blackford no Rio de Janeiro. Por algum tempo, colaborou com a professora Palmira Rodrigues na Escola Americana, em São Paulo. Casou-se com Olímpia T. de Souza Bertoldo em 8 de março de 1873, em Sorocaba, sendo a cerimônia oficiada pelo Rev. George Chamberlain. Olímpia era irmã de Sofia Aurelina de Souza Bertoldo, a primeira esposa do escritor Júlio Ribeiro. A família Bertoldo foi a primeira a aceitar o evangelho em Sorocaba. No segundo semestre de 1873, por decisão do presbitério, passou a residir em Brotas, substituindo o Rev. João Fernandes Dagama, que se transferiu para Rio Claro. Sua filha Guiomar, nascida em 1º de maio de 1875, foi batizada pelo Rev. Dagama em 16 de julho de 1876, em Rio Claro.

Sua ordenação, bem como a do colega Miguel Torres, só ocorreu cinco anos mais tarde, em 10 de agosto de 1875, na cidade de Rio Claro. O sermão de Trajano versou sobre Mateus 24.30. O novo ministro ficou a cargo das Igrejas de Brotas, Rio Novo e Dois Córregos. No dia 10 de agosto de 1876, ele foi eleito o primeiro pastor nacional da Igreja do Rio de Janeiro, assumindo o cargo em 27 de novembro. Em agosto do ano seguinte, foi lecionar matemática na Escola Americana, em São Paulo. Retirou-se triste do Rio, em virtude da morte de uma filhinha. A pedido da missão norte-americana, reassumiu em outubro de 1880 o pastorado da Igreja do Rio, cargo que ocupou por quase treze anos, até abril de 1893. Nesse ano, acometido de séria enfermidade, foi para a Europa em busca de tratamento. Durante seu pastorado no Rio, Trajano organizou a Igreja de Ubatuba (28-11-1880) e, acompanhado do Rev. John M. Kyle, a 2ª Igreja do Rio de Janeiro (23-08-1885). Foi eleito moderador do Presbitério do Rio de Janeiro em 1875 e exerceu o mesmo cargo no Sínodo (1894-1897). Foi um dos dirigentes da *Imprensa Evangélica*.

Em virtude da saúde precária, Trajano ficou afastado do pastorado por vários anos. Todavia, cooperou muito com o trabalho do Rev. Álvaro Reis, seu ex-aluno na Escola Americana e pastor da Igreja do Rio desde 1897. Nos domingos de Santa Ceia subia ao púlpito com o Rev. Álvaro e presidia a celebração do sacramento. Participou da fundação do jornal *O Puritano*. Esteve entre os fundadores e sócios beneméritos do Hospital Evangélico e da Associação Cristã de Moços. Encaminhou ao ministério o ex-sacerdote Antônio André Lino da Costa. Foi nomeado o primeiro historiador da IPB, registrando dados preciosos sobre os primórdios do presbiterianismo no Brasil. Em 1902, publicou o “Esboço Histórico da Igreja Evangélica Presbiteriana”, alusivo ao 40º aniversário da Igreja do Rio. O Rev. Trajano foi jubilado pelo Presbitério do Rio de Janeiro em julho de 1902,

porém só veio a falecer dezanove anos mais tarde, em 23 de dezembro de 1921. Com ele desapareceu a primeira geração de obreiros presbiterianos do Brasil, aqueles da década de 1860. Teve sete filhos: Rubem, Heitor, Túlia (falecidos antes que o pai), Guiomar, Eudócio, Arquimedes e Angelina. Estes últimos foram todos membros da igreja.

Suas experiências de ensino na escola paroquial da Igreja do Rio e na Escola Americana de São Paulo mostraram-lhe a grande necessidade de livros didáticos. Seus livros de aritmética e álgebra (*Aritmética Primária*, *Aritmética Elementar*, *Aritmética Progressiva* e *Álgebra Elementar*) começaram a ser publicados em 1879 e foram utilizados por muitos anos em escolas de todo o Brasil, recebendo elogios de especialistas na matéria. Depois de jubulado, escreveu a obra *Estudos da Língua Vernácula* e duas séries de sermões publicados sob o título *Luz Messiânica*. Deixou ainda vários sermões no *Púlpito Evangélico*. Trajano foi um orador fluente, cujos sermões agradavam o auditório. Tinha uma índole dócil e pacífica. Devido a sua grande aceitação, seus livros didáticos lhe forneceram amplos recursos de subsistência.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 31, 82, 85, 87, 94, 112, 115, 129, 137, 141, 153, 173, 193, 271, 452, 531, 647.
- Ferreira, *História da IPB*, I: 59, 85, 135s, 238-240, 311, 344, 477, 518, 563; II:192, 284.
- *The Foreign Missionary* (Outubro 1872), 149.
- A. B. Trajano. *Luz Messiânica, 1ª Série, contendo doze preleções sobre diversos pontos da Palavra Divina, preparadas para esclarecimento, consolo e edificação dos fiéis*. Rio de Janeiro: Tipografia Martins de Araújo, 1910.
- A. B. Trajano. *Luz Messiânica, 2ª Série*. Rio de Janeiro: Martins de Araújo, 1912.
- A. B. Trajano. *Aritmética Progressiva*. 93ª ed. atualizada por Franklin Mendes. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1965.
- “Dados Históricos” (antigos relatórios pastorais conservados pelo Rev. Modesto Carvalhosa).
- “Esboço Histórico da Igreja Evangélica Presbiteriana”, *Almanak Histórico do “O Puritano”*, ed. Álvaro Reis (Rio de Janeiro: Casa Editora Presbiteriana, 1902), 1-28.
- “Rev. Antonio Bandeira Trajano”, *O Puritano* (29-12-1921), 1.
- “Rev. Antonio Trajano”, *O Estandarte* (05-01-1922), 5, 10.
- McIntire, *Portrait*, 5/3, 5/39.

Rev. Miguel Gonçalves Torres

Consagrado pastor em Caldas, sul de Minas Gerais

Miguel Torres nasceu na Vila de Caminha, no extremo norte de Portugal, em 1849, e veio para o Brasil ainda bem jovem. Ele e o amigo Antônio Bandeira Trajano converteram-se em 1864 através do testemunho de José Maria Barbosa da Silva, o Barbosinha, um dos primeiros crentes presbiterianos de São Paulo. Barbosinha evangelizou o jovem Trajano e este transmitiu a fé ao adolescente Miguel, com apenas 15 ou 16 anos. Miguel trabalhava em uma casa de tecidos da qual era sócio o seu irmão Luiz Gonçalves Torres. Tinha de sair do seu quarto às escondidas, altas horas da noite, para estudar a Bíblia com o amigo

Trajano. Essa Bíblia precisava ser enterrada na areia do quintal para não ser destruída pelo irmão. Foi despedido da loja em que trabalhava ao advertir um freguês sobre o mau estado de uma peça de tecido. Interpelado pelo patrão, disse que havia resolvido não mentir mais.

Miguel foi um dos seis membros fundadores da Igreja Presbiteriana de São Paulo, tendo sido recebido por profissão de fé e batismo pelo Rev. Alexander L. Blackford em 5 de março de 1865, data da organização da igreja. Outras pessoas recebidas naquele dia foram o amigo Trajano, bem como Barbosinha, sua esposa e sua enteada. Tendo dificuldade de guardar o domingo nos empregos que encontrou, Miguel resolveu aprender o ofício de marceneiro. Incentivado pelo Rev. Blackford, decidiu então dedicar-se ao serviço de colportagem e aos estudos para o ministério. Em 1866 e início de 1867, fez várias viagens em São Paulo e Minas na companhia do futuro colega de ministério Antônio Pedro de Cerqueira Leite, distribuindo Bíblias e literatura religiosa. Em março de 1867, acompanhou o Rev. José Manoel da Conceição em uma viagem evangelística ao sul de Minas, visitando Ouro Fino, Borda da Mata, Pouso Alegre e Santana do Sapucaí.

Foi um dos quatro estudantes do Seminário do Rio de Janeiro, fundado pelo Rev. Simonton, cujas aulas tiveram início no dia 14 de maio de 1867. Seus colegas foram Antônio Bandeira Trajano e Modesto Perestrello Barros de Carvalhosa, também portugueses e membros da Igreja de São Paulo, e o brasileiro Antônio Pedro de Cerqueira Leite, da Igreja de Brotas. Seus professores foram os Revs. Simonton, Francis Schneider e Carlos Wagner, este último pastor da Igreja Luterana. Os seminaristas lecionavam na escola paroquial anexa à Igreja do Rio de Janeiro. Miguel Torres ensinou gramática e colaborou com o periódico *Imprensa Evangélica* até 1872. Foi licenciado pelo Presbitério do Rio de Janeiro em 19 de julho de 1871. Nas férias visitou Lorena, Borda da Mata, Pouso Alegre e Caldas.

Durante sua estadia no Rio, contraiu tuberculose, o que muito prejudicou os seus estudos. Sua tosse persistente podia ser ouvida nas dependências do seminário. Embora o Presbitério do Rio de Janeiro inicialmente o tivesse designado para Sorocaba, por recomendação médica mudou-se em 1872 para Caldas, na região serrana do sul de Minas, precisando ser transportado de liteira. Passou a residir com o casal Manoel e Bárbara Pinto de Andrade, tios do colega Antônio Pedro. Em 1866, quando ainda aspirante ao ministério, visitara Caldas com Antônio Pedro, vendendo Bíblias. O primeiro obreiro evangélico a pregar em Caldas foi o Rev. Robert Lenington, em 15 de maio de 1872, pouco antes da chegada de Miguel Torres. Entre os seus ouvintes estava o futuro pastor Caetano Nogueira Júnior. A Igreja de Caldas foi organizada no ano seguinte, em 20 de abril de 1873, pelo Rev. George W. Chamberlain.

Nesse ano, possivelmente após ter comparecido em agosto à reunião do presbitério em São Paulo, no início de setembro Miguel foi até Lorena e dali seguiu para Caldas pregando em várias cidades (Itajubá Velho, Itajubá Novo, Santa Rita e Santana de Sapucaí). Foi essa a primeira vez que a fé evangélica foi anunciada em Itajubá, estando presentes as pessoas mais destacadas da cidade, entre as quais o juiz de direito. O impacto foi tão positivo que o jovem licenciado foi convidado a pregar no teatro local para um auditório de 200 a 300

peessoas. Nunca havia pregado em um recinto como esse, ficando impressionado com o silêncio e a atenção dos ouvintes.

Miguel Torres foi ordenado com o colega Antônio Trajano em 10 de agosto de 1875, na cidade de Rio Claro. Seu sermão de prova baseou-se no texto de 1 Timóteo 1.15. Foram-lhe confiadas as Igrejas de Caldas, Machado e Borda da Mata, que pastoreou por quase dezessete anos. Também visitou regularmente Campestre, Areado, Cabo Verde e São Bartolomeu. Em Caldas, abriu uma escolinha que funcionava na mesma sala dos cultos, da qual foi hábil professor, tendo tido entre os seus alunos o futuro cientista Vital Brasil. Em 1881, organizou duas igrejas no seu campo, Cabo Verde (23-05) e Areado (26-10), tendo também contribuído para o surgimento da Igreja de São João da Boa Vista. Em São Bartolomeu de Cabo Verde, evangelizou a família de Antônio de Pádua Dias e diversas outras, dando origem a uma forte comunidade evangélica. Essas pessoas haviam sido influenciadas pela leitura da Bíblia e do livro de Torres, *À Barra do Evangelho*. Pádua Dias foi tropeiro, lavrador e comerciante, e era um autodidata e musicista nato. Exerceu grande influência no sul de Minas e lutou pela liberdade de consciência. Mais tarde, aquela localidade recebeu o seu nome.

Miguel casou-se com Maria Luíza de Andrade, irmã do seu hospedeiro Manoel Pinto de Andrade, a qual também viera a Caldas a fim de tratar-se. Não tiveram filhos. Luizinha, como ele a chamava, foi uma esposa dedicada que muito o auxiliou no ministério. Apesar da saúde frágil, Miguel viajava constantemente visitando o seu campo e era muitíssimo estimado por todos. Escrevendo em 1919, Herculano de Gouvêa registrou as palavras que ouvira em 1879 do patriarca da Igreja de Borda da Mata, Antônio Joaquim de Gouvêa: “O Rev. Miguel Torres vem trazer-nos sempre a Palavra de Deus; mas causa pena vê-lo tão doente e fraco, a ponto de, chegando aqui, ficar dois e três dias de cama, antes de começar o serviço. Levanta-se, porém, alegre: prega, canta, encanta a igreja com o seu admirável exemplo!” Torres foi moderador do Presbitério do Rio de Janeiro em 1878 e 1887. Por estar doente, não pôde participar da organização do Sínodo, em 1888, mas na reunião seguinte desse concílio, em 1891, foi eleito moderador. No dia 1º de setembro de 1891, durante a reunião do Presbitério de Minas em Mogi-Mirim, participou da ordenação de Herculano de Gouvêa, João Vieira Bizarro e Bento Ferraz, fazendo a parênese. Enfrentou perseguições clericais em diversos lugares do seu campo. Por causa de uma delas, ocorrida em Caldas em 1880, travou um debate com Estêvão Leão Bourroul, advogado e político de Franca (SP), através do seu jornal *O Monitor Católico*.

O Rev. Miguel Torres também se destacou como escritor e polemista. Em 1879 veio a lume o seu livro de controvérsia intitulado *À Barra do Evangelho*, escrito no contexto da “Questão Religiosa”, um célebre conflito entre dois bispos do norte do Brasil e o governo imperial, por causa da maçonaria. Os bispos eram fortes partidários do papa Pio IX (1846-1878) e muito agressivos contra os protestantes. Daí o título completo do livro de Miguel Torres: “A Igreja Romana à barra do Evangelho e da história na pessoa de seu campeão, o bispo do Pará ou Análise e refutação do catecismo sobre a Igreja Católica de D. Antônio de Macedo Costa”. Torres também escreveu o livro *Vida de Jesus* (1884), uma réplica evangélica à obra homônima do racionalista francês J. Ernest Renan (1823-1892), publicada

em 1863. Seu valioso escrito “A religião evangélica perante o público” foi publicado, a pedido do Presbitério do Rio de Janeiro, pela Junta de Publicações da Igreja do Norte (PCUSA), e o folheto “Pela graça é que somos salvos mediante a fé” foi lançado postumamente pela Sociedade Brasileira de Tratados Evangélicos. A pedido do Rev. John M. Kyle, começou a escrever uma série de estudos sobre as parábolas, mas só teve tempo de elaborar dois deles, sobre as parábolas do fermento e da pérola de grande preço. Também deixou artigos na *Imprensa Evangélica* e sermões em *O Púlpito Evangélico*.

Miguel Torres possuía grandes qualidades como pastor. Destacava-se pela dignidade que assumia na direção do culto. Guardando as forças para o sermão, raras vezes ajudava a cantar os hinos; quando cantava, porém, o fazia de modo sublime. Ao ministrar a Ceia, tinha o costume de cantar sozinho enquanto os oficiais distribuía os elementos. Pregava com eloquência, sendo muito hábil no uso de ilustrações. Levou muitas pessoas ao conhecimento de Cristo. Acima de tudo, era um homem de oração e de fé. Um texto publicado após a sua morte afirmou: “Confiante como uma criança e suave nas suas atitudes, como Enoque, ele andou com Deus”. Preocupava-se com as crianças e com a educação, tendo aberto escolas paroquiais em Caldas e Borda da Mata. O Rev. Alfredo Borges Teixeira (1878-1975), que foi por ele batizado aos 18 dias de vida, disse que os dias mais felizes da sua infância eram aqueles em que o Rev. Miguel chegava a Borda da Mata nas suas visitas pastorais. O seu principal discípulo foi o Rev. Caetano Nogueira Jr., a quem ele encaminhou no ministério. Era uma voz influente na política da jovem igreja presbiteriana e o seu espírito conciliador tornava mais fácil o relacionamento entre os ministros nacionais, desejosos de maior autonomia, e os missionários estrangeiros.

Presentindo o fim, viajou pelo seu campo despedindo-se das igrejas. Certa vez, comentando um sonho que tivera sobre a sua morte, concluiu: “O céu é que nos vem buscar”. O Rev. Miguel Torres faleceu em Caldas no dia 12 de maio de 1892, aos 43 anos de idade. Nesse ano trágico para o nascente presbiterianismo brasileiro, também morreram dois outros valorosos obreiros: Edward Lane, o pioneiro de Campinas, e John Boyle, o pioneiro do Brasil Central. Em 1924, Alfredo B. Teixeira levantou fundos para o túmulo de Miguel Torres e foi a Caldas com Bento Ferraz para a inauguração. Tiveram dificuldade de identificar o local, mas uma preta idosa, Carolina, que nunca deixara de visitar o jazigo do seu inesquecível pastor, lhes indicou o lugar.

Em 1948, o Rev. Júlio Andrade Ferreira, futuro “historiador emérito” da IPB, publicou uma inspiradora biografia desse ministro, intitulada *O Apóstolo de Caldas*. Dentre os muitos frutos do ministério de Miguel Torres estavam os pais do Rev. Júlio, Joaquim José Ferreira e Gabriela Ernestina Andrade Ferreira, que com ele professaram a fé em Caldas no dia 21 de agosto de 1887, quando recém-casados. Menos de dois anos depois (31-03-1889), Joaquim tornou-se um dos fundadores e o primeiro presbítero da Igreja Presbiteriana de São João da Boa Vista, no Estado de São Paulo. O grêmio religioso dos estudantes do antigo Instituto José Manoel da Conceição, em Jandira, homenageou o Rev. Miguel Torres adotando-o como patrono. Um dos atuais edifícios do Mackenzie na Rua Maria Borba tem o seu nome.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 31, 85, 86b (foto), 89, 94s, 112, 129, 137, 173, 271, 417.
- Ferreira, *História da IPB*, I:59, 85, 133-135, 173-177, 188s, 208, 210, 216, 220s, 334, 336s, 366.
- *The Foreign Missionary* (Março 1874), 307s.
- Miguel G. Torres. *A Igreja Romana à Barra do Evangelho e da História, na Pessoa de seu Campeão o Bispo do Pará ou Análise e Refutação do Catecismo sobre a Igreja Católica, de D. Antonio Macedo Costa*. Rio de Janeiro: Livraria Evangélica, 1879.
- Livro da Atas da Igreja de Cabo Verde (1881-1904), Arquivo Presbiteriano.
- Alfredo Borges Teixeira, “Rev. Miguel Gonçalves Torres”, *O Estandarte* (4 e 11-01-1912), p. 30-33.
- Herculano de Gouvêa, “Rev. Miguel Torres”, *Expositor* (1919), 273s.
- Júlio Andrade Ferreira. *O Apóstolo de Caldas: Vida, Época, Obras e Influência Póstuma do Rev. Miguel Gonçalves Torres*. Franca: Gráfica Renascença, 1948.
- Júlio Andrade Ferreira e Joaquim José Ferreira Jr. *Uma Lembrança e Dez Destinos*. 1979.
- McIntire, *Portrait*, 5/41s.
- Braga, *Música Sacra Evangélica*, 143s.

Rev. Antônio Pedro de Cerqueira Leite

Valoroso obreiro em Sorocaba e sul de São Paulo

Antônio Pedro nasceu no dia 29 de junho de 1845 em São João de Morro Azul, comarca de Limeira, sendo batizado em Rio Claro. Era filho do goiano Antônio Remígio Ordonho e da mineira Cândida Pereira Lima, e primo de Eduardo Carlos Pereira, sendo dez anos mais velho do que este. Era o mais novo de seis irmãos (José Rufino, Francisco Messias, Remígio, Rodrigo e Álvaro) e tinha também duas irmãs (Bárbara e Maria Bárbara). Aos nove anos, residindo em São João da Boa Vista, já estudava latim, o que continuou a fazer em Brotas com dois sacerdotes, um dos quais o futuro Rev. José Manoel da Conceição. Com o auxílio deste, empregou-se no comércio em Limeira, onde aprendeu música, para a qual tinha grande talento. Em 1864 estava novamente em Brotas, vindo a organizar uma banda de música que animava as festas locais. Nessa época (1864-1865), o evangelho estava chegando a essa pequena cidade, através das visitas de missionários como Alexander Blackford, Ashbel Simonton, George Chamberlain e Francis Schneider, além de José Manoel da Conceição, que acabava de abraçar a fé evangélica. Este, quando ainda padre, já vinha falando aos seus paroquianos das famílias Gouvêa e Cerqueira Leite acerca das suas lutas espirituais. Através desses testemunhos e da leitura da Bíblia, Antônio Pedro se converteu. O mesmo aconteceu com a mãe (viúva e professora) e com os irmãos.

Convocado para a Guerra do Paraguai em 1865, descobriu que esse fato resultara de uma perseguição, motivada em parte por suas novas convicções religiosas. Retirou-se para o sítio de Henrique Gomes, entre Brotas e Piracicaba, onde o Rev. Blackford foi convidá-lo para estudar com vistas ao ministério. Por dois anos, foi contratado para fazer o serviço de colporteur, vendendo e distribuindo Bíblias, Novos Testamentos e folhetos. Em agosto e

setembro de 1866, saiu de São Paulo na companhia de outro recém-convertido, Miguel Torres, fazendo longa excursão pelo Vale do Paraíba até Cachoeira e depois ao sul de Minas, visitando Santana do Sapucaí, Pouso Alegre e Camanducaia. Em Santana residiam seus tios Manoel e Bárbara Pinto de Andrade, sendo esta irmã de sua mãe, D. Cândida. Em outubro e novembro os dois moços fizeram nova viagem, dessa vez por Bragança, Amparo, Serra Negra, Socorro, Capela Nova (Monte Sião), Jacutinga, Pinhal, Samambaia (Andradas), Santa Rita, Caldas e Santana do Sapucaí. Em 12 de novembro, achando-se em São José do Paraíso, correu perigo de ser recrutado, pois se esqueceram do seu passaporte. Com isso, deixou Miguel Torres e partiu de imediato para São Paulo.

No dia 30 de dezembro de 1866, um domingo, estando presente o Rev. Simonton, Antônio Pedro foi recebido por profissão de fé e batismo na Igreja de São Paulo, organizada no ano anterior, e participou pela primeira vez da Santa Ceia. Logo em seguida, novamente acompanhado por Miguel Torres e em parte do caminho pelos Revs. Blackford e Conceição, percorreu o Vale do Paraíba até Pindamonhangaba, distribuindo literatura e testemunhando. Em setembro de 1867, foi na direção oposta: Sorocaba, Tatuí e Itapetininga.

No início de março de 1868, embarcou em Santos no vapor Santa Maria. Chegou à corte no dia 8 e ingressou no Seminário do Rio de Janeiro, fundado por Simonton quase um ano antes. Foram seus professores os Revs. Schneider e Blackford; teve aulas de álgebra com aquele e de oratória com este, além de outras matérias. Seus colegas eram Modesto Carvalhosa, Antônio Trajano e o companheiro de viagens Miguel Torres. Os estudantes eram treinados a fazer debates sobre os assuntos mais diversos, ouvindo críticas de todo o grupo. Além de estudar, Antônio Pedro ensinou música na escola paroquial anexa à Igreja do Rio. Saudoso do lar e dotado de um temperamento sensível, escreveu muitas cartas com informações interessantes e curiosas sobre o seu estado de ânimo e as atividades acadêmicas do seminário. Lutou com muitas dificuldades, até que um incidente desagradável fez o cálice transbordar. Numa sexta-feira de 1870, ao iniciar um discurso que preparara como parte de seus deveres acadêmicos, ficou nervoso e esqueceu-se do que devia dizer. Abandonou o seminário e regressou a Brotas, onde se dedicou ao ensino primário na escola evangélica anexa à igreja.

Em abril e maio de 1872, acompanhou o Rev. Robert Lenington, pastor da Igreja de Brotas, em uma longa excursão evangelística ao sul de Minas, passando por Araras, Mogi-Mirim, Borda da Mata, Pouso Alegre, Bom Retiro, Campanha e Caldas. No mesmo ano, a Sra. Mary Ann Annesley, esposa do Rev. Chamberlain, o persuadiu a continuar os estudos em São Paulo, para onde se dirigiu em setembro. Incentivado pela mãe, venceu o seu natural acanhamento, bem como as saudades de Brotas e da família. Em 30 de dezembro de 1872, numa reunião extraordinária do presbitério em São Paulo, foi aceito como candidato ao ministério. Deu prosseguimento aos seus estudos com os Revs. Chamberlain e Emanuel Vanorden, e cooperou com Palmira Rodrigues, uma das primeiras professoras da Escola Americana (desde fevereiro de 1872). Foi licenciado em 10 de agosto de 1873 e poucos dias depois, em 18 de setembro, na residência do Rev. Chamberlain, casou-se com Palmira, que também era dotada de grande talento musical, sendo exímia pianista. Ela havia sido

arrolada na Igreja de São Paulo em 3 de junho de 1872. No mesmo dia do casamento o casal seguiu para Sorocaba, onde Antônio Pedro iria cumprir a licenciatura. Durante três anos, realizou estudos especiais por determinação do Presbitério do Rio de Janeiro.

Após ser aprovado no exame final de teologia e proferir os votos constitucionais, Antônio Pedro foi ordenado ao ministério no dia 8 de agosto de 1876, no Rio de Janeiro, proferindo a parênese o colega Modesto Carvalhosa, ordenado cinco anos antes. Residiu em Sorocaba durante dez anos, desde a sua licenciatura até o final da carreira, em 1883. Trabalhou em prol da construção do templo local e dedicou-se de maneira especial à música sacra, criando o primeiro coral presbiteriano do Brasil (1876), que se tornou muito afamado. No dia 22 de junho de 1883, escreveu de Paranapanema durante uma viagem: “Espero que os membros do nosso coral se tenham adiantado nos ensaios e que a nossa jovem organista tenha aprendido a tocar muitos hinos durante estes 32 dias que já tenho estado ausente, afora os que ainda vou gastar para chegar em Sorocaba. Quando lá chegar, quero ter o prazer de ouvi-la tocar bastante”.

Foi incansável evangelista, empreendendo longas viagens a cavalo até os sertões de Faxina (Itapeva). Sua primeira visita a essa antiga cidade ocorreu em 1875, quando ainda era licenciado. Consta que, ao aproximar-se do lugar, desceu do cavalo e orou de joelhos, apreensivo. Bateu à porta de um membro da família Moura. Veio recebê-lo uma criada, que foi depressa contar ao dono da casa: “Aí está um homem parecido com Jesus Cristo”. A igreja foi organizada no dia 4 de maio de 1879. Na ocasião, foram recebidos três membros e batizadas duas crianças. Um dos pioneiros foi o presbítero João Antunes de Moura, que trabalhou como colportor e evangelista, indo até Guarapuava, no interior do Paraná. Foi pai do Rev. Uriel de Moura, que serviu por muitos anos ao Presbitério de Itapetininga. O vasto campo de Antonio Pedro também incluía localidades como Tietê, Tatuí, Itapetininga, Guareí, Lençóis, Paranapanema, Rio Novo, Capão Bonito e Apiaí. Numa de suas cartas, ele disse: “Andei pelo Rio Novo, Faxina e Paranapanema. O evangelho vai entrando por esse sertão que é um gosto ver-se”. Organizou a Igreja de Guareí no dia 12 de junho de 1882. Pouco antes de sua morte, foi convidado para pregar no estado vizinho. Diz ele: “Nesta minha viagem tencionava penetrar no Paraná e pregar nas cidades de Castro e Ponta Grossa, mas o tempo era impróprio, por ser inverno. Tive, porém, o prazer de receber um abaixo-assinado, firmado por nove pessoas, que de Castro me pediam que fosse lá pregar”.

Foi colaborador assíduo da *Imprensa Evangélica*, revelando-se hábil polemista. Em 1880, escreveu nesse jornal uma série de artigos que dois anos depois foram enfeixados em um opúsculo de cinquenta páginas, *As Bíblias Falsificadas, Resposta a uma Velha Pastoral*. Consistia na refutação de uma pastoral do arcebispo da Bahia, D. Manoel Joaquim da Silveira, que fora escrita em 1862, sendo mais tarde reproduzida pelo Dr. Estêvão Leão Bourroul em seu jornal *O Monitor Católico*, de Franca, São Paulo. No púlpito, o jovem ministro era uma figura atraente. Alto, pálido, fronte ampla, cabelos pretos e bigode espesso, olhos negros e brilhantes, tinha voz timbrada e simpática entrecortada pela emoção, dicção clara, exposição simples e agradável, sem grandes arroubos, gesticulação apropriada e postura modesta, formado um conjunto que impressionava agradavelmente o auditório.

O operoso ministro faleceu durante a 19ª reunião do Presbitério do Rio de Janeiro, realizada na capital do império. Pouco antes, realizara a longa excursão a cavalo pelo seu vasto campo, mencionada acima. Portador de problemas cardíacos, seu médico havia desaconselhado a ida ao presbitério. Sendo o moderador do presbitério no ano anterior, Antônio Pedro presidiu a sessão de abertura, pregando um inspirador sermão sobre Lucas 7.39-48. Após os trabalhos, dirigiu-se com o colega Miguel Torres para Santa Teresa, onde estavam hospedados na residência do Rev. James T. Houston, pastor da Igreja do Rio. Ao raiar do dia seguinte, 31 de agosto de 1883, logo após responder ao colega, que lhe perguntara como havia passado a noite, o Rev. Antônio Pedro foi vitimado por uma síncope fulminante, falecendo aos trinta e oito anos de idade e sete de ministério. Foi sepultado no dia seguinte, 1º de setembro, no Cemitério de São Francisco, no Caju. Oficiou no enterro o Rev. Robert Lenington e Miguel Torres proferiu tocantes palavras de despedida. Foi o quarto obreiro presbiteriano a falecer, depois de Simonton, William Pitt e José Manoel da Conceição. Pretendia iniciar a evangelização do Paraná logo após o regresso do presbitério.

Antônio Pedro e Palmira tiveram sete filhos: Filúvio (morto na infância), Júnia, Lisânias, Algina, Lisenor, Jaziel e Nefália. Pelo menos duas filhas, Júnia e Nefália, foram batizadas pelo Rev. Chamberlain. Todos estudaram na Escola Americana. O obreiro falecido deixou um continuador na pessoa do seu filho Lisânias de Cerqueira Leite (1875-1943), que foi engenheiro civil e ocupou importantes cargos em empresas ferroviárias. Mais tarde, estudou no Seminário Unido e foi ordenado pastor em 1925. Herdou do pai o gênio de polemista, tendo refutado um livro do padre Leonel Franca. Júnia foi professora em Cajuru e baluarte da igreja daquela cidade (faleceu em 17-11-1902); Lisenor foi membro atuante da Igreja Unida de São Paulo e a caçula Nefália veio a casar-se com o Rev. José Ozias Gonçalves. Outro destacado membro da família foi o sobrinho e discípulo de Antônio Pedro, Remígio de Cerqueira Leite (1858-1904), que por muitos anos lecionou na Escola Americana e depois na Escola Normal da Praça da República.

Dona Palmira casou-se em segundas núpcias com o Sr. João Exel, com quem teve duas filhas: Scintilla e Alísia. Residiu em Mococa (SP), onde fundou o Colégio Americano, e foi professora por muitos anos no Colégio Carlota Kemper, em Lavras. Faleceu em julho de 1912, vitimada por um acidente na Estrada de Ferro União Valenciana, perto de Valência, para onde se dirigia. Após ter residido em Lavras, a professora Scintilla mudou-se para Belo Horizonte, sendo arrolada na igreja presbiteriana daquela nova capital em 23 de fevereiro de 1925 e designada superintendente da escola dominical. Da família Cerqueira Leite procederam vários outros ministros, como os Revs. Hélio Cerqueira Leite (1918-1970) e Mário Cerqueira Leite Júnior (falecido em 21 de dezembro de 1969). Hélio era filho de Raul e neto de José Rufino, irmão mais velho do Rev. Antônio Pedro (era, portanto, sobrinho de Elvira, irmã de Raul e esposa do Rev. Herculano de Gouvêa). Por sua vez, o Rev. Mário era neto de Francisco Messias, outro irmão de Antônio Pedro, e sobrinho do professor Remígio de Cerqueira Leite.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 45, 86a (foto), 87, 95, 112, 116, 125s, 141, 145, 220-223.

- Ferreira, *História da IPB*, I:85-88, 136, 150, 187s, 190s, 198-202, 279.
- Eduardo Carlos Pereira, “Traços Biográficos do Rev. Antonio Pedro de Cerqueira Leite”, *O Estandarte* (4 e 11-01-1912), 17-30.
- Notas de falecimento de D. Palmira Exel: *O Puritano* (11-07-1912), 6, e *O Estandarte* (18-07-1912), 16.
- “Rev. Antônio Pedro de Cerqueira Leite”, *Nosso Álbum* (Brotas, 1933).
- Ferreira, *O Apóstolo de Caldas*, passim.
- McIntire, *Portrait*, 5/40s.
- Lázaro Lopes de Arruda, “A Igreja Presbiteriana de Itapeva no marco de cem anos”, *Brasil Presbiteriano* (15-05-1979), 7.
- Braga, *Música Sacra Evangélica*, 349s.
- Emrich e Vargas, *Pioneiros da Evangelização Presbiteriana no Paraná*, 7.
- Ribeiro, *Protestantismo e Cultura Brasileira*, 262s.
- Lázaro Lopes de Arruda, *Os Meus Dias* (Indaiatuba: Rumograf, 1997), 90.
- Kerr, *Atividade Musical na Igreja Presbiteriana Unida*, 45-49.
- Genealogia da Família Cerqueira Leite, Arquivo Presbiteriano.

Rev. Eduardo Carlos Pereira

Fundador da Igreja Presbiteriana Independente

Eduardo Carlos Pereira nasceu em Caldas, Minas Gerais, no dia 8 de novembro de 1855. Ele e todos os Cerqueira Leite, seus parentes, eram descendentes de um judeu português, Richion da Costa Lima, um mercador que perdeu o seu navio em uma tempestade quando vinha para o Brasil e resolveu permanecer no país. Um filho seu, capitão Silvestre da Costa Lima, foi minerador e poeta em Minas Gerais. Os pais de Eduardo eram o farmacêutico Francisco Joaquim Pereira de Magalhães e Maria Eufrosina de Nazaré. Sua mãe e seu irmão mais velho, Severo Augusto, ensinaram-lhe as primeiras letras. Entre 1870 e 1873, estudou no Colégio Ipiranga, em Araraquara, que era dirigido por Ferdinand Boeschstein, um afamado educador suíço. Acompanhou essa escola, já como professor, quando a mesma transferiu-se para Campinas e depois para São Paulo. Em Campinas, freqüentou a igreja presbiteriana e ouviu sermões do Rev. George N. Morton, o diretor do Colégio Internacional, com quem conversou longamente sobre assuntos religiosos. Morton recomendou-o ao seu amigo George W. Chamberlain, o pastor da Igreja Presbiteriana de São Paulo. Esta igreja orou pela plena conversão do jovem Eduardo na semana de oração de novembro de 1874. Ele foi recebido por profissão de fé pelo Rev. Chamberlain no dia 7 de março de 1875. Nessa época, matriculou-se no curso preparatório da Academia de Direito do Largo de São Francisco.

Citando-lhe 1 Coríntios 9.16, Chamberlain o convenceu a abandonar o estudo do Direito e a dedicar a sua inteligência e talentos ao ministério pastoral. Assim, no dia 14 de agosto de 1875, em uma reunião extraordinária do Presbitério do Rio de Janeiro, Eduardo foi recebido como candidato ao ministério. Estudou teologia por quatro anos na Escola Americana, com o seu próprio mentor e com o Rev. John Beatty Howell, prestando exames diante do presbitério. Em março de 1877, passou a lecionar nessa escola missionária. No dia 17 de

julho de 1880, o Rev. Chamberlain oficiou o seu casamento com uma colega de magistério na Escola Americana, Louise D'Allinges Lauper, nascida em Genebra em 1858, descendente de nobres do século dezesseis, cujo nome brasileiro passou a ser Luíza Pereira de Magalhães. Por descuido do conselho, Luíza somente veio a ser arrolada na Igreja de São Paulo em 12 de junho de 1894. Colaborou muito com *O Estandarte*, assinando apenas com as suas iniciais, L.P.M.

Em companhia do colega Zacarias de Miranda, Eduardo foi licenciado pelo Presbitério do Rio de Janeiro em 1º de setembro de 1880, sendo-lhe designado o campo de Lorena, do qual também faziam parte Cruzeiro, Cachoeira e Guaratinguetá. Sua ordenação deu-se em São Paulo no dia 2 de setembro de 1881, sendo moderador o Rev. Antônio B. Trajano, continuando ele por algum tempo no mesmo campo. Em janeiro de 1883 mudou-se para Campanha, no sul de Minas, onde permaneceu por quase seis anos. A mudança foi penosa, a cavalo, com a jovem esposa e o filhinho. Nessa cidade, o jovem casal sofreu toda sorte de reveses e ameaças; anos antes, nesse mesmo lugar, o Rev. José Manoel da Conceição fora apedrejado. O campo era extenso, incluindo Baependi, Sengó, Cana Verde e outros locais. Em 1883, em Cana Verde, distrito de Campo Belo, foi instrumento da conversão do jovem José Custódio da Veiga (1861-1954), que veio a ser o líder de uma das mais importantes famílias presbiterianas do sul e do oeste de Minas. Eduardo também visitou Lavras, Itajubá e outras cidades. No dia 6 de abril de 1884, ele iria organizar a Igreja de Campanha. Em 1883, revelando o seu crescente interesse pela nacionalização da igreja presbiteriana no Brasil, Eduardo liderou a criação da Sociedade Brasileira de Tratados Evangélicos. A reunião de organização ocorreu na Escola Americana no dia 17 de setembro, sendo ele mesmo eleito o seu primeiro presidente. De 1884 a 1897, essa sociedade publicou dezessete opúsculos de controvérsia e evangelização, nove dos quais escritos pelo próprio Eduardo. O primeiro deles foi “O culto dos santos e dos anjos”.

Abolicionista convicto, Eduardo publicou em 1886 um estudo intitulado “A religião cristã em suas relações com a escravidão”. Esse panfleto reunia uma série de artigos que haviam saído na *Imprensa Evangélica*. No ano seguinte, por sua iniciativa, o Presbitério do Rio de Janeiro aprovou uma resolução congratulando-se com a propaganda abolicionista. Ainda em 1886, seu desejo de maior autonomia para a igreja levou Eduardo a propor o “Plano de Missões Nacionais”, que foi aprovado pelo presbitério. O plano visava despertar nas igrejas o senso de responsabilidade pela evangelização através do sustento de obreiros nacionais. No dia 31 de janeiro de 1887, foi lançada a *Revista das Missões Nacionais*, tendo Eduardo como redator e principal colaborador por um longo período. Foi o órgão das finanças do presbiterianismo e durou mais de trinta anos. Em janeiro de 1887, o primeiro número de *O Púlpito Evangélico*, sediado em Campinas, trouxe um sermão seu baseado em Romanos 5.18.

Depois de um frutífero ministério no sul de Minas, no dia 22 de agosto de 1888 Eduardo foi eleito o primeiro pastor nacional da comunidade de que era filho, a Igreja Presbiteriana de São Paulo. A assembléia foi presidida pelo Rev. Donald C. McLaren. Eduardo recebeu 80% dos votos (58 de um total de 73), mas, por proposta do Dr. Horace M. Lane, sua eleição foi considerada unânime. Ali ele exerceria o restante do seu ministério, por 34 anos. Poucos

depois da sua eleição, participou no dia 6 de setembro da criação do Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil, onde apresentou uma proposta em favor da cooperação evangélica. No dia 14 do mesmo mês, instalou o recém-criado Presbitério de São Paulo, do qual também foram membros fundadores os Revs. George Chamberlain, Donald McLaren, George Landes, Modesto Carvalhosa, Emanuel Vanorden, Zacarias de Miranda, João Ribeiro de Carvalho Braga, Manoel Antônio de Menezes e o presbítero Manoel da Costa. Sua posse no pastorado da Igreja de São Paulo ocorreu no dia 23 de setembro. Oficiaram na ocasião os colegas Chamberlain, Vanorden, McLaren, John Beatty Howell, Zacarias de Miranda e Carvalho Braga. Em 8 de setembro de 1891, na segunda reunião do Sínodo, Eduardo foi eleito o primeiro professor nacional do recém-criado Seminário Presbiteriano.

Continuando com o seu projeto para a igreja nacional, Eduardo e alguns colegas lançaram no final de 1892 o “Plano de Ação”, que no ano seguinte resultou na criação do Instituto Teológico e do jornal *O Estandarte*, do qual foi um dos mais destacados colaboradores até o fim da sua vida. Esse jornal substituiu o órgão pioneiro *Imprensa Evangélica*, desaparecido naquele ano (o último número saiu em 2 de julho de 1892), e é até hoje o periódico oficial da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. Infelizmente, por esse tempo começaram a surgir dificuldades crescentes entre o Rev. Eduardo e os líderes do Mackenzie, especialmente os Drs. Horace Manley Lane e William Alfred Waddell. Questões pessoais, além de divergências quanto ao papel dos missionários e da educação, aumentaram a distância entre o Rev. Eduardo e muitos dos seus colegas americanos e brasileiros, especialmente a partir de 1897. A situação tornou-se insustentável com o surgimento da “questão maçônica”, que teve o seu triste desfecho na reunião do Sínodo em 31 de julho de 1903, quando Eduardo Carlos Pereira e seus companheiros (os Revs. Vicente Temudo Lessa, Otoniel Mota, Caetano Nogueira Júnior, Alfredo Borges Teixeira e doze presbíteros) deixaram a Igreja Presbiteriana do Brasil para formar a Igreja Presbiteriana Independente, que está prestes a completar o seu primeiro século de existência.

Após um período inicial de ressentimentos entre ambas as partes, o Rev. Eduardo voltou a ter relações amistosas com muitos dos seus antigos colegas da IPB. Em 1916, participou com os Revs. Samuel Gammon, Álvaro Reis e Erasmo Braga do célebre Congresso da Obra Cristã na América Latina, no Panamá. Em resposta às teses do congresso, publicou em 1920 o livro *O Problema Religioso da América Latina*, talvez a sua obra mais importante, onde procurou apontar a fragilidade dos alicerces sobre os quais se apóia a tradição romana. O padre jesuíta Leonel Franca passou um bom tempo nas bibliotecas do Vaticano munindo-se de argumentos de resposta que resultaram no livro “A Igreja, a Reforma e a Civilização”. Este, por sua vez, foi habilmente contestado pelo pastor, engenheiro e escritor paranaense Ernesto Luiz de Oliveira em seu livro “Roma, a Igreja e o Anticristo”.

Sob o dinâmico pastorado do Rev. Eduardo, a 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo apoiou a instalação da filial da Associação Cristã de Moços (ACM, 1895), bem como a construção do Hospital Samaritano (1894) e do Seminário Presbiteriano na Rua Maranhão (1899). Eduardo participou da criação da Aliança Evangélica, uma precursora da Confederação Evangélica do Brasil e de outros projetos cooperativos interdenominacionais como a Federação Universitária Evangélica e o Seminário Unido. Foi sócio do Instituto Histórico e

Geográfico de São Paulo e de outras entidades. A última igreja de cuja organização participou foi a 3ª IPI de São Paulo, na rua Joli (Brás), em 26 de março de 1922 (a 2ª Igreja foi a da Bela Vista, organizada em 1919).

A outra vocação de Eduardo Carlos Pereira foi o magistério, que exerceu durante toda a sua vida, desde a época do Colégio Ipiranga, passando pela Escola Americana, o Instituto Teológico, o Seminário Presbiteriano e outras instituições. Em 1895, mediante concurso, tornou-se professor de português no recém-criado Ginásio do Estado de São Paulo, onde também lecionou latim. Escreveu a sua famosa série de gramáticas para os cursos médio e superior: *Gramática Expositiva* (1907) e *Gramática Histórica* (1916), sendo considerado um dos sistematizadores do ensino da língua portuguesa. Colaborou com periódicos como *O Estado de São Paulo*, *O Correio Paulistano* e a *Revista da Língua Portuguesa*.

D. Luíza Pereira de Magalhães veio a falecer em agosto de 1921, sendo seguida pelo seu esposo um ano e meio mais tarde. Em 1922, ele fez uma longa viagem pela Europa, visitando Portugal, Espanha, França, Itália, Suíça e Inglaterra, seguindo depois para os Estados Unidos. Partira saudável do Brasil, mas sentiu-se indisposto na Europa e foi operado do estômago nos Estados Unidos, sendo diagnosticado um “linfo-sarcoma”. Retornou a São Paulo em 6 de janeiro de 1923 e faleceu no dia 2 de março. O casal teve dois filhos – Carlos e Leonor. Carlos Pereira de Magalhães (1881-1962) nasceu em Lorena e foi batizado pelo Rev. Chamberlain. Na juventude, estudou teologia em Glasgow, Escócia; depois cursou a Faculdade de Direito de São Paulo, casou-se com Gertrudes de Barros Magalhães (1883-1973) e residiu por muito tempo em Anápolis, Goiás, onde prestou valiosos serviços à causa evangélica nas áreas hospitalar e educacional. Teve um filho pastor, Rev. Eduardo Pereira de Magalhães (1908-1959), que estudou no Instituto JMC e no Seminário Unido do Rio, foi um operoso líder da mocidade evangélica e escreveu, entre outras, a obra *Reconstrução da Ordem Social* (1941). Leonor de Magalhães Stewart (Ninita), nascida em 19 de novembro de 1893, casou-se com o presbítero Prof. Charles Todd Stewart, o quarto presidente do Mackenzie (1927-1932). Tiveram cinco filhos: Charles, Anna Louisa, Eduardo Carlos, Thomas e Richard. O professor Stewart faleceu em 1964 e Dona Leonor em 9 de abril de 1988, com 94 anos, em Silver Spring, um subúrbio de Washington.

As publicações do Rev. Eduardo, quer em folhetos, artigos ou livros, foram em grande número. Seu estilo, em português esmerado, era atraente e agradável. Uma lista parcial dos seus escritos, todos sobre questões polêmicas, inclui os seguintes: *Manifesto aos Nossos Irmãos, Membros da Igreja Presbiteriana do Brasil* (1892); *Dupla Defesa* (1896), resposta a um panfleto de H. M. Humphrey, tesoureiro da Junta Diretora do Colégio Protestante; *O Protestantismo é uma Nulidade* (1896), coletânea de artigos publicados em *O Estandarte* refutando artigos do monsenhor Nascimento Castro, um dos quais com o referido título; *Uma Nova Bandeira* (artigos de *O Estandarte* em 1899-1900); *A Maçonaria e a Igreja Cristã* (coletânea de artigos escritos para *O Estandarte*); *As Origens da Independência Presbiteriana e a Atitude do Sínodo e dos Presbitérios* (1905). Em 1922, publicou o seu *Balanço Histórico da Igreja Presbiteriana Independente Brasileira*, um retrospecto das lutas eclesiásticas em que tomou parte destacada ao longo dos anos. Também deixou

sermões em *O Púlpito Evangélico*. No final da vida, o Rev. Eduardo interessou-se pelo pré-milenismo, escrevendo artigos sobre o tema. Em 1919, previra o arrebatamento da igreja para 1921 ou 1923. Seu nome foi dado a ruas e avenidas em São Paulo, Osasco, Santo André, São Bernardo e Curitiba, entre outras cidades.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 47, 132-34, 153, 166, 177, 199s, 229-33, 265, 276-78, 281, 297, 304a (foto), 319, 327s, 329-31, 371, 378s, 408s, 418, 431, 451, 459s, 476s, 483, 490, 501s, 526, 545-47, 566s, 573, 580-86, 604, 607-609, 613s, 618, 623-26, 637-39, 655, 663, 667, 672s, 681-83, 684a (foto), 694-96.
- Ferreira, *História da IPB*, I: 179s, 205-210, 241-245, 281s, 286, 293s, 316-318, 340, 344, 352-356, 366, 371-375, 378, 383-385, 390, 396s, 400-421, 424-427, 435-438, 440-444, 568-571, 572-580. II: 11-21, 22, 43-46, 47s, 175s, 181, 223-230, 241, 284, 312, 322, 413.
- Eduardo Carlos Pereira. *O Problema Religioso da América Latina: Estudo Dogmático Histórico*. São Paulo: Imprensa Editora Brasileira, 1920.
- Vicente Temudo Lessa, “A morte do lidador”, *O Estandarte* (08-03-1923), 3-5; Dr. Nicolau Soares do Couto, “Rev. Eduardo Carlos Pereira”, *idem*, p. 10.
- “Eduardo Carlos Pereira”, *Almanaque Evangélico Brasileiro* (1923), 40-44.
- Lutero Cintra Damião, “Biografia do Rev. Eduardo Carlos Pereira”, *O Estandarte* (07-01-1943), 19-21; Albina A. Pires de Campos, “D. Luíza Pereira de Magalhães”, *idem*, p. 21s.
- “Rev. Eduardo Carlos Pereira”, *Supre* (Suplemento Presbiteriano), junho de 1959, p. 7.
- Adolpho Machado Corrêa. *Eduardo Carlos Pereira: Seu Apostolado no Brasil*. São Paulo, 1983.
- Ribeiro, *IPB: Da Autonomia ao Cisma*, 161-171, 255-277, 321-341.
- Mendonça, *Celeste Porvir*, 87-90.
- “Leonor de Magalhães Stewart”, *Boletim da 1ª Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo*, 30 de maio de 1988.
- Fernandino Caldeira de Andrada, “Rev. Eduardo Carlos Pereira”, *Brasil Presbiteriano* (Out 1999), 13.

Rev. José Zacarias de Miranda e Silva

Dinâmico pastor no interior de São Paulo

José Zacarias de Miranda e Silva nasceu em Baependi, Minas Gerais, no dia 5 de novembro de 1851. Era filho de João Batista de Miranda e Silva e Silvéria Maria Duarte. Depois de cursar o secundário, onde estudou gramática, literatura portuguesa, francês, latim e outras matérias, aprendeu o ofício de alfaiate e começou a estudar música (canto e instrumentos, especialmente violino). Ainda muito jovem, casou-se no dia 23 de fevereiro de 1868, na vila de Cristina, em Minas, com Henriqueta Isaura Simões. Esta nascera na mesma vila em 9 de outubro de 1852 e era filha de José Joaquim Simões e Joana Maria do Sacramento. Em junho de 1868, na companhia dos sogros, transferiu a sua residência para Penha do Rio do Peixe (Itapira), Província de São Paulo, onde por muito tempo ocupou-se em lecionar música.

Converteu-se em Itapira como resultado de uma troca de aulas particulares de francês e música com o futuro pastor Delfino dos Anjos Teixeira, que estava estudando para o ministério e dirigia uma escolinha mantida pelos missionários de Campinas. Na segunda aula, no final de 1874, Zacarias, que era um católico fervoroso, fez a Delfino uma pergunta sobre o papel de Maria na salvação. Delfino respondeu de maneira sábia e satisfatória, apontando para o ensino das Escrituras. A partir da aula seguinte, o assunto religioso dominou as conversas dos dois jovens. Zacarias professou a fé na Igreja de Itapira em 10 de janeiro de 1876, sendo então batizado pelo Rev. Edward Lane. O fato causou grande comoção na cidade, onde ele era estimado não só pelo povo, mas pelo pároco local, João de Santa Cândida, uma vez que, na qualidade de professor-diretor da banda e da orquestra, era um fator importante nas festas da igreja. Sua excomunhão, em dezembro de 1875, o deixou totalmente isolado da sociedade local.

O casal mudou-se para São Paulo em busca de melhores condições de vida; tinham já dois filhos e uma sobrinha órfã que adotaram. Em 3 de dezembro de 1876, Henriqueta foi a primeira pessoa a fazer profissão de fé na “Sala Grande” da Escola Americana, na qual se reuniu por vários anos a Igreja Presbiteriana de São Paulo. Sua filha Lídia Albertina foi batizada no dia 25 de fevereiro de 1877, e Antônio Sebastião e Maria Isaura em 3 de junho do mesmo ano, todos pelo Rev. George Chamberlain. Zacarias estudou teologia com o Rev. John B. Howell na Escola Americana, onde também lecionou várias matérias. Fez os estudos com muita dificuldade, pois ao mesmo tempo trabalhava como alfaiate e músico profissional (violinista na orquestra do Teatro São José) para sustentar a família. Só tinha tempo de estudar à noite, o que fazia todos os dias até as 23:30 horas e todas as madrugadas a partir das 3:00 horas, durante quase cinco anos. Sua esposa muito contribuiu para que levasse a termo a sua preparação.

Zacarias tornou-se membro da Igreja de São Paulo em 8 de dezembro de 1878. Foi licenciado pelo Presbitério do Rio de Janeiro, reunido na capital paulista, no dia 1º de setembro de 1880, ao mesmo tempo em que Eduardo Carlos Pereira, sendo-lhe designado o campo de Brotas, Dois Córregos e adjacências. Fez em seguida uma viagem por aquele campo em companhia do Rev. Howell, que foi encarregado pelo presbitério de apresentá-lo às igrejas. Fixou residência em Brotas no dia 22 de outubro de 1880. Durante os três anos que residiu naquele campo, visitou as localidades rurais de Bom Jardim, Varjão, Cabeceira do Jacaré, Três Saltos, Ventania, Jacutinga, Brejão, Banhadão e Figueira, esta última a fazenda de Inácio Pereira Garcia. Sua ordenação ocorreu em Brotas no dia 9 de setembro de 1881, sendo presidida pelo Rev. Howell, que fez a parênese, pregando na ocasião o Rev. George Chamberlain. Outro membro da comissão foi o presbítero José Rufino de Cerqueira Leite, cunhado do Rev. José Manoel da Conceição. O novo ministro foi instalado como pastor das Igrejas de Brotas e Dois Córregos. Em Brotas, organizou um coro misto a quatro vozes, tal como fizera o Rev. Antônio Pedro de Cerqueira Leite, um pouco antes, em Sorocaba.

Em setembro de 1883, em virtude do falecimento do Rev. Antônio Pedro, Zacarias foi transferido para a Igreja de Sorocaba, tendo também a seu cargo as Igrejas de Guareí e

Faxina (Itapeva). Iniciou um trabalho de evangelização na Fábrica de Ipanema; na sede, dedicou-se de modo especial ao coral da igreja. Fundou o Colégio Sorocabano, que lhe deu um bom rendimento; deixou, porém, o colégio para atender ao seu vasto campo. Iniciou trabalhos em Tietê, Tatuí, Itapetininga e arredores, e mais tarde em Torre de Pedra e Bela Vista de Tatuí (Porangaba), viajando de trem e a cavalo. Em muitas ocasiões, foi alvo de intolerância religiosa e perseguições. Organizou as Igrejas de Itapetininga (10-05-1885), Tatuí (29-07-1888), Bela Vista de Tatuí (27-07-1890), Fatura (07-08-1890, com o Rev. Carvalho Braga) e Tietê (22-08-1896). Em Tietê, o membro mais destacado da igreja era o Sr. Alberto Dias de Assunção, pai do futuro Rev. Coriolano de Assunção e do presbítero Gustavo de Assunção.

Em 1886, Zacarias foi eleito moderador do Presbitério do Rio de Janeiro. Dois anos depois, passou a fazer parte do Presbitério de São Paulo, criado pelo Sínodo. Além do vasto campo que já pastoreava, o presbitério também entregou aos seus cuidados o campo da Igreja de Cana Verde, em Minas Gerais, recentemente organizada, que ele visitava anualmente. Em julho de 1892, foi eleito moderador do Presbitério de São Paulo. Pouco depois, em 8 de setembro, foi instalado como pastor efetivo da Igreja Presbiteriana de Sorocaba. Em 14 de novembro de 1895, por causa da educação dos filhos, voltou a residir em São Paulo, no Largo do Arouche. Continuou, no entanto, por alguns anos, a pastorear o seu vasto campo do interior, desde Sorocaba até Guareí. Em Sorocaba, inaugurou uma capela no bairro Rio Acima (Votorantim). No final de 1896 assumiu a direção da tipografia da Sociedade Brasileira de Tratados Evangélicos e tornou-se redator-gerente de *O Estandarte*, jornal fundado três anos antes pelo Rev. Eduardo Carlos Pereira. Em 30 de outubro, sua esposa e a filha Maria Isaura foram arroladas na Igreja de São Paulo por transferência da Igreja de Sorocaba.

Em 22 de setembro de 1899, com o surgimento da “questão maçônica”, foi organizada em São Paulo a Igreja Filadelfa, composta de pessoas que já não encontravam ambiente na 1ª Igreja, entre elas os familiares do Rev. Zacarias, que era maçom. Os organizadores foram este e o Rev. Francisco Lotufo. Deixando o campo de Sorocaba, no qual foi substituído pelo Rev. Carvalho Braga, Zacarias passou a pastorear o novo grupo, que se uniu em 26 de agosto do ano seguinte à 2ª Igreja Presbiteriana, pastoreada pelo Rev. Modesto Caralhosa, para formar a Igreja Presbiteriana Unida. Zacarias foi um dos organizadores da Igreja Unida e seu co-pastor até o início de 1907. Nesse período, afastou-se do seu antigo colega, o Rev. Eduardo Carlos Pereira. De 1902 a 1905, voltou a dar assistência a igrejas do seu antigo campo, como a de Tatuí.

Na reunião do Sínodo em 1903, Zacarias disse que, como maçom há vinte anos, não via incompatibilidade entre essa organização e a igreja. Saiu dela, contudo, por causa dos irmãos escandalizados. Após o cisma presbiteriano, tornou-se um defensor intransigente do Sínodo, através de artigos publicados na *Revista das Missões Nacionais*, da qual foi redator de 1900 a 1903 (ocupara o mesmo cargo no triênio 1894-1897). Em gratidão pelos serviços prestados ao Sínodo, o Presbitério de São Paulo ofereceu-lhe uma pena de ouro.

Convidado pelo Presbitério de Minas, o Rev. Zacarias transferiu-se para aquele concílio e pastoreou por pouco mais de dois anos a Igreja de São João da Boa Vista. Além da sede, pregou em Cascaval e na estação da Prata, em casa do presbítero Joaquim José Ferreira, pai do Rev. Júlio Andrade Ferreira. Tendo de retirar-se em virtude da saúde da esposa, Zacarias foi em 1910 para a Igreja de Campinas, a maior do presbitério, sucedendo o Rev. Herculano de Gouvêa. Apesar de enfermo, fez trabalhos evangelísticos, levantou fundos para a construção do templo e cooperou com o Seminário, dando aulas de música. Voltou para São Paulo em 1915, quando foi jubilado. No mesmo ano, em 1º de julho, faleceu a sua esposa Henriqueta Simões de Miranda, que criara treze filhos, dos quais sete estavam vivos: Antônio Sebastião de Miranda, Maria Isaura de Miranda Costivelli, Isaura de Miranda Botto, Lídia Albertina de Miranda Rosa, Carmelina de Miranda Barbosa (Biló), Adalgisa de Miranda Bretas e Heráclio Simões de Miranda. Vários deles estudaram na Escola Americana e foram membros da Igreja Unida. A filha Leopoldina (“Pequenina”) faleceu aos 24 anos em 1897. Antônio Sebastião (1871-1958) também foi músico como o pai, servindo, por volta de 1890, como organista da Igreja de São Paulo, e chegou a ser candidato ao ministério. Heráclio foi presbítero da Igreja do Brás.

Em São Paulo, o Rev. Zacarias passou a viver em casa de sua filha Maria Isaura de Miranda Costivelli (nascida em 15-08-1874). Embora jubilado, assumiu responsabilidade pastoral pela Igreja do Brás, dando ainda o seu concurso a todas as igrejas que o solicitavam ocasionalmente. Com 70 anos, aprendeu datilografia pelo método usado no Mackenzie College e passou a escrever artigos e sermões cuidadosamente datilografados. Faleceu aos 75 anos no dia 31 de outubro de 1926, sendo oficiante no seu sepultamento o Rev. Matatias Gomes dos Santos. Três anos antes, Zacarias se reconciliara com o seu companheiro de outrora, Eduardo Carlos Pereira, por meio de um amigo comum. Deixou sermões escritos, folhetos e traduções, entre as quais a da obra *Anais de um Antigo Castelo*, que narra o martírio de protestantes nos reinados de Henrique VIII e Maria I. Também compôs muitas músicas de hinos. Seu neto Paulo de Miranda Costivelli, filho de Maria Isaura, seguiu a carreira ministerial e também foi pastor em Sorocaba.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 140, 142s, 146s, 155, 174, 177, 200, 333, 394, 518, 520s, 542s, 668s.
- Ferreira, *História da IPB*, I:179, 204, 208, 210, 215, 221, 244s, 256-260, 313s, 316, 318, 508-510, 517, 572-580, 577; II: 15-21, 155, 202, 352.
- “D. Henriqueta Simões de Miranda”, *Revista das Missões Nacionais* (Agosto 1915), 3.
- Miguel Rizzo Jr., “Rev. José Zacharias de Miranda”, *O Puritano* (11-12-1926), 1.
- Paulo César de Souza, “Rev. José Zacarias de Miranda”, *O Puritano* (10-01-1952), 6.
- Ferreira, *Galeria Evangélica*, 117-169.
- Braga, *Música Sacra Evangélica*, 139, 350-352.
- Olivetti, *Na Esteira dos Passos de Deus*, 229, 237-239.

Rev. Delfino dos Anjos Teixeira

Pioneiro presbiteriano na região da Mogiana

Delfino Teixeira nasceu na cidade de Recife em 1841. Passou a mocidade em Portugal, de onde veio para o sul do Brasil. Teve uma vida aventureira, tendo sido até palhaço de circo. Casou-se em 1867 com Elisa Teixeira e em 1872 professou a fé em Campinas com o Rev. George Nash Morton, um dos fundadores do Colégio Internacional. Residiu em Itapira, onde dirigiu uma escola evangélica estabelecida pelos missionários de Campinas. Numa troca de aulas particulares de francês e música, foi instrumento para a conversão do futuro Rev. Zacarias de Miranda. Zacarias desejava aperfeiçoar-se na língua francesa, que Delfino dominava, e este queria muito aprender música, a especialidade de Zacarias. A partir do terceiro encontro, o assunto passou a ser exclusivamente o evangelho.

Delfino estudou teologia com os missionários da Igreja do Sul (PCUS) Edward Lane, John Boyle e John W. Dabney, que compunham o antigo Presbitério de São Paulo. Foi ordenado em Mogi-Mirim no dia 2 de julho de 1882, sendo o ato presidido pelo Rev. Boyle, assistido por Dabney. Na ocasião, prestou exames de teologia, história da igreja, grego e outras matérias. Foi o primeiro fruto do ministério colhido pela missão de Campinas. Como nessa época não mais existia o primitivo Presbitério de São Paulo, Delfino foi arrolado no Presbitério de Transylvania, em Kentucky, nos Estados Unidos, o mesmo do Rev. John Boyle. Por ser de baixa estatura, era conhecido como Rev. Teixeirainha.

O Rev. Delfino teve um ministério de pouco mais de treze anos. Antes e depois de sua ordenação fez diversas viagens evangélicas, indo até o Triângulo Mineiro. Foi pastor em Itapira (1882-1886), Mogi-Mirim e outros pontos da Mogiana e o primeiro ministro nacional a pregar em Casa Branca, São Simão, Ribeirão Preto, Batatais, Franca, Santa Rita, Uberaba, Passos, Santa Rita de Cássia, Divisa Velha, Ventania e outras localidades. Por todos esses lugares, viajou em companhia do colportor alemão Jacob Filipe Wingerther, vendendo livros e pregando o evangelho, e também acompanhou o Rev. John Boyle.

Delfino participou da organização do Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil em setembro de 1888, ficando filiado ao novo Presbitério de Minas. Acompanhado pelo Rev. William L. Bedinger, organizou em 31 de março de 1889 a Igreja de São João da Boa Vista. Depois, em companhia de Álvaro Reis, organizou as Igrejas de Espírito Santo do Pinhal (10-08-1890) e São Sebastião da Gramma (24-01-1891). Sua última residência foi na estação de Cascavel (hoje Aguaí), pequeno povoado na época, perto de São João da Boa Vista. Poucos meses antes de morrer, acompanhou o Rev. Álvaro Reis a São Simão e outros locais. O Rev. Vicente Temudo Lessa, que na reunião do Presbitério de Minas em junho de 1895 o ouviu pregar um sermão sobre o cego Bartimeu, lembra que ele possuía uma bela voz no púlpito.

Em 1895, o presbitério determinou a sua ida para Pirassununga, cuja igreja havia sido organizada dez anos antes pelo Rev. João Fernandes Dagama. Todavia, pouco depois o Rev. Teixeira foi acometido por um câncer no estômago. Seguiu para Poços de Caldas, onde recebeu apoio material e espiritual do Rev. Bento Ferraz, ali residente. Faleceu no dia 1º de novembro de 1895, oficiando em seu sepultamento os Revs. Bento Ferraz e Benedito Ferraz de Campos. O historiador Temudo Lessa apresenta informações conflitantes sobre as

datas de sua ordenação e falecimento (pp. 207s e 494). O Rev. Delfino Teixeira teve numerosa família e os seus filhos foram funcionários da Estrada de Ferro Mogiana. Sua viúva ofereceu ao Seminário Presbiteriano a biblioteca do seu esposo, que continha bons livros, muitos dos quais em francês.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 206-208, 333, 494s.
- Ferreira, *História da IPB*, I: 189, 204, 285, 323s, 337.
- Carta de Delfino Teixeira ao redator, *O Estandarte* (10-08-1895).
- Miguel Rizzo Jr., “Rev. José Zacharias de Miranda”, *O Puritano* (11-12-1926), 1.

Rev. João Ribeiro de Carvalho Braga

Pastor no interior de São Paulo, pai de Erasmo Braga

João Ribeiro de Carvalho Braga nasceu na cidade de Braga, no norte de Portugal, em 1º de janeiro de 1852. Seus pais eram Manoel Ribeiro de Carvalho, oficial do 5º Regimento de Caçadores, e Custódia Ribeiro de Carvalho. Quando estava com onze anos, sua mãe, possivelmente em razão de dificuldades financeiras, entregou-o aos cuidados de um capitão de navio, que o trouxe ao Rio de Janeiro. Ao que parece, João não tinha parentes ou conhecidos no Rio, mas foi auxiliado por um comerciante português. Converteu-se em 1870, ao ler uma velha Bíblia na tradução do padre Antônio Pereira de Figueiredo que fora vendida como papel de embrulho na casa comercial onde trabalhava, no bairro do Catumbi. No dia 1º de maio daquele ano, foi recebido por profissão de fé pelo Rev. Alexander L. Blackford, na Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro.

Movido pelas novas convicções, João precisou abandonar o comércio, pois teve dificuldade em obter um emprego que lhe permitisse a guarda do domingo. Foi auxiliado em seus estudos pelo Rev. Blackford e passou a lecionar no externato para meninos anexo à igreja. Veio a residir com Alfred Alexander, outro professor do externato que depois lecionou no Colégio Pedro II. João também trabalhou como colportor, vendendo bíblias e folhetos pela cidade. Mais tarde, surgiram divergências entre ele e o Rev. Blackford em torno da criação de uma sociedade para a distribuição da Bíblia e João mudou-se para Rio Claro, na Província de São Paulo. Em 28 de fevereiro de 1875, foi arrolado por transferência na igreja local, fundada dois anos antes pelo Rev. João Fernandes Dagama. No ano seguinte, em 29 de março, casou-se com Alexandrina Teixeira da Silva, nascida em 3 de maio de 1855, irmã do conhecido advogado Dr. Antônio Teixeira da Silva. O casal lecionou no colégio do Rev. Dagama e João também trabalhou como guarda-livros do senador Diogo de Salles e do futuro governador José Alves de Cerqueira César. No dia 23 de abril de 1877, nasceu-lhes o primogênito Erasmo, que viria a ser um notável pastor e líder evangélico.

Em 1878, a família Braga mudou-se para São Paulo (o casal foi arrolado na igreja no dia 7 de abril), ali permanecendo até 1884. João trabalhou como guarda-livros da Cerâmica do Bom Retiro e de outras firmas importantes. Exerceu o magistério tanto no Colégio Morton, ao lado de Júlio Ribeiro e Rangel Pestana, quanto na Escola Americana, onde retomou os

seus estudos. Quando o jornal *Imprensa Evangélica* transferiu-se para São Paulo, em outubro de 1879, o casal Braga passou a escrever artigos para o mesmo. Em fevereiro de 1881, João foi eleito diácono da Igreja de São Paulo e em setembro de 1883 foi aceito como candidato ao ministério em uma reunião extraordinária do Presbitério do Rio de Janeiro realizada na capital paulista. Concluiu os estudos teológicos com o Rev. John B. Howell, na Escola Americana. Durante esse período em São Paulo, D. Alexandrina traduziu do inglês, acrescentando observações e notas, uma obra de controvérsia, “Deus contra Roma ou as doutrinas da Igreja Romana comparadas com as Santas Escrituras”, publicada pela *Imprensa Evangélica* na forma de suplemento em abril e maio de 1883.

Em 8 de setembro de 1884, João foi licenciado e posto sob os cuidados do Rev. George Anderson Landes, indo residir com a família em Botucatu. Na cerimônia de licenciatura, o Rev. Blackford, em nome do presbitério, ofereceu-lhe um exemplar do Novo Testamento por ele traduzido. No dia 2 de setembro de 1885, Carvalho Braga foi ordenado e passou a pastorear a Igreja de Botucatu, organizada recentemente, no dia 1º de agosto. Seu vasto campo missionário incluía as localidades de São Manuel, Lençóis, Dois Córregos, Rio Novo, Santa Cruz e Fartura, entre outras, e era, segundo notícias da época, maior que a sua própria pátria, Portugal. Indo para Lençóis com a família em viagem evangelística, o novo pastor experimentou uma violenta perseguição em 1886. Um grupo de cerca de trinta indivíduos estimulados pelo vigário ameaçou mutilá-lo e tirar-lhe a vida, estendendo a ameaça aos outros evangélicos.

Em Botucatu, além do seu trabalho pastoral, o Rev. Carvalho Braga participou de várias atividades políticas, sociais e educacionais. Filiou-se ao Clube Republicano, foi diretor do Clube Musical Carmosina e, em companhia da esposa, dirigiu a Escola Botucatuense. Essa escola havia sido fundada pelo Rev. George Landes e era dirigida pelas missionárias Mary Parker Dascomb e Arianna Henderson, auxiliadas pelas professoras Clara E. Hough, Elmira Kuhl, Salvina Ribeiro e Lídia de Moraes. Carvalho Braga também foi um membro influente do legislativo local em várias ocasiões e intendente da primeira câmara republicana. Recusou a candidatura de deputado estadual que lhe foi oferecida com garantia de eleição na época em que o Partido Republicano era dominante. Carvalho Braga participou da organização do Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil, em setembro de 1888. A partir de então, passou a ser membro do Presbitério de São Paulo. Organizou em 13 de agosto de 1889 a Igreja de Santa Cruz do Rio Pardo e em 7 de agosto de 1890, acompanhado pelo Rev. Zacarias de Miranda, a Igreja de Fartura. Em todo o vasto campo, cerca de 600 pessoas estavam sob os seus cuidados pastorais.

Em meados de 1897, na mesma época em que o filho Erasmo foi licenciado, Carvalho Braga deixou a Igreja de Botucatu, sendo substituído pelo Rev. Francisco Lotufo. Voltou a residir em São Paulo, passando a ensinar inglês e história no Seminário Presbiteriano. Em 1899, mudou-se para Sorocaba e assumiu o pastorado da igreja presbiteriana local, organizada trinta anos antes, em substituição a Zacarias de Miranda. Uma vez mais, o Rev. Carvalho Braga sustentou a família trabalhando como guarda-livros da Casa Araújo Costa. Foi também diretor-tesoureiro e chefe da contabilidade da companhia de eletricidade (São Paulo Electric Company). Foi eleito prefeito municipal, mas demitiu-se após três meses no

cargo. Em 1900, durante a epidemia de febre amarela, fez parte da comissão de socorros públicos, responsabilizando-se pela distribuição de víveres a quatro mil pessoas. Ele e quase toda a família contraíram a moléstia, mas sobreviveram. Erasmo, que passava algum tempo com os familiares, destacou-se pelos serviços voluntários que prestou à população.

O Rev. Carvalho Braga era membro da diretoria do Seminário Presbiteriano, ao lado de Álvaro Reis e outros líderes. Nas controvérsias que precederam o cisma de 1903, veio a rejeitar as posições do seu velho amigo Rev. Eduardo Carlos Pereira. No sínodo em que ocorreu a divisão da igreja, foi eleito moderador, exercendo o cargo com notável cordialidade e diplomacia. Poucos dias depois, ele e o filho Erasmo, que havia sido eleito secretário, assinaram uma pastoral que explicou à igreja os fatos recentes e as decisões do Sínodo. Por algum tempo, ficou responsável pela Igreja de Botucatu, cujo pastor, Rev. Francisco Lotufo, aderiu ao movimento independente. Em 1904, auxiliado por Erasmo, traduziu um livro de controvérsia acerca do papado, escrito por Parke P. Flournoy, o qual, em português, recebeu o título de *Revelações do Século III: o Papado e o Novo Testamento à Luz das Descobertas*, e foi impresso pela Casa Vanorden.

O Rev. Carvalho Braga e D. Alexandrina permaneceram em Sorocaba até 1916, quando voltaram a residir em São Paulo. Tiveram uma pensão evangélica junto à Praça da República e colaboraram com as Igrejas do Brás e de Pinheiros. Carvalho Braga foi jubilado em 1923, aos setenta anos de idade. Pouco depois, o idoso casal passou a residir com o filho Erasmo em Niterói, ajudando-o na igreja local, na tradução de lições para a escola dominical e em outros projetos. Em 15 de agosto de 1924, o Rev. Carvalho Braga, seu ilustre filho e diversos amigos fundaram no Rio de Janeiro a Sociedade Missionária Brasileira de Evangelização de Portugal, da qual Carvalho Braga foi o primeiro presidente. No ano seguinte, a sociedade enviou para Portugal o Rev. Paschoal Luiz Pitta, o segundo missionário presbiteriano brasileiro a trabalhar naquele país.

Auxiliado pela esposa, Carvalho Braga gastou muitos anos traduzindo o conhecido *Dicionário da Bíblia*, de John D. Davis, publicado no Rio de Janeiro, em 1928, pelo Centro Brasileiro de Publicidade. Deixou escritos em *O Púlpito Evangélico* e outros jornais. Preparou uma concordância bíblica, cujos originais foram entregues em 1932 à Comissão Brasileira de Cooperação, dirigida pelo filho Erasmo. Após a morte deste, o casal foi residir em Campinas, onde o Rev. Carvalho Braga faleceu no dia 1º de dezembro de 1934 e dona Alexandrina em 13 de março de 1941. Além de Erasmo, tiveram outros quatro filhos, que também alcançaram posições de destaque na sociedade brasileira. Ruben (nascido em 1879) foi advogado e jornalista; Irineu (nascido em 1880), engenheiro; Laércio, oficial da marinha mercante e empresário, e Hermas, médico afamado. O Dr. Hermas Braga (1890-1951) foi cirurgião em Campinas, onde prestou muitos serviços ao Seminário Presbiteriano e seus estudantes, inclusive como presidente da Sociedade Amigos do Seminário, fundada em 1923.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 153s, 173, 195, 210s, 223, 236, 245s, 262s, 270, 274, 278, 385, 387, 428a (foto), 446, 537, 550, 579, 589, 667.

- Ferreira, *História da IPB*, I: 202s, 222, 255s, 318s, 517s, 575; II: 28, 84, 289s.
- *Brazilian Missions* (Dezembro 1891).
- Carta do Rev. J. R. Carvalho Braga ao Rev. Alexander Telford, 15-03-1927.
- Temudo Lessa, “Rev. Carvalho Braga”, *O Estandarte* (11-12-1934), 3.
- “Rev. João Ribeiro de Carvalho Braga”, *O Puritano* (25-12-1934), 2.
- Júlio A. Ferreira. *Profeta da Unidade: Erasmo Braga, Uma Vida a Descoberto*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- Ribeiro, *Igreja Evangélica e República Brasileira*, 61-63.

Rev. Manoel Antônio de Menezes

Operoso pastor em Portugal e no Brasil

Manoel Antônio de Menezes nasceu na Ilha da Madeira em 10 de agosto de 1848. Aos seis anos, veio para o Rio de Janeiro, e aos doze assistiu pela primeira vez um culto evangélico. Nessa ocasião ficou bem impressionado com tudo, especialmente com o hino “Falamos de um mundo feliz”. Foi atraído ao evangelho por seu irmão, João Antônio de Menezes, um membro da Igreja Evangélica Fluminense que mais tarde trabalhou por muitos anos como colportor da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira no Nordeste do Brasil (faleceu em 31 de julho de 1930). Manoel converteu-se em 1865 e no ano seguinte foi batizado pelo Rev. Robert Reid Kalley na Igreja Fluminense. Alguns parentes seus já pertenciam a essa igreja.

Mudando-se para São Paulo, foi arrolado por transferência na Igreja Presbiteriana no dia 2 de junho de 1872. Colaborou com a professora Palmira Rodrigues na Escola Americana. Nas férias escolares, auxiliou no campo de Rio Claro o seu futuro sogro, Rev. João Fernandes Dagama. Começou a estudar para o ministério com os missionários de São Paulo, George W. Chamberlain e John B. Howell. Em 1874, este último ministrou-lhe, um hora por dia, lições de latim, inglês e matemática. Em 14 de agosto de 1875, Menezes e Eduardo Carlos Pereira foram aceitos como candidatos ao ministério pelo Presbitério do Rio de Janeiro. Durante esses anos, visitou lugares como Mogi das Cruzes, Campinas, Bragança, Limeira, Rio Claro, Araras, São Carlos, Pirassununga, Araraquara, Brotas, Dois Córregos e Descalvado.

Em 1877, Menezes seguiu para a Inglaterra, dando continuidade aos seus estudos no “Harley College for Home and Foreign Missions”, em Londres, uma escola missionária fundada e dirigida pelo Rev. Grattan Guinness. Nesse colégio, estudaram os futuros pastores congregacionais James Fanstone, João dos Santos, Leônidas Silva, Antônio Marques e outros obreiros que se dedicaram à evangelização do Brasil. Em 1879, foi convidado pelo Rev. Robert Stewart para ajudá-lo no trabalho evangelístico em Lisboa. Em 18 de março do ano seguinte, Menezes foi ordenado em Lisboa por uma comissão de pastores composta dos Revs. Stewart e Allan, da Igreja Livre da Escócia; Robert H. Moreton, da Igreja Metodista, e A. Wernick, da Igreja Luterana. Entre 1881 e 1883, fez viagens às Ilhas Britânicas e aos Estados Unidos a fim de angariar fundos para a evangelização de Portugal. Pastoreou a Igreja Presbiteriana de Lisboa, por ele organizada

em 1884, que funcionou em um convento que pertencera aos jesuítas, na famosa Rua das Janelas Verdes. Cooperou com a hinologia, publicando em 1885 um hinário com 114 cânticos acompanhados das respectivas músicas, “Coleção de Músicas Sacras”, para uso das igrejas evangélicas em Portugal e no Brasil. Alguns desses hinos eram seus e outros foram compilados de outros hinários. Muitos hinos dos atuais hinários evangélicos têm as suas iniciais.

O Rev. Menezes regressou ao Brasil em junho de 1886, sendo arrolado no final de agosto pelo Presbitério do Rio de Janeiro, após o competente exame de posições teológicas. Seu primeiro trabalho pastoral foi na cidade de Campos, Rio de Janeiro. No final do ano fez conferências em Ubatuba e recebeu muitas pessoas como membros da igreja, fato que provocou violentas reações clericais. Uma bomba chegou a ser lançada na sala em que se realizavam os cultos. Foi designado pelo presbitério para tomar conta do trabalho fundado pelo Rev. Emanuel Vanorden na cidade de Rio Grande (RS), tendo sido um dos organizadores daquela igreja, ao lado dos Revs. Vanorden e George Chamberlain, no dia 6 de março de 1887. Também pregou em São José do Norte, Pelotas, Jaguarão, Bagé e na Ilha dos Marinheiros. Em 22 de agosto do mesmo ano, casou-se em Rio Claro com Paulina, uma das filhas do Rev. João Fernandes Dagama, nascida em 29 de maio de 1864. Menezes trabalhou na cidade de Campos de setembro de 1887 a abril de 1888, quando foi à Europa por motivo de saúde. Por breve tempo, deu assistência à Igreja Presbiteriana de Lisboa, que estava sem pastor.

Regressando ao Brasil em 1888, Menezes pastoreou novamente a Igreja de Rio Grande. Mais tarde, surgiu uma polêmica entre ele e o Rev. Vanorden. Este defendia a igreja que havia fundado e Menezes criticava a escolha daquela cidade devido a sua localização remota, pequeno tamanho e insalubridade, manifestando a sua preferência por Porto Alegre. Em 3 de setembro de 1892, a Missão norte-americana (“Brazil Mission”) acabaria por ceder não só aquele campo, mas todo o Rio Grande do Sul, aos recém-chegados episcopais.

Em junho de 1891, Menezes recebeu licença da Missão para sair daquele estado por motivos de saúde. Foi residir em Lorena, São Paulo, onde haviam trabalhado os Revs. Modesto Carvalhosa e Eduardo Carlos Pereira, pastoreando também as Igrejas de Cruzeiro e Campanha. Pouco depois, mudou-se para Caxambu, Minas Gerais. Organizou a Igreja de Sengó (08-05-1892) e mais tarde a de São João da Cristina (24-09-1900). Havia visitado esta localidade pela primeira vez em setembro de 1895, para officiar uma cerimônia de casamento. Também trabalhou em Baependi, Pouso Alto, Águas Virtuosas (Lambari), Chapéu, Cana Verde, Cachoeira, Rezende e muitas outras localidades. Famílias inteiras abraçaram a fé, como os Batista Gomes e os Nóbrega Lício. Além disso, continuou a dar assistência às Igrejas de Lorena e Embaú (Cruzeiro), no Vale do Paraíba. O fecundo ministério do Rev. Menezes no sul de Minas estendeu-se por quase dezesseis anos. Considerava os dias mais felizes da sua vida aqueles em que recebia pessoas por profissão de fé e batismo, tendo tido o privilégio de receber 50 de uma só vez, 26 adultos e 24 crianças, em sua terceira viagem a São João da Cristina (14-06-1896). Foi membro dessa igreja a jovem Blanche Gomes, que veio a casar-se com o Rev. Mário Lício e foi uma

notável líder do trabalho feminino no Brasil. O Rev. Jacob Silva foi outro fruto dessa comunidade, uma das poucas igrejas rurais pioneiras que sobrevivem até o presente.

Em 1907, o Rev. Menezes deixou a missão e no ano seguinte foi jubilado pelo Presbitério de São Paulo, fixando residência na capital paulista. Após a jubilação passou algum tempo na Europa, tendo residido por mais de um ano em Lausanne, na Suíça. Curiosamente, embora sempre tivesse saúde precária – e essa foi a causa de sua jubilação –, o veterano ministro ainda viveu muitos anos. Sua esposa disse que antes de se casarem ele já sofria do estômago e que o seu trabalho no sul de Minas e a sua longevidade só podiam ser atribuídos à providência divina. Ao criar-se a Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana do Brasil, em 1910, Menezes, recém-chegado de Portugal, onde estivera por seis meses, apoiou o projeto dos Revs. Álvaro Reis e Erasmo Braga no sentido de se iniciar uma missão naquele país. No ano seguinte, seguiu para Lisboa o Rev. João Marques da Mota Sobrinho (1883-1964).

O Rev. Menezes faleceu aos 92 anos de idade em 28 de janeiro de 1941, e sua companheira em 30 de junho de 1949. No túmulo do casal, localizado no Cemitério dos Protestantes, em São Paulo, está gravado o seu testemunho de fé: “Eu sei que o meu Redentor vive”. Entre os hinos cujas letras são de autoria do Rev. Menezes estão “Jesus, teu nome é santo”, “Despede-nos, ó bom Jesus”, “Oh! Que belos hinos”, “Vamos nós trabalhar”, “Não abandono a Bíblia” e “Sei que Jesus me quer bem”. No *Hinário Presbiteriano Novo Cântico*, são seus os hinos de nº 37, 281, 305, 315, 335, 359 e 372. Durante muitos anos, ele foi redator da revista evangélica para crianças “O Amigo da Infância”. O casal Menezes teve quatro filhas: Winifred, Agnes, Amy e Dorothy, sendo que as três primeiras foram professoras da Escola Americana por muitos anos. Dorothy de Menezes Wolf, nascida em 28 de abril de 1899, casou-se com Antônio Wolf (1897-1985), que foi presbítero da Igreja Unida de São Paulo e superintendente da Escola Dominical da Casa Verde (1922-1925), onde ela o auxiliava como organista. Mais tarde mudaram-se para Rio Claro. Foram pais do Rev. Celso Wolf, que dirigiu o Centro Áudio-Visual Evangélico (CAVE), fundado em 1951 por ele, Robert Leonard McIntire e George Glass. Dona Dorothy colaborou com vários jornais e revistas, e faleceu em Rio Claro no dia 9 de junho de 1980.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 94, 126a (foto), 137, 159, 176, 263, 268s.
- Ferreira, *História da IPB*, I: 179, 218, 223, 267s, 281, 321, 411, 421, 511-513; II: 168-170.
- “Dados Históricos”, 204, 217.
- *The Foreign Missionary* (Outubro 1872), 149.
- *Brazilian Missions* (Julho e Novembro de 1891).
- Atas da Assembléia Geral, 1910.
- Laudelino de Oliveira Lima Filho, “Centenário do Nascimento do Rev. Manoel Antonio de Menezes”, *O Puritano* (10-08-1948), 1.
- Dorothy Menezes Wolf, “D. Paulina Menezes”, *O Puritano* (25-08-1949), 6.
- *O Estandarte* (Dezembro 1954), 11-14.
- Melancthon Schaff Silva, *Histórico da Igreja Presbiteriana de São João da Cristina* (São Paulo: Imprensa da Fé, 2000), 41-45.

- Olivetti, *Na Esteira dos Passos de Deus*, 151, 205.

Rev. Caetano Nogueira Júnior

Consagrado pastor rural no sul de Minas Gerais e oeste de São Paulo

Caetano Luiz Gomes Nogueira Júnior nasceu em Pouso Alegre, Minas Gerais, em 29 de fevereiro de 1856. Era conhecido familiarmente como Caetaninho, sendo filho de Caetano Luiz Gomes Nogueira e Maria Bárbara Funchal. Ainda pequeno, mudou-se com a família para Caldas, onde, aos 16 anos, assistiu ao primeiro culto evangélico realizado naquela cidade, no dia 15 de maio de 1872. O pregador foi o operoso pioneiro Rev. Robert Lenington, que falou a um numeroso auditório convidado por ele mesmo. Os pais de Caetano não foram ao culto, mas fizeram questão de que o jovem fosse representá-los. Caetano impressionou-se de maneira especial com um hino cantado pelo missionário, que solfejou no dia seguinte enquanto trabalhava na roça. Conheceu o então licenciado Miguel Gonçalves Torres, que se mudou para Caldas naquela época em busca de melhorias para a sua saúde. Tornou-se seu discípulo e amigo, dele herdando o zelo e a piedade. Filiou-se à Igreja Presbiteriana de Caldas, que foi organizada pelo Rev. George W. Chamberlain no dia 20 de abril de 1873, sendo pastoreada durante muitos anos por Miguel Torres. Acompanhou o seu pastor em muitas excursões evangélicas no sul de Minas. Seu pai também foi um dos primeiros crentes de Caldas e costumava ensaiar o coral da igreja.

O jovem foi recebido como candidato ao ministério pelo antigo Presbitério do Rio de Janeiro em sua 15ª reunião (28 de agosto a 4 de setembro de 1879). Na ocasião, prestou exames de português, francês, latim, aritmética, geografia, história sagrada e história da igreja. No ano seguinte, o Rev. Torres comunicou ao presbitério que Caetaninho, por falta de recursos, teve de ir lecionar como professor primário em uma fazenda próxima de Machado, prejudicando os seus estudos. Solicitou que o presbitério o colocasse perto dele, tendo em vista a regularidade do seu curso. Apesar das dificuldades encontradas e de viver quase sempre na zona rural, Caetaninho nunca deixou de lado o seu interesse pelos livros e pelo estudo. Em Machado, conheceu a sua futura esposa, Generosa Messias, filha dos pioneiros evangélicos daquela cidade.

Caetano foi licenciado pelo presbitério no dia 2 de setembro de 1885, em Sorocaba. Sua ordenação deu-se no Rio de Janeiro no dia 3 de setembro de 1886 e o seu sermão de prova versou sobre Hebreus 7.25. Foi orador da noite o Rev. Alexander L. Blackford, que falou sobre “O ministério da igreja”. A parênese ao novo ministro foi feita por seu mestre e pai espiritual, Miguel Torres. Caetaninho estava com trinta anos de idade e já era pai de família. Dois anos depois, ele participou da criação do Sínodo Presbiteriano, passando a ser membro do Presbitério de Minas, criado pelo sínodo.

Seu ministério foi realizado quase inteiramente na zona rural do sul de Minas. Começou no distrito de São Bartolomeu de Cabo Verde, depois Pádua Dias, onde se converteu boa parte da família do mesmo nome, pastoreando ainda Botelhos e Areado. As Igrejas de Cabo Verde e Areado haviam sido organizadas pelo Rev. Miguel Torres em 1881. Com a morte

de Miguel Torres, em 1892, Caetano assumiu também o campo deste – Caldas, Machado e Borda da Mata. De Cabo Verde, mudou-se para a fazenda de Pinhal do Campestre, onde pastoreou por muitos anos a congregação local. Certa ocasião, desafiado pelo padre de Campestre para um debate público, teve a oportunidade de anunciar o evangelho a um numeroso auditório, no templo católico. A Igreja de Campestre viria a ser organizada pelo Rev. Bento Ferraz em 30 de outubro de 1897.

Caetano fez longas viagens missionárias ao Triângulo Mineiro e a Goiás. Em companhia do Rev. Álvaro Reis, organizou quatro igrejas naquela vasta região, de junho a agosto de 1893: Bagagem (Estrela do Sul), Paracatu, Santa Luzia de Goiás (Luziânia) e Araguari. Viajaram ambos de trem até Uberaba e dali em diante a cavalo. Em 1899 houve um despertamento na Igreja de Cabo Verde, do qual resultaram várias conversões. O Rev. Caetano teve a satisfação de receber à comunhão, entre os novos convertidos, pessoas de destaque como o Dr. Mário Paes, juiz substituto, Oscar Ornellas, promotor de justiça, e Júlio Olinto. Em 20 de outubro de 1900, Caetano organizou a Igreja de São Bartolomeu. Residiu depois no Estado de São Paulo, para onde se mudara quase toda a sua família. Trabalhou em Guaricanga, no sertão paulista, adiante de Bauru.

Nas controvérsias que dividiram a igreja em 1903, o Rev. Caetano colocou-se ao lado dos independentes. Na reunião fatídica do dia 31 de julho, foi um dos muitos oradores que se manifestaram – disse que julgava inútil a filosofia maçônica e queria para si somente a Bíblia. Ele e outros seis colegas foram os ministros fundadores da Igreja Presbiteriana Independente, tendo sido moderador do primeiro presbitério (1903) e do primeiro sínodo independente (1908). No início de 1904, visitou igrejas no Triângulo Mineiro e sul de Goiás, justificando a sua adesão aos independentes. Desobedeceu a uma ordem do Presbitério Independente de não se dar a comunhão aos maçons, admitindo à mesa o velho obreiro e incansável colportor Jacob Filipe Wingerther. Para “cumprir com a caridade”, manifestou-se pronto a romper com a pastoral do presbitério que vedava a Santa Ceia aos sinodais.

O ministério do Rev. Caetaninho teve algumas peculiaridades. Sua piedade era notória. Muito singelo nas suas prédicas, fazia-se entender pelos mais ignorantes, usando ilustrações e comparações ao alcance de todos. O Rev. Vicente Temudo Lessa, que o conheceu pessoalmente, afirma que no púlpito transparecia no seu rosto a alegria que lhe inundava a alma. Viajando com ele, teve ocasião de ouvi-lo orar a altas horas quando todos repousavam. Caetano entendia de música, tinha boa voz e gostava muito de ensinar hinos. Ao chegar a uma casa, em visitas pastorais, era comum o povo acercar-se dele para aprender novos hinos. Sua conversação era muito espiritual. Era um bom conselheiro e homem de paz. Tinha alguns conhecimentos de medicina prática e receitava remédios caseiros aos necessitados.

O “evangelista dos sertões” faleceu no dia 20 de abril de 1909, após vinte e três anos de frutífero ministério. Morreu com a mesma simplicidade em que tinha vivido. Viajava pelo interior de São Paulo, a cavalo, quando contraiu uma séria infecção (antraz). Continuou a viajar e a pregar, utilizando remédios caseiros, mas a certa altura não pode continuar.

Morreu na roça, na humilde habitação do crente José Esteves, e foi sepultado no cemitério rústico da pequena vila de Ariranha, município de Monte Alto, a cerca de 9 km do local do falecimento. Nos seus últimos momentos, esteve com ele o Rev. João Vieira Bizarro, que dirigiu o ofício fúnebre. Na ocasião também falou o seu filho José Messias Nogueira. No mesmo ano, em 31 de julho, foi colocada em seu túmulo uma pedra memorial com o texto de Gálatas 6.14, em nome da Igreja Presbiteriana Independente, sendo orador o Rev. Benedito Ferraz de Campos.

Caetano teve nove filhos homens, um dos quais sempre o acompanhava em suas viagens. Seu irmão, Antônio Nogueira, foi membro da Igreja Presbiteriana de São Paulo e estudou na Escola Americana. Mais tarde foi diácono da Igreja de Ribeirão Claro, hoje Iacanga. Antônio teve a satisfação de ver um filho seu no ministério, o Rev. Rodolfo Garcia Nogueira, membro do antigo Presbitério de São Paulo. O Rev. Sherlock Nogueira, um neto do Rev. Caetaninho, estudou no Seminário Presbiteriano Independente no final da década de 1930 e foi pastor da sua denominação.

Bibliografia:

- Lessa, *Anais*, 174, 176s, 245, 266s, 332, 448s, 593, 669, 675, 684a (foto).
- Ferreira, *História da IPB*, I: 134, 203, 336s, 502-505, 513s, 577; II: 11, 36s, 42s.
- Álvaro Reis, “Cartas do Sertão”, *O Estandarte* (30-06 a 23-09-1893).
- João V. Bizarro, “Rev. Caetano Nogueira Júnior”, *O Puritano* (29-04-1909).
- Artigos de Eduardo C. Pereira, Bento Ferraz e Horácio M. Nogueira, *O Estandarte* (29-04-1909), 1-3.
- Alberto da Costa, “Rev. Caetano Nogueira Júnior”, *O Estandarte* (4 e 11-01-1912), 34-36.
- Sherlock Nogueira, “Rev. Caetano Nogueira Júnior”, *O Estandarte* (07-01-1943), 23s.
- Ferreira, *Galeria Evangélica*, 170-192.
- Ferreira, *O Apóstolo de Caldas*, passim.

Rev. Belmiro de Araújo César

Primeiro pastor brasileiro do Nordeste

Belmiro César nasceu em 11 de agosto de 1860 na cidade de Nazaré, em Pernambuco, sendo seus pais Francisco e Felismina de Araújo César. Aos 16 anos, já empregado em uma casa de comércio no Recife, passou por acaso na Rua do Imperador, defronte ao rio Capiberibe, e ouviu o cântico de um hino. Atraído pela música, subiu a escada e achou o salão das reuniões da pequena congregação presbiteriana. Alguém o recebeu com delicadeza e carinho. Gostou do ambiente e daquilo que ouviu. Voltou outras vezes e converteu-se. O pai tentou sem êxito dissuadi-lo. Certa manhã levou-o à igreja e ordenou que se ajoelhasse diante de uma imagem. Respeitosa, mas firmemente, o jovem se recusou a fazê-lo. A maior emoção de Belmiro até aquela data havia sido quando, ainda garoto, tocara na sobrecasaca de D. Pedro II, no meio do povo, por ocasião de uma visita do imperador a Pernambuco.

No dia em que completou 18 anos, 11 de agosto de 1878, Belmiro fez profissão de fé e foi batizado, junto com a mãe e outros conversos, pelo missionário pioneiro Rev. John Rockwell Smith, ao organizar-se a Igreja Presbiteriana de Recife, estando presente o Rev. Alexander L. Blackford. Mais tarde, outros familiares também vieram a professar a fé. Sentiu-se vocacionado para o ministério logo após a sua conversão. Ele e seus colegas João Batista de Lima e José Francisco Primênio da Silva estudaram teologia com o Rev. Smith, sendo os primeiros frutos do seu trabalho educativo no nordeste. Durante os estudos, trabalharam como colportores e evangelistas. Belmiro casou-se em 22 de outubro de 1883, aos 23 anos, com uma jovem filha de alemães, Cristina Hermínia Lenz, que se convertera com a leitura do primeiro capítulo de Gênesis. No ano seguinte ela também fez a sua profissão de fé, sendo batizada pelo Rev. Smith. Belmiro e seus colegas foram licenciados em 1885 e ordenados no dia 22 de maio de 1887 pelos Revs. John R. Smith, Alexander L. Blackford e DeLacey Wardlaw. No ano seguinte, Belmiro participou da criação do Presbitério de Pernambuco, em 17 de agosto, e da organização do Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil, poucas semanas depois.

Durantes os estudos, no período de um ano e meio, Belmiro trabalhou sucessivamente em Cabo, Goiana e Nazaré, cidades do seu estado. A partir da sua licenciatura, por oito anos exerceu o pastorado na Igreja de João Pessoa, na Paraíba, da qual foi o primeiro ministro nacional (1885-1893). Deu assistência a uma igreja rural na localidade de Monte Alegre, tendo-a organizado no dia 8 de abril de 1888. Em agosto de 1891, contribuiu para a conversão do futuro historiador do presbiterianismo brasileiro, Vicente Temudo Lessa.

Belmiro seguiu no dia 15 de dezembro de 1893 para São Luís do Maranhão, onde permaneceu dezoito anos (1894-1911). Substituiu o Rev. Dr. George Butler, que havia se transferido para Pernambuco. Desenvolveu as finanças no sentido da manutenção própria da igreja e fez visitas evangelísticas a outras cidades, como Teresina, a capital do Piauí. Dedicou-se também ao magistério, lecionando geografia, inglês e grego no Liceu Maranhense. No início de 1908, o Rev. João Marques da Mota Sobrinho, então na igreja da capital da Paraíba, foi a São Luiz para pedir a mão de uma filha de Belmiro em casamento. Como o bispo do Pará ali estivesse realizando conferências especiais e fizesse acusações a Lutero e a outros reformadores, o jovem pastor revidou com uma série de conferências sobre as origens do protestantismo. Belmiro voltou a pastorear por breve tempo a Igreja de João Pessoa, de outubro de 1911 a julho de 1913, substituindo o seu genro Mota Sobrinho, que fora para Portugal como missionário.

Seguiu então para o Rio de Janeiro, onde auxiliou o Rev. Álvaro Reis na evangelização dos subúrbios. Assumiu o pastorado da Igreja Presbiteriana do Caju, naquela capital, no dia 3 de junho de 1914, substituindo o Rev. Antônio André Lino da Costa, falecido no ano anterior, e ali permaneceu até 1922. Dona Cristina faleceu em julho de 1915. Tempos depois Belmiro veio a casar-se em segundas núpcias com Maria Isabel Pereira, que ele batizara há anos no Nordeste. Atacado pelo mal de Parkinson, a mesma enfermidade que acometeu o seu velho mestre e amigo Dr. John Rockwell Smith, Belmiro foi jubilado em janeiro de 1923, aos 63 anos, pelo Presbitério do Rio de Janeiro, reunido em Pedra Branca. Mesmo enfermo, fez viagens durante mais de dez anos, visitando Belo Horizonte, Curitiba,

Fortaleza, Campinas, Caratinga, Alto Jequitibá e Vitória. Faleceu no dia 8 de setembro de 1930, deixando oito filhos e cerca de 50 netos, quase todos batizados por ele mesmo. Seu ofício fúnebre foi realizado pelo Rev. Galdino Moreira, auxiliado por outros colegas.

O Rev. Belmiro César escreveu extensamente em jornais evangélicos. Ele e seu colega José Primênio estiveram entre os primeiros colaboradores de *O Estandarte*. Publicou uma versão comentada do *Breve Catecismo*, da qual saíram duas edições, bem como três opúsculos de sermões, *A Tragédia do Calvário* (1917), *Os Remidos do Senhor* (1919) e *Trevas e Luz* (1921), impressos na Tipografia do Norte Evangélico, em Garanhuns (ver Folhetos Evangélicos, Vol. 42, Coleção Temudo Lessa). O segundo foi dedicado ao filho Samuel, “um dos remidos do Senhor”, e o terceiro à filha Wilhelmine L. César Mota. Publicou também alguns sermões no *Púlpito Evangélico*. Grande conhecedor das Escrituras, seus sermões eram recheados de textos bíblicos. Levou na memória uma infinidade de versículos e experiências extraordinárias, como a chegada na Paraíba para o segundo pastorado, no dia 7 de outubro de 1911: duas lanchas embandeiradas foram buscar a família no vapor, soltando foguetes e cantando hinos. As lanchas entraram no rio Paraíba, de Cabedelo até João Pessoa. Aí bondes especiais esperavam a comitiva e os levaram à casa já alugada, onde foi servido um esplêndido jantar, seguido de vários discursos.

O Rev. Belmiro César deu origem a uma das mais destacadas famílias presbiterianas do Brasil. Teve do primeiro casamento doze filhos, dos quais quatro morreram na infância (Paulo, Eunice, Maternus e Elizabeth). Os demais foram Samuel, Daniel, Wilhelmine, Paulo, Luiz, Alinges, Cristina e Benjamim. Quatro filhos seguiram a carreira ministerial: Samuel (1884-1943), Paulo (1892-1938), Luiz (1894-1948) e Benjamin (1901-1979), e Daniel foi diácono e obreiro leigo. Wilhelmine casou-se com o Rev. João Marques da Mota Sobrinho (1883-1964), o primeiro missionário da Igreja Presbiteriana do Brasil em Portugal (1911-1922), e Cristina com o Rev. Agenor Mafra. Da terceira geração, surgiram seis ministros: Jorge Lenz César Mota, Humberto Xavier Lenz César e os quatro filhos de Benjamin: Elben, Kléos, Clebem e Éber Magalhães Lenz César. Elben é o fundador do conhecido periódico evangélico *Ultimato*, surgido em 1968. Outros dois de seus netos, os primos Paulo Costa Lenz César e Waldo Aranha Lenz César, foram destacados líderes da juventude presbiteriana e fundadores do jornal *Mocidade*.

O Rev. Benjamim Lenz de Araújo César participou ao lado do Rev. Júlio Andrade Ferreira da comissão de história da IPB na época do centenário e foi um dos maiores coletores do rico material que compõe o Museu e o Arquivo Histórico Presbiteriano, percorrendo o Brasil nesse valioso esforço. Paulo e Waldo César foram respectivamente o diretor e o redator do *Supre - Suplemento Presbiteriano*, que difundiu importantes documentos e informações sobre a história do presbiterianismo brasileiro, tendo circulado entre agosto de 1958 e dezembro de 1959. Samuel César foi arquivista de jornais antigos da igreja, como o fizera anteriormente o Rev. Vicente Temudo Lessa. Todos esses membros da família César fizeram parte da Comissão Unida do Centenário do presbiterianismo no Brasil.

Jorge César Mota (1912-2001) nasceu em Lisboa e veio para o Brasil com dez anos. Foi pastor em Aracaju e São Paulo, secretário geral da União Cristã de Estudantes do Brasil

(1944-1955) e capelão da Universidade Mackenzie (1955-1962). Passou alguns anos em Portugal como professor no Seminário Presbiteriano de Carcavelos. Fez pesquisas sobre o filósofo e romancista espanhol Miguel de Unamuno, sobre quem defendeu tese de doutorado na Universidade de São Paulo. Foi um dos fundadores da revista *Biblos*, autor de um comentário sobre a epístola a Tito e um dos tradutores da Bíblia de Jerusalém e de dois livros do missiólogo escocês John A. Mackay.

O sociólogo e jornalista Waldo César, nascido em 1922, filho do Rev. Samuel César, é filiado à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e reside na cidade de Resende. Foi pai da talentosa poetisa Ana Cristina César (1952-1983). Tem escrito obras sobre o protestantismo e o pentecostalismo brasileiros e outros temas. Escreveu em parceria com o Rev. M. Richard Shaull o livro *Pentecostalismo e Futuro das Igrejas Cristãs: Promessas, Limitações e Desafios*, publicado em português (1999) e inglês (2000), bem como uma obra de ficção, *Tenente Pacífico: Um Romance da Revolução de 32*. O membro mais recente da família César a ingressar no ministério é o Rev. Clinton Sathler Lenz César, pastor no Rio de Janeiro.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 291s, 468b (foto).
- Ferreira, *História da IPB*, I: 204s, 235, 299s, 454s; II: 43, 100, 103s, 154, 210, 217, 322s.
- *Norte Evangélico* (11-08-1928).
- “Rev. Belmiro de Araújo César”, *O Puritano* (20-09-1930), 3.
- Natanael Cortez, “O Presbiterianismo no Norte do Brasil”.
- *Anais do Centenário da Igreja Presbiteriana do Recife* (1978).
- “Rockwell e Belmiro”, *Ultimato* (Agosto 1978), 16-18.
- Domingos Borges de Pádua, *História da I. P. de São Luís: 1886-1986*, p. 13s.
- Fernandino Caldeira de Andrada, “Belmiro de Araújo César: uma vida dedicada ao Reino”, *Brasil Presbiteriano* (Março 1997), 16).
- “Jorge César Mota”, *Ultimato* (Março-Abril 2002), 18.

Rev. João Batista de Lima

Pastor pioneiro do Nordeste, em Pernambuco e na Paraíba

João Batista de Lima nasceu em Porto Calvo, Alagoas, por volta de 1853. Foi para Recife aos 14 anos. Na mocidade, exerceu o ofício de tartarugueiro, ou seja, artífice em obras de tartaruga. Ao converter-se em Recife, trabalhava como sapateiro e era conhecido como João Tubarão. Após a sua conversão, começou a estudar francês, inglês, Bíblia e teologia, primeiro com o Rev. William LeConte, falecido em 1876, e depois com o Rev. John Rockwell Smith. Foi sempre muito esforçado. Quando estudante em Recife, fez instalar uma estante sobre os braços da cadeira em que estudava, sobre a qual colocava todos os livros das lições que tinha de dar no dia seguinte, e não se levantava enquanto não as soubesse.

Ele e os colegas Belmiro de Araújo César e José Francisco Primênio da Silva foram os primeiros pastores presbiterianos do Nordeste. Os três professaram a fé no dia da organização da Igreja Presbiteriana de Recife, 11 de agosto de 1878. Posteriormente, trabalharam como colportores e evangelistas, e a partir de 1881 estudaram teologia com o Rev. Smith. Em 1883, quando candidato ao ministério, Lima pôs-se à frente da congregação da capital da Paraíba, que seria organizada em igreja pelo Rev. Smith em 19 de dezembro do ano seguinte. Os três moços foram ordenados no dia 22 de maio de 1887 pelos Revs. John R. Smith, Alexander L. Blackford e DeLacey Wardlaw, perante uma assistência de 600 pessoas.

O Rev. Lima teve um curto ministério. Seu principal campo de trabalho foi a cidade de Goiana, em Pernambuco, tendo servido também na Paraíba. Participou da organização do Sínodo Presbiteriano, em setembro de 1888, sendo eleito 2º secretário. Sofreu com a perda de vários filhos e sua recaída final deveu-se à morte de dois filhos em poucos dias. Faleceu em Recife no dia 10 de julho de 1893, vitimado pela tuberculose, após buscar tratamento em Araxá, Minas Gerais. Tinha cerca de quarenta anos de idade e deixou viúva e quatro filhos na pobreza. Em junho de 1889, um de seus sermões foi publicado no *Púlpito Evangélico*.

Ficou conhecido como um bom pregador e como um homem estudioso. Tinha pele clara, bigode louro e feições simpáticas. Já desenganado da doença que o vitimou, lia diariamente o Novo Testamento grego, bem como um capítulo de teologia em latim. Uma filha sua, Abigail de Lima, fez profissão de fé na Igreja de Recife em 12 de novembro de 1892, na mesma ocasião em que foi batizado o futuro ministro e historiador Vicente Temudo Lessa, então com 18 anos. Lessa visitou o Rev. Lima várias vezes em Recife, durante a sua enfermidade.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 290, 445, 448.
- Ferreira, *História da IPB*, I: 204s, 235, 286s, 298.
- Belmiro de Araújo César, “Rev. João Batista de Lima”, *O Estandarte* (29-07-1893), 2.
- “Jubileu do Presbiterianismo no Norte do Brasil”, *Norte Evangélico* (11-08-1928), 14.

Rev. José Francisco Primênio da Silva

Pastor pioneiro do Nordeste, em Alagoas e Pernambuco

José Francisco Primênio da Silva era natural de Brejo da Madre de Deus, no sertão de Pernambuco. Era professor normalista quando se converteu. Ele e os colegas Belmiro de Araújo César e João Batista de Lima professaram a fé no dia da organização da Igreja Presbiteriana de Recife, em 11 de agosto de 1878. Posteriormente, trabalharam como colportores e evangelistas, e estudaram teologia com o Rev. John Rockwell Smith. Os três foram ordenados no dia 22 de maio de 1887 pelos Revs. John R. Smith, Alexander L. Blackford e DeLacey Wardlaw, tornando-se os primeiros pastores presbiterianos brasileiros do Nordeste.

O novo ministro exerceu o pastorado em Maceió e Goiana. Em 1887, poucos meses após a sua ordenação, acompanhou o Rev. Smith na organização das primeiras igrejas de Alagoas. Foi uma viagem demorada. Passaram alguns dias em Penedo, onde o Rev. Smith, que estava acompanhado da família, fez conferências públicas. Levantou-se perseguição e a vida do missionário correu perigo. Em 19 de julho a comitiva aportou em Pão de Açúcar, no pequeno vapor Maceió. A organização da igreja deu-se no dia 18 de agosto. Nesse dia o Rev. Smith pregou sobre Mateus 28.18-20 e o Rev. Primênio batizou 16 adultos e 13 menores. Na volta de Pão de Açúcar, foi organizada a Igreja de Maceió, em 11 de setembro. Estava presente o candidato Juventino Marinho, que ficara dois meses à frente da congregação durante a ausência dos dois ministros. Primênio pastoreou essa igreja até o início de 1894. Em suas viagens foi até Quebrângulo, no interior de Alagoas. Preocupava-se muito com a evangelização dos indígenas.

Primênio foi membro fundador do Presbitério de Pernambuco, em 17 de agosto de 1888, no Recife, ao lado dos colegas Revs. John R. Smith, DeLacey Wardlaw, Belmiro César e do presbítero William C. Porter. Foi eleito secretário permanente desse concílio. Todavia, não compareceu à organização do Sínodo, no mês seguinte. Com o advento da república, Primênio fez parte do conselho municipal da capital alagoana, alcançando o oitavo lugar na votação. Em 1894, foi transferido para Goiana, Estado de Pernambuco, por motivo de saúde. Candidatou-se ao pastorado da Igreja de Curitiba, oferecendo-se para visitá-la em 1897; quem acabou eleito foi o Rev. José Maurício Higgins. Primênio era baixo e corpulento, usava barba cerrada e falava rapidamente. Nos seus últimos anos, enfraquecido pelas enfermidades, veio para o sul e faleceu em dezembro de 1903 no município de Cunha, em São Paulo, perto da divisa com o Estado do Rio, onde trabalhou como professor entre os metodistas.

O Rev. Primênio colaborou com a maior parte dos jornais evangélicos do seu tempo. Muito meticoloso, tinha pendor para a historiografia. Deixou um sermão no *Púlpito Evangélico*, em janeiro de 1898. Em suas correspondências na *Imprensa Evangélica* e em *O Estandarte* deixou muitas informações sobre a história da obra evangélica no Nordeste. Foi uma espécie de historiador oficioso do Presbitério de Pernambuco, do qual foi também o primeiro secretário permanente. Era dado a fazer versos, embora não fosse poeta. Ele e a esposa, Antonia Minervina, deixaram vários hinos nos jornais da época.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 291, 298s, 653.
- Ferreira, *História da IPB*, I: 205, 235, 285, 287, 298s, 446.
- “Jubileu do Presbiterianismo no Norte do Brasil”, *Norte Evangélico* (11-08-1928), 14.
- Emrich e Vargas, *Pioneiros da Evangelização Presbiteriana no Paraná*, 9.

Rev. Álvaro Emídio Gonçalves dos Reis

Ilustre pastor da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro

Álvaro Reis nasceu em São Paulo no dia 22 de março de 1864, sendo seu pai, o imigrante português Miguel Gonçalves dos Reis, já falecido naquela ocasião. Sua mãe, Isabel Maria

de Almeida Reis, que se tornou membro da Igreja Presbiteriana de São Paulo em 2 de março de 1873, consagrou-o ao ministério por ocasião do seu batismo. Vários outros integrantes da família também foram membros daquela igreja. Álvaro estudou na Escola Americana, onde fez os cursos primário e secundário até os 14 anos. A seguir trabalhou no comércio. Na adolescência, desviou-se da igreja por alguns anos. Trabalhou como graxeiro na estrada de ferro e nessa condição o Rev. John Boyle o teria visto pela primeira vez.

Veio a converter-se sob a influência desse missionário, que o recebeu por profissão de fé em Mogi-Mirim no dia 29 de outubro de 1882. Deu prosseguimento aos seus estudos sob a orientação do Rev. Boyle. Transferiu-se para Campinas como candidato ao ministério, ingressando no curso teológico do Colégio Internacional, dirigido pelo Rev. Edward Lane, no qual teve a matrícula de nº 1. Foi eleito presbítero da Igreja de Campinas, em cuja condição participou do primeiro Sínodo, em 1888, como suplente do colega Flamínio Augusto Rodrigues, que teve de retirar-se.

Indo pregar na congregação de Rebouças, Álvaro conheceu a jovem Maria da Fonseca (Mariquinha), com a qual veio a casar-se em 21 de agosto de 1886, sendo oficiante o Rev. Lane. Maria nasceu no dia 10 de março de 1868 em Ponta Delgada, nos Açores, estudou no Colégio Internacional com a missionária Charlotte Kemper e professou a fé em 1885 na Igreja de Campinas. Álvaro foi licenciado em Campinas pelo Presbitério de Campinas e Oeste de Minas em 2 de setembro de 1888, poucos dias antes do Sínodo, sendo ordenado em São João da Boa Vista no dia 2 de setembro de 1889 pelo agora Presbitério de Minas, presidido pelo Rev. Miguel Torres. Seus sermões de licenciatura e ordenação versaram, respectivamente sobre “A Nossa Mediação e Salvação” e “A Síntese da Lei”. Desde jovem, foi orador fluente e ardoroso evangelista. Seu ministério inicial foi na região da Mogiana, o antigo campo do Rev. Boyle (Itapira, Mogi-Mirim, São João da Boa Vista, Casa Branca, São José do Rio Pardo, Mococa, São Simão, Cajuru, Ribeirão Preto, Altinópolis, Batatais e outros pontos). Em fevereiro de 1890, conduziu o Rev. Samuel R. Gammon na primeira viagem evangelística desse novo missionário. Tornou-se um membro ativo da diretoria do Seminário Presbiteriano, participando da sua criação.

Durante o seu ministério no Presbitério de Minas, Álvaro participou da organização das Igrejas de Espírito Santo do Pinhal (10-08-1890) e São Sebastião da Gramma (24-01-1891), ambas no Estado de São Paulo. Em meados de 1893, acompanhado do Rev. Caetano Nogueira Júnior, fez uma longa viagem ao Triângulo Mineiro e sul de Goiás, antigo campo do Rev. Boyle, organizando as Igrejas de Bagagem, hoje Estrela do Sul (18-06), Paracatu (02-07), Santa Luzia de Goiás, a atual Luziânia (16-07), e Araguari (16-08). Descreveu essa experiência em suas “Cartas do Sertão”, publicadas naquele ano em *O Estandarte*. No mesmo ano, a Sociedade Brasileira de Tratados Evangélicos trouxe a lume o seu livro *Origens Caldaicas da Bíblia*, fruto de uma polêmica travada no ano anterior com um advogado de Campinas, Dr. José de Campos Novaes, através de artigos no “Diário de Campinas”. O Dr. Novaes havia afirmado que a Bíblia era tirada da antiga religião dos caldeus. Em 1894-1895, quando residia em São João da Boa Vista, Álvaro envolveu-se em uma polêmica com um espírita de Lavras, que resultou nas *Cartas a um Doutor Espírita*. Outras obras suas quando ainda estava no interior foram *José de Anchieta à Luz da História*

Pátria e Anchieta, o Carrasco de Bolés, ambas de 1896. Bolés seria Jacques le Balleur, o calvinista condenado à morte por Villegaignon em 1558, que fugiu para São Vicente e foi enforcado no Rio de Janeiro em 1567.

Na reunião do Sínodo em 1894, no Rio de Janeiro, Álvaro pregou o famoso sermão “O Clamor das Pedras”, baseado em Lucas 19.40, mostrando como as pedras do passado (a arqueologia) confirmavam a veracidade das Escrituras. Encantou a igreja-mãe, que quis tê-lo como pastor, mas somente alguns anos depois pôde atender ao convite. Foi eleito por unanimidade em 25 de junho de 1896. Em abril de 1897, fez as suas despedidas em Mogi-Mirim, Itapira e São João da Boa Vista, lugares em que havia residido desde o início do seu ministério. Esteve também em Cajuru, onde vivia a família Rizzo, participando, ao lado do Rev. Antônio André Lino da Costa, da organização da igreja presbiteriana e do lançamento da pedra fundamental do templo.

A cerimônia de posse no pastorado da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro ocorreu no dia 6 de maio de 1897. Foi presidida pelo Rev. John M. Kyle, que fez o discurso alusivo, falando também o Rev. James B. Rodgers, de quem o Rev. Álvaro ia receber o pastorado. Antes da cerimônia houve uma reunião extraordinária do Presbitério do Rio de Janeiro para receber a transferência do novo obreiro. Álvaro cuidou, no primeiro ano, do problema da casa pastoral e reabriu a escola paroquial; recebeu 33 novos membros por profissão de fé. Escreveu novas obras: *O Casamento Religioso* (1897), sobre o casamento católico, e *Refutação da Sexta Conferência do Padre Júlio Maria*. Publicaram-se sermões seus e uma conferência sobre “A Caridade” em prol do Hospital Evangélico (1897). A igreja sede, bem como suas igrejas filhas e congregações, experimentaram grande crescimento. No dia 1º de janeiro de 1899, os Revs. Álvaro e Franklin do Nascimento organizaram em igreja a congregação de Niterói, entregue aos cuidados do novo pastor Erasmo Braga. No ano anterior, em 21 de setembro, os Revs. Álvaro e Kyle haviam organizado a Igreja de Friburgo.

No dia 8 de junho de 1899, Álvaro fundou o jornal *O Puritano*, tendo como colaboradores Erasmo Braga e Franklin do Nascimento. O periódico surgiu no momento em que se agravava a crise da denominação e muitos líderes entendiam que *O Estandarte*, do Rev. Eduardo C. Pereira, já não refletia o pensamento de uma grande parcela da igreja. O novo jornal acabou se tornando o principal órgão do presbiterianismo nacional durante sessenta anos, vindo a unir-se ao *Norte Evangélico* em 1958 para formar o *Brasil Presbiteriano*. No fatídico Sínodo de 1903, o Rev. Álvaro, que era maçom, propôs que o concílio considerasse superada a questão maçônica.

Álvaro Reis fez muitas viagens pelo Brasil, geralmente para realizar séries de conferências. Em 1901, esteve no Estado de São Paulo e levantou coletas para saldar a dívida do Seminário; em 1904 visitou a Bahia, Sergipe, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte; em 1906 foi ao sul: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul; e em 1908 pregou em muitas localidades no sul de Minas (Sengó de Pouso Alto, Conchas, Caxambu, Baependi, Serra do Chapéu, Conceição do Rio Verde, São João da Cristina, Itajubá e Cruzeiro). No relatório anual à sua igreja, em 1904, ele deixou clara a sua visão pastoral: “Como todos

sabem, o vosso pastor gasta mais tempo no trabalho evangelístico do que na assistência pastoral propriamente dita. Sendo nossa atmosfera social religiosamente indiferente e idólatra, somos impelidos constantemente à catequese”.

Em 1910, ao ser criada a Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana do Brasil, Álvaro Reis foi eleito o seu primeiro moderador. A seguir foi com a esposa aos Estados Unidos e à Europa, onde participou de importantes conferências e fez valiosos contatos com muitos líderes e igrejas. Numa visita a Portugal, reorganizou o trabalho presbiteriano em Lisboa e tornou viável a missão da Igreja Presbiteriana do Brasil naquele país, iniciada no ano seguinte com a chegada do Rev. João Marques da Mota Sobrinho. Em 1916, participou com Erasmo Braga e Eduardo Carlos Pereira do Congresso da Obra Cristã na América Latina, no Panamá. Veio a ser um dos incentivadores e diretores do Seminário Unido, sediado no Rio de Janeiro. Mais tarde, também compareceu à Convenção Mundial das Escolas Dominicais, em Tóquio (1920), e ao Congresso da Obra Cristã na América do Sul, em Montevidéu (1925).

Em 1913, defendeu sem sucesso o uso do cálice comum na Santa Ceia. Sendo um orador eloqüente e zeloso evangelista, fez conferências em muitas cidades e ajudou a fundar um bom número de igrejas. Sua presença física impressionava os que o conheciam. Entre seus sermões mais famosos estava uma série sobre as “Sete Palavras da Cruz” (1914). Foi uma personalidade destacada na sociedade do Rio, amigo pessoal do Barão do Rio Branco, do construtor Antônio Januzzi, do jornalista José Carlos Rodrigues e de outros vultos, e assíduo colaborador do *Jornal do Comércio*. Intelectuais de projeção nacional ocasionalmente iam ouvi-lo na Igreja do Rio. Incentivou a criação do Orfanato Presbiteriano na Assembléia Geral de 1910. Fundado inicialmente em Valença, o orfanato foi depois transferido para Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, sendo hoje denominado Instituto Presbiteriano Álvaro Reis. O ilustre pastor foi membro da diretoria de entidades como o Seminário Presbiteriano, Missões Nacionais, Seminário Unido, Hospital Evangélico, Associação Cristã de Moços e Esforço Cristão.

Álvaro Reis e sua esposa tiveram uma vida conjugal exemplar. Não tiveram filhos naturais, mas criaram catorze crianças, incluindo órfãos de pai e mãe (sete de Mogi-Mirim, quatro do Rio e um de Lavras) e dois netos adotivos, um dos quais Júlio de Oliveira, o Julinho, destacou-se como pianista. Muitos de seus filhos na fé se tornaram pastores: André Jensen, Américo Cardoso de Menezes, Abdias Nobre, Basílio Braga de Oliveira, Bernardino de Souza, Contâncio Omero Omegna, Firmino Miguez, Júlio Camargo Nogueira, Lisânias de Cerqueira Leite, Manuel Alves de Brito, Otávio Jensen, Vítor Coelho de Almeida e William Cleary Kerr. Pouco depois de regressar do Congresso de Montevidéu, Álvaro escreveu em sua Bíblia, ao lado de 2 Timóteo 4.1-5: “Este é o meu testamento a quem me suceder.” Faleceu repentinamente no dia 4 de junho de 1925. No 25º aniversário do seu pastorado (1922), o rol da Igreja do Rio havia aumentado de 586 para 2687 membros. Dona Mariquinha faleceu aos 85 anos no dia 26 de março de 1953.

Álvaro Reis foi um autodidata, um grande evangelista e um dos maiores oradores sacros do Brasil. Foi também um ardoroso polemista, mas polemizava com dignidade. Teve

vastíssima produção literária. Além das obras já citadas, vale acrescentar as seguintes: (1) sermões: *O Clamor das Pedras* (1901); *O Tribunal de Cristo* (1901); *A Vitória da Fé* (1903); *Os Escândalos* (1903); (b) outros escritos: *Os Irmãos da Bendita Virgem Maria; Reencarnação e Regeneração* (1906); *As Conferências do Padre Júlio Maria: Refutação* (1908); *Mimetismo Católico: Polêmica com o Ultramontano Carlos Pimenta da Laet* (1909); *As Conferências do Padre Júlio Maria sobre a Segunda Vinda de Cristo: Refutação* (1912); *O Cálice Eucarístico* (1913); *O Espiritismo* (1916); *As Sete Palavras de Cristo na Cruz* (1917) e *O Mártir Le Balleur* (1917). Muitos desses livros resultaram de séries de artigos publicados em *O Puritano*, no qual escreveu amplamente. Seu famoso sermão “O Clamor das Pedras” foi reeditado muitas vezes, inclusive pela Casa Publicadora Batista, em 1959. Também publicou *Traços Biográficos do Rev. Dr. Eduardo Lane* (1895) e o valioso *Almanaque Histórico do O Puritano* (1902).

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 103, 126b (foto), 140, 154, 208, 321, 335, 422, 448s, 487, 515s, 518, 538-41, 545s, 571s, 580, 613, 663s, 667.
- Ferreira, *História da IPB*, I: 287, 294s, 324-27, 329, 479-482, 484, 502-505, 563-67, 572-580; II: 25, 37s, 47s, 63, 82s, 88s, 124-29, 166-72, 223-30, 242, 242s, 246, 256s, 258-62, 290, 321, 412, 414.
- “Rev. Álvaro Reis”, *O Puritano* (11-06-1925), 2 e Suplemento, p. 6.
- “D. Maria da Fonseca Reis”, *O Puritano* (25-05-1953), 9s.
- *Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro: Primeiro Centenário, 1862-1962*.
- Abdênago Lisboa, *História da Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte* (Belo Horizonte: Editora Canaã, 1974), 117-119.
- Hahn, *Culto Protestante no Brasil*, 214-216.
- Mendonça, *Celeste Porvir*, 90-92.
- Fernandino Caldeira de Andrada, “Reverendo Álvaro Reis”, *Brasil Presbiteriano* (Nov 1997), 12.

Rev. Juventino Marinho da Silva

Pastor em Pernambuco, Paraíba e Alagoas

Juventino Marinho nasceu na cidade de Goiana, Pernambuco, em 25 de janeiro de 1860. Era filho de Antônio Marinho da Silva e Umbelina Joaquina da Anunciação Marinho. Após concluir o curso primário em dezembro de 1873, desejou dar prosseguimento aos estudos, mas para isso teria de seguir para a capital. Não dispondo dos recursos necessários, resignou-se a trabalhar no comércio (1874-1886). Comprou do colportor Manoel José da Silva Viana um exemplar do livro “Noites com os Romanistas” e ficou encantado com os sólidos argumentos contra as doutrinas de Roma. Começou a ler a Bíblia em junho de 1878 e em maio do ano seguinte passou a freqüentar a congregação de Goiana, onde professou a fé e foi batizado pelo Rev. John Rockwell Smith no dia 21 de novembro de 1880, dia esse em que aquela congregação foi organizada em igreja.

Quando ainda naquela cidade, começou a estudar algumas disciplinas com o candidato ao ministério Belmiro de Araújo César. Estudou com ele geografia, inglês e latim num curso noturno, depois do expediente no seu estabelecimento comercial. Mais tarde deixou o comércio por achá-lo incompatível com a fé evangélica. Sentindo o chamado para o ministério, transferiu-se para Recife a fim de preparar-se com o Dr. Smith, que lhe ensinou teologia, grego e outras matérias durante três anos (1886-1888).

Em 1887, já como candidato ao ministério, ficou por dois meses à frente da congregação de Maceió, presenciando a sua organização em igreja no dia 11 de setembro daquele ano. A seguir, passou a trabalhar na Igreja da Paraíba (João Pessoa). Foi ordenado pelo Presbitério de Pernambuco, reunido na capital da Paraíba, no dia 26 de setembro de 1889. Na mesma ocasião também foi ordenado o presbítero William Calvin Porter. Os dois novos ministros fizeram parte da segunda turma do Rev. John Rockwell Smith.

Juventino pastoreou inicialmente a Igreja de João Pessoa, onde já se encontrava quando da sua ordenação. Logo depois, em março de 1890, foi para o Recife, onde trabalhou ao lado do Rev. William Porter. Encarregou-se ao mesmo tempo da congregação do bairro de Areias. No dia 20 de novembro de 1890, casou-se com Elisa Amorim Fialho. Em novembro de 1891, assumiu o pastorado da Igreja de Pão de Açúcar, no Estado de Alagoas, e em setembro de 1892 voltou para Recife, onde permaneceu por vários anos. Em 1893, Juventino e Porter visitaram a cidade de Natal, na qual permaneceram oito dias celebrando cultos em um armazém e em casas de crentes. No dia 15 de outubro do mesmo ano, os dois obreiros organizaram a Igreja Presbiteriana de Areias, em Recife.

Nessa época, o Rev. George Butler residiu por pouco tempo na capital pernambucana. Quando se transferiu para Garanhuns em fins de 1894, deixou a Igreja de Recife aos cuidados do Rev. Juventino. Em 21 de janeiro de 1900, os dois obreiros organizaram a Igreja de Canhotinho, no interior do estado; no dia seguinte, Juventino e William Calvin Porter organizaram a Igreja de Garanhuns. Em Recife, Juventino exerceu um pastorado eficiente. Os bairros foram trabalhados ativamente, surgindo germes de futuras igrejas. A abertura do Colégio Americano de Pernambuco pela missionária Eliza M. Reed, em 1904, foi um grande estímulo para a igreja. Juventino terçou armas, pela imprensa, com o célebre queimador de Bíblias, o capuchinho italiano frei Celestino de Pedávoli.

No final de 1909, Juventino assumiu o pastorado da Igreja de Maceió. Após ter sido pastoreada pelo Rev. José Primênio da Silva, a igreja havia sido dissolvida em 1894, sendo reorganizada pelos Revs. George Henderlite e Benjamin Marinho em 10 de abril de 1908. Durante o seu pastorado, foi construído o templo daquela igreja e inaugurado em 25 de dezembro de 1913. O Rev. Juventino permaneceu em Maceió até julho de 1921. De Maceió, atendendo a insistentes convites, transferiu-se para Salvador, Bahia, de cuja igreja assumiu o pastorado entre julho de 1921 e julho de 1924, filiando-se ao Presbitério Bahia-Sergipe. De lá voltou para Pernambuco, convidado pelo Sínodo Setentrional para ser o redator do jornal *Norte Evangélico*. Fixou residência em Garanhuns de 1924 a 1936, como membro do Presbitério do Sul de Pernambuco. Passou a servir no Colégio 15 de Novembro, ensinando e pregando, e também ajudou no púlpito da igreja local. Voltou à Paraíba em 2

de abril de 1936, trabalhando em Campina Grande e Alagoa Grande, tornando a filiar-se ao seu antigo Presbitério de Pernambuco. Quando foi criado em 1941 o Presbitério Paraíba-Rio Grande do Norte, a cuja jurisdição ficou pertencendo, foi eleito para o cargo de secretário permanente daquele concílio, apesar de jubilado.

Juventino sempre gostou de escrever. Colaborou com o jornal *O Século*, de Natal, e foi por doze anos redator responsável do periódico *Norte Evangélico*, quando o mesmo ainda era publicado em Garanhuns. Por algum tempo, escreveu os “Estudos Bíblicos” para a escola dominical, muito conhecidos em quase todo o Brasil, e colaborou com o *Expositor*, revista mensal de cultura bíblica publicada na velha tipografia do Norte Evangélico. Publicou vários opúsculos. Sendo hábil polemista, manteve acirrada polêmica pela imprensa secular com diversos representantes da igreja católica. Foi moderador e secretário permanente do Presbitério de Pernambuco e do Sínodo Setentrional.

O Rev. Juventino foi jubilado em 1938 e pregou o seu último sermão aos 89 anos de idade. Faleceu uma década depois, no dia 7 de dezembro de 1959, com quase cem anos de idade, na cidade de João Pessoa. Dona Elisa Amorim Fialho Marinho havia falecido em 16 de junho de 1952. O casal teve três filhos e duas filhas: Otoniel, Noemi, Edna, Helcias e Josibias. O Rev. Josibias Fialho Marinho, nascido em 1903 e ordenado em 1926, foi pastor em João Pessoa e Recife, bem como escritor, tendo publicado em 1974 o romance *Filho de Pastor*. O parente Benjamim Marinho foi ordenado em 28 de maio de 1905 e pastoreou igrejas em Recife, Palmares, Natal e outros lugares, revelando-se um incansável evangelista. Uma parente de Dona Elisa, Juracy Fialho Viana, nascida em 1912 e ainda viva, escreveu o romance biográfico *Cecília*, sobre Cecília Rodrigues Siqueira, a esposa do Rev. Cícero Siqueira.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 299s, 321, 336s, 468b (foto).
- Ferreira, *História da IPB*, I: 236, 298, 449, 460; II: 98, 100, 153, 208, 210, 328.
- Juventino Marinho. *O Modo do Batismo*. Tipografia do Jornal do Recife, 1902.
- “Rev. Juventino Marinho da Silva”, Pasta Ministros (17), Arquivo Presbiteriano.
- “Rev. Juventino Marinho da Silva”, *Brasil Presbiteriano* (Janeiro 1960), 8; (Fevereiro 1960), 12; (Março 1960), 1.
- Josibias Fialho Marinho. *Filho de Pastor* (romance verídico). Rio de Janeiro, 1974.
- Josibias Fialho Marinho. *Obrigado, Senhor!* Art-Cópia, 1976.
- “Personalialia” (Josibias Fialho Marinho), *Ultimato* (Junho 1976), 5.
- Igreja Presbiteriana do Recife, *Anais do Centenário* (1878-1978).
- Fernandino Caldeira de Andrada, “Reverendo Josibias Fialho Marinho”, *Brasil Presbiteriano* (Nov 1998), 16.

Rev. Benedito Ferraz de Campos

Pastor e professor na capital e no interior de São Paulo

Benedito Ferraz de Campos nasceu em Rio Claro no dia 23 de dezembro de 1867, sendo descendente de indígenas. Pobre e enfermo, foi acolhido pelo Rev. João Fernandes Dagama, em cujo colégio fez os primeiros estudos. Esse pastor o recebeu por profissão de fé em 1º de janeiro de 1883. Também contou com o apoio do jovem Herculano de Gouvêa, que foi por algum tempo superintendente do colégio. Herculano recebeu-o como aluno interno, deu-lhe aulas particulares e em 1885 o levou para São Paulo como candidato ao ministério. Foi recebido por transferência na Igreja Presbiteriana da capital no dia 24 de agosto de 1885. Deu continuidade aos seus estudos na Escola Americana e preparou-se para o ministério com os missionários, principalmente com o Rev. Donald Campbell McLaren.

O jovem esteve presente à reunião de instalação do Sínodo Presbiteriano, de 6 a 13 de setembro de 1888. Na foto oficial tirada na ocasião, ele aparece cercado pelos ilustres pioneiros do presbiterianismo no Brasil. Foi licenciado pelo Presbitério do Rio de Janeiro, nessa cidade, no dia 13 de setembro, no mesmo dia em que o presbítero Álvaro Reis. Na ocasião, o Rev. McLaren apresentou um relatório dizendo que o candidato havia estudado com ele, no último período, as seguintes matérias: gramática grega, quatro livros da *Anabasis* de Xenofonte e seleções da *Memorabilia*; em latim, recordação de Virgílio e Cícero, e seleções de Tácito e Tito Lívio; história eclesiástica, lógica, elementos de filosofia geral, teologia, e forma e governo da igreja. McLaren ainda declarou que o comportamento e espírito cristão do jovem Benedito eram exemplares.

Benedito Ferraz foi o primeiro pastor ordenado pelo novo Presbitério de São Paulo, em 14 de outubro de 1889, no templo da Rua 24 de Maio, fazendo a parênese o Rev. Modesto Carvalhosa. O periódico *Brazilian Missions* comentou: “Este provavelmente foi o primeiro índio sul-americano admitido ao ministério do evangelho”. Sucedeu o Rev. Eduardo Carlos Pereira no campo de Minas Gerais, tendo residido em Embaú (Cruzeiro); seu antecessor nessa localidade havia sido o seu mestre, Rev. McLaren. O campo do Vale do Paraíba sofria com a decadência da cultura do café. O trabalho estava fraco em Cruzeiro, Lorena e Campanha, mas havia progressos em Baependi e Cana Verde, no sul de Minas. Benedito Ferraz deu aulas de português aos primeiros missionários episcopais que vieram para o Brasil (1889), James Watson Morris e Lucien Lee Kinsolving, os quais por sua vez lhe ensinaram inglês e hebraico. Morris fez diversas referências elogiosas à personalidade e ao trabalho do Rev. Benedito.

Em 6 de março de 1890, o jovem pastor casou-se com Tereza Maria Madalena, de Baependi, sendo oficiante o Rev. John B. Kolb. Pouco depois, por instigação do vigário local, foi atacado por uma turba fanática e quase perdeu a vida, sendo expulso da vila de Embaú. Esse fato motivou a criação da Liga Evangélica, no dia 31 de maio de 1890, em São Paulo, com o propósito de defender os direitos dos protestantes. A Liga era constituída pelos Revs. Edmund A. Tilly, Zacarias de Miranda, Eduardo C. Pereira, Dr. Horácio Lane, Bento Ferraz, Gaspar Schlittler e Prof. Remígio de Cerqueira Leite. Em 1892, o presbitério confiou ao Rev. Benedito as Igrejas de Bela Vista de Tatuí (Porangaba), Guareí, Itapetininga, Faxina (Itapeva) e Fartura. Ele residiu em Bela Vista, Faxina e várias outras

localidades. Em setembro de 1893, tornou-se professor do Instituto Teológico de São Paulo, substituindo o Rev. Bento Ferraz, que se retirava para Caldas.

Em 1896, Benedito solicitou exoneração do ministério, do qual manteve-se afastado por oito anos. Nesse período, não deixou de prestar serviços à causa evangélica, ocupando o púlpito sempre que havia oportunidade. Tornou-se membro da 2ª Igreja de São Paulo, na qual auxiliou o Rev. Modesto Carvalhosa. Também cooperou com a 1ª Igreja na evangelização dos bairros. Trabalhava como professor, publicando no início de 1898 uma obra denominada *Lexeotaxia*, a primeira parte de uma gramática portuguesa que pretendia escrever, e que denominara de *Lexicologia das Escolas*. Não chegou a escrever os outros volumes. Lecionou no Colégio do Rev. Bento Ferraz em Poços de Caldas e no Seminário Presbiteriano, antes da divisão da igreja.

Quando o Rev. Carvalhosa e a 2ª Igreja desligaram-se do Presbitério de São Paulo em julho de 1898, Benedito votou contra a separação. No dia 1º de setembro de 1899, ele e sua esposa, Tereza Ferraz de Campos, foram arrolados por jurisdição na 1ª Igreja. O professor Benedito foi convidado para auxiliar no púlpito na capital, em São Vicente e em Itanhaém, com honorários de 300 mil réis mensais, devendo ser pedida oportunamente a sua licenciatura. Em 30 de julho de 1901, quando a 1ª igreja inaugurou a Escola Paroquial e o Externato Evangélico, este último ficou sob a direção do Rev. Eduardo C. Pereira e do professor Benedito. Era a concretização do projeto do pastor da 1ª igreja: “A educação dos filhos da igreja pela igreja e para a igreja”.

No início de 1903, quando a Plataforma do Rev. Eduardo estava sendo discutida, Benedito Ferraz escreveu cinco artigos sobre o assunto em *O Estandarte*. Quando ocorreu o cisma, ingressou na Igreja Presbiteriana Independente. Na segunda reunião do Presbitério Independente, realizada em Campinas em 16 de janeiro de 1904, foi restaurado ao ministério efetivo, sendo arrolado pelo presbitério. Foi evangelista residente em Sorocaba, São Carlos, Rio Claro, Jaú, Mogi-Mirim, Borda da Mata, São Paulo e Rio de Janeiro. Foi vice-moderador da segunda reunião do Sínodo Independente, em 1911, bem como moderador e secretário do Presbitério do Oeste. Lecionou humanidades e teologia no Seminário Independente. Não fugia de questões polêmicas, como a longa série de artigos que escreveu para *O Estandarte* no segundo semestre de 1912, intitulada “O batismo e o Jornal Batista”.

Tendo um temperamento retraído, sensível e melancólico, o Rev. Benedito viveu amargurado os seus últimos anos, em virtude de problemas pessoais e familiares. Faleceu na Ilha do Governador, no Rio de Janeiro, onde residia, no dia 21 de dezembro de 1916, quando pastoreava a igreja presbiteriana independente daquela capital, na qual havia sido licenciado vinte e oito anos antes. Dona Tereza Ferraz de Campos faleceu em São Paulo em 9 de junho de 1941. Deixou nove filhos e vinte e dois netos.

Benedito Ferraz era muito inteligente e um bom conhecedor da língua portuguesa. Tornou-se hábil professor de línguas e matemática. Era extremamente modesto – quando lhe perguntavam se sabia uma determinada coisa, invariavelmente respondia que não. Era um

bibliófilo apaixonado e estudava continuamente: em casa ou na rua, a pé ou no bonde, levava sempre consigo um livro. Tinha uma memória incomum. Como aluno da escola dominical, decorava capítulos inteiros da Bíblia, sem errar uma só palavra. Era um profundo conhecedor das Escrituras, conforme demonstrava no púlpito.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 241, 312s, 321, 334s, 359, 394, 430, 513, 554s, 558, 575, 577, 618, 658, 684.
- Ferreira, *História da IPB*, I: 295, 314-316, 571.
- “Rev. Benedito Ferraz de Campos”, *O Estandarte* (28-12-1916), 4-8.
- “Rev. Benedito Ferraz de Campos”, *O Estandarte* (07-01-1943), 24.

Rev. João Vieira Bizarro

Pastor do Presbitério Oeste de São Paulo

João Bizarro nasceu na Ilha do Pico, nos Açores, em 24 de maio de 1852. Veio para o Rio de Janeiro com dez anos e no dia 25 de dezembro de 1870, aos dezoito anos, foi batizado pelo Rev. Alexander L. Blackford. O Rev. Herculano de Gouvêa, seu amigo de toda a vida, diz que ele nasceu em 1853 e foi batizado em 1871. Indo para a Província de São Paulo, foi um dos primeiros membros da Igreja Presbiteriana de Rio Claro, na qual foi arrolado em 20 de julho de 1873. Desde o início daquele ano, acompanhou o Rev. João Fernandes Dagama em viagens pelo seu campo. Casou-se em primeiras núpcias com Maria Isabel, filha do colportor Bartolomeu Reviglio. Sua primogênita, Adelaide, nascida em 9 de dezembro de 1875, foi batizada pelo Rev. Dagama em 30 de abril de 1876. Contratado pela Missão norte-americana, Bizarro foi mestre-escola em Cachoeirinha (Rio Novo), colportor e exerceu outros cargos auxiliares até a sua licenciatura. Foi professor do futuro Rev. Samuel Barbosa (1881-1912), consagrado pioneiro presbiteriano no Espírito Santo. Trabalhou no campo de Brotas, Dois Córregos e Jaú, primeiro com o Rev. John B. Howell e depois com o Rev. Dagama, e tornou-se presbítero regente da Igreja de Rio Claro. Acompanhou o Rev. John B. Howell quando este organizou a Igreja de Jaú, em 14 de abril de 1889.

Bizarro estudou com os Revs. João Fernandes Dagama, Robert Lenington e mais tarde com o Rev. Howell em seu colégio agrícola de Capim Fino, em Jaú, sendo licenciado pelo Presbitério de Minas, reunido em Rio Claro, no dia 2 de setembro de 1890. Seus companheiros de licenciatura foram Bento Ferraz e Herculano de Gouvêa. Os três foram ordenados no dia 1º de setembro de 1891, estando o presbitério reunido em Mogi-Mirim. Seu primeiro pastorado foi em Jaú (1891-1896), onde também foi vereador municipal. Foi instalado como pastor da Igreja de Jaú no mesmo dia da inauguração do templo, 13 de dezembro de 1891. Teve a seu cargo o campo do outro lado do rio Tietê, no município de Pederneiras. Acompanhado do presbítero Belarmino Ferraz (1858-1943), organizou a Igreja de Ribeirão do Veado, no referido município, no dia 5 de setembro de 1895. Essa igreja estava no campo da antiga Igreja de Lençóis e foi constituída com 29 membros comungantes. No dia 10 de setembro, ambos também organizaram a Igreja de Ribeirão

Claro, hoje Iacanga, com 71 comungantes. Bem mais tarde, em 1905, o presbítero Belarmino foi ordenado ao ministério.

A primeira esposa de Bizarro, Maria Isabel, faleceu em Jaú em 1896. No dia 10 de agosto de 1899 ele contraiu matrimônio com Maria Wiesmann, nascida em 15 de maio de 1864, filha de Conrado Wiesmann, um presbítero de Itapira. Conrado, um suíço do Cantão de Zurique, chegou a Itapira por volta de 1864. Foi um dos primeiros presbíteros da igreja local até o seu falecimento em 13 de novembro de 1896. Maria era irmã de Carolina, que se casou no mesmo ano com o Rev. Manoel Alfredo Guimarães, tendo sido verdadeira mãe para os filhos do primeiro casamento do seu esposo. O Rev. Bizarro também residiu como pastor em Dois Córregos, Araraquara e São Carlos. Nos campos do Presbitério Oeste de São Paulo, criado em 1900, foi até além do rio Preto. Outras localidades em que trabalhou foram Boa Vista do Jacaré, Brotas, Palmares, Palmeiras (Borborema), Taquaritinga e Novo Horizonte. Assumiu o pastorado da Igreja de São Carlos em 1911, fixando residência naquela cidade no dia 1º de março. Perdeu os dois únicos filhos homens em curto espaço de tempo, um deles o jovem dentista João Bizarro, falecido no final de 1912. Continuou em plena atividade no seu vasto campo até 1914, quando contraiu pneumonia, não mais se recuperando.

O Rev. Bizarro foi jubulado no dia 24 de janeiro de 1916, a seu próprio pedido. Continuou a auxiliar a igreja local como superintendente da escola dominical e, na ausência do pastor, ocupava o púlpito quando tinha forças para tanto. Nas palavras do historiador, ele foi um modesto, mas fiel, conquistador da Araraquarense. Costumava dizer que dava graças a Deus por ser sempre pobre. Quando indagado sobre a saúde, respondia que passava melhor do que merecia. Faleceu em São Carlos no dia 13 de novembro de 1917, às 5:30 da manhã, aos 65 anos de idade. Sofria de uma bronquite crônica que muito o afligiu e de arteriosclerose. Oficiou no seu sepultamento o Rev. Otávio Jensen. Deixou um sermão no *Púlpito Evangélico* de novembro de 1894. Além dos filhos do primeiro casamento, teve quatro filhas com a segunda esposa: Amália, Belina, Alvarina e Noemi, que eram ainda menores quando o pai faleceu. Noemi veio a casar-se com o Rev. Luiz Rodrigues Alves em 1932. Dona Maria Wiesmann Bizarro faleceu no dia 9 de junho de 1947.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 349, 364s, 377, 519s.
- Ferreira, *História da IPB*, I:331, 333s, 516, 535; II:76, 150, 155, 358.
- Igreja Presbiteriana de Rio Claro, “Registro de Pastores, Oficiais, Batismos, Casamentos e Óbitos” (1873-1901).
- Igreja Presbiteriana de Rio Claro, “Casamentos, Rol de Membros, Batismos de Menores e Óbitos” (1873-1901).
- Vicente T. Lessa, “Rev. João Vieira Bizarro”, *O Estandarte* (22-11-1917), 7s.
- Isabel B. de Camargo, “Rev. João Vieira Bizarro”, *O Puritano* (29-11-1917), 2.
- Otávio Jensen, “Rev. João Vieira Bizarro”, *O Puritano* (13-12-1917), 1.
- Herculano de Gouvêa, “Rev. João Vieira Bizarro”, *Revista das Missões Nacionais* (Janeiro 1918), 2s.
- “D. Maria Wiesmann Bizarro”, *O Puritano* (25-07-1947), 2.

Rev. Herculano Ernesto de Gouvêa

Pastor do Presbitério Oeste de São Paulo

Herculano de Gouvêa nasceu em Brotas no dia 20 de março de 1861. Era filho de Severino José de Gouvêa (presbítero da Igreja de Brotas e membro fundador da mesma) e de D. Maria Joaquina Brandão de Gouvêa. Herculano foi uma das crianças batizadas no dia da fundação daquela igreja pioneira, a 13 de novembro de 1865. Passou a infância e a adolescência no sítio do pai, nas proximidades de São Pedro, freqüentando os cultos na congregação de Henrique Gomes de Oliveira, no alto da Serra do Jacaré, a futura Igreja de Boa Vista do Jacaré (1891). Embora desejasse estudar, ficava preso às atividades agrícolas, pois tomava conta da propriedade paterna, visto que os pais se mudaram para Rio Claro. Em 1871, quando estava com apenas dez anos, conheceu o futuro amigo e colega de ministério João Vieira Bizarro. Professou a fé aos 15 anos, em 10 de dezembro de 1876, com o Rev. João Fernandes Dagama, no sítio dos Gomes, depois de ser examinado por Dagama e pelo presbítero Henrique Gomes.

Indo residir em Rio Claro (foi arrolado na igreja no dia 21 de julho de 1877), estudou com os Revs. Dagama e Robert Lenington. Herculano era sobrinho de Antônio Joaquim de Gouvêa, o patriarca da Igreja de Borda da Mata, Minas Gerais, organizada em 1869, e ali esteve aos dezessete anos, quando estudante. Como superintendente do Colégio Dagama, acolheu como interno o jovem Benedito Ferraz de Campos, mediante autorização do Rev. Robert Lenington, que substituíra Dagama, em viagem de férias nos Estados Unidos. Foi ordenado presbítero da Igreja de Rio Claro no dia 20 de janeiro de 1884, servindo nessa capacidade até 13 de outubro de 1885.

De Rio Claro, Herculano foi para São Paulo, por pouco tempo, estudando na Escola Americana e com o Rev. John B. Howell. Estreou no jornalismo, escrevendo no *Diário Mercantil*. Foi aluno do Rev. Antônio Trajano, que, ao seguir para o Rio de Janeiro a fim de pastorear a igreja daquela cidade, incumbiu-o de obter a aprovação da sua obra *Aritmética Progressiva* para a instrução pública. Foram amigos durante toda a vida. Depois, foi convidado pelo Rev. Howell para trabalhar como colportor e evangelista e para colaborar na organização do “Colégio de Dois Córregos”, na localidade de Capim Fino, em 1887. Herculano chamava esse instituto de “colégio caipira”, mas o considerava muito adequado à realidade brasileira. Quando estudante, por vezes na companhia do colportor Jacob Filipe Wingerther, fez viagens a Minas, bem como a Itanhaém e outros pontos do litoral. Além de ser presbítero em Rio Claro, foi mais tarde reeleito na Igreja de Jaú. Ele e a esposa estiveram entre os membros fundadores dessa igreja, organizada pelo Rev. Howell no dia 14 de abril de 1889. Foi eleito presbítero nessa ocasião. Ao todo, exerceu o presbiterato regente durante dez anos.

Foi recebido como candidato ao ministério pelo Presbitério de Minas na sua reunião ordinária iniciada em 29 de agosto de 1889. Na mesma reunião, no dia 2 de setembro, foi ordenado o licenciado Álvaro Reis. Herculano foi novamente arrolado na Igreja de Rio

Claro em 22 de janeiro de 1890, por transferência da Igreja de Jaú. Foi licenciado em 2 de setembro do mesmo ano, em Rio Claro, ao lado de João Vieira Bizarro e Bento Ferraz. Os licenciados foram ordenados solenemente no dia 1º de setembro de 1891, em Mogi-Mirim. Pregou no ato o Rev. John Boyle, dirigiu as perguntas constitucionais o Rev. Edward Lane e fez a parênese o Rev. Miguel Torres (ironicamente, todos os três ministros faleceram poucos meses depois). Herculano foi colocado no pastorado de Rio Claro, como colaborador do veterano Rev. Dagama. Também viria a exercer o ministério em Itatiba, Jaú, Brotas, Campinas, São Carlos e Araraquara. Organizou a Igreja de Palmeiras, no município de Matão, no dia 10 de fevereiro de 1895. Sua fase mais ativa do ministério foi em Jaú, de 30 de setembro de 1896 a outubro de 1904, quando era mais vigoroso e cortava as estradas enfrentando as intempéries. Contava nesse trabalho com um bom grupo de auxiliares, como o Rev. Constâncio Omero Omegna. Voltaria a pastorear aquela igreja de janeiro de 1910 a fevereiro de 1917, quando foi substituído pelo Rev. Tancredo M. Costa.

Em 1900, Herculano foi um dos fundadores do Presbitério Oeste de São Paulo. No ano seguinte, visitou algumas igrejas e escreveu a outras visando angariar fundos para saldar uma grande dívida do Seminário Presbiteriano. Após o cisma presbiteriano, pastoreou a pequenina Igreja de Campinas (1905-1908), cujos sete remanescentes fiéis ao Sínodo se reuniam nos prédios do Colégio Internacional. Apesar disso, por haver em Campinas outros pastores, revelou em sua correspondência o propósito de voltar ao sertão, que era, como dizia, o seu lugar. Esteve presente, como membro da diretoria, na abertura das aulas do Seminário em Campinas, no dia 1º de fevereiro de 1907, ao lado dos Revs. Alva Hardie e Laudelino de Oliveira Lima. Nas lutas em torno do Seminário Unido do Rio de Janeiro, ele e seu filho de mesmo nome mostraram-se firmes defensores do Seminário Presbiteriano, cuja existência se via ameaçada. Escreveu uma série de artigos magistrais sobre o assunto, num dos quais deixou uma frase jocosa acerca das idéias do Congresso do Panamá: “Panamá em cima da cabeça refresca, mas dentro dela esquenta”.

O Rev. Herculano faleceu no dia 29 de julho de 1931, em Araraquara, aos setenta anos de idade. Ele tinha um temperamento impulsivo, porém extremamente alegre. Como bom humorista, possuía farta coleção de anedotas. Escreveu muito em periódicos evangélicos como a *Imprensa Evangélica*, *O Estandarte*, *O Expositor*, *Revista das Missões Nacionais*, e também em jornais seculares, onde publicava contos. Foi por duas vezes redator de *O Puritano*. Há vários sermões seus nas coleções do *Púlpito Evangélico*. Escreveu também alguns hinos e poemas. Tinha inclinação para o gênero biográfico, traçando as biografias de Henrique Gomes de Oliveira, Francisco Lopes, Flamínio Augusto Rodrigues, Antônio José dos Santos Neves, Mary Parker Dascomb, João Fernandes Dagama e Edward Lane, que foram publicadas em forma de folhetos. Escreveu o livreto *Do Alto da Serra*, sobre impressões da sua mocidade e publicou um pequeno livro de contos, o seu último trabalho, com o título de *Contos e Escritos* (contos sertanejos).

Herculano de Gouvêa era casado com Elvira de Cerqueira Leite (o casamento ocorreu no dia 8 de junho de 1888). Elvira também era de Brotas, filha do patriarca José Rufino (1844-1907), irmão de Antônio Pedro, e Gertrudes do Amaral (1849-1923), irmã do Rev. José Manoel da Conceição. Era, portanto, sobrinha de Conceição. Foi recebida por profissão de

fé na Igreja de São Paulo em 4 de abril de 1886. Seu filho primogênito, Herculano de Gouvêa Júnior (1891-1964), nascido em Rio Claro, foi pastor e professor do Seminário de Campinas, tendo sido eleito em fevereiro de 1915 para ocupar a “Cadeira Simonton”, de Literatura do Novo Testamento, criada naquela ocasião pela Assembléia Geral. Foi ainda secretário da congregação e bibliotecário do seminário. Os outros filhos foram Heitor, Hermínio, Maria Emília, Helvécio, Maria Elvira e Helvídio. Heitor Gouvêa, casado com Alcina Garcia Gouvêa, foi destacado presbítero e vice-presidente do Conselho da Igreja Unida de São Paulo, bem como professor dos jovens na escola dominical; seu irmão Helvécio (1897-1975) exerceu o presbiterato em Rio Claro. O Rev. Dr. Ricardo Quadros Gouvêa, bisneto do Rev. Herculano e neto do presbítero Heitor Gouvêa, fez o curso de doutorado em teologia no Seminário Teológico Westminster, em Filadélfia. É professor na Universidade Presbiteriana Mackenzie e autor das obras *Paixão pelo Paradoxo: Uma Introdução a Kierkegaard* (Novo Século, 2000) e *A Palavra e o Silêncio: Kierkegaard e a Relação Dialética entre a Razão e a Fé em Temor e Tremor* (Alfarrábio/Custom, 2002).

Outro conhecido membro da família é o professor Antonio Gouvêa Mendonça, nascido em 18 de setembro de 1922 em Arealva, São Paulo. Ele é filho de Davi Barbosa de Gouvêa e Eunice Xavier de Mendonça, neto de Antônio Joaquim de Gouvêa e Felisbina Barbosa de Gouvêa, e bisneto de Joaquim José de Gouvêa e Lina Maria de Gouvêa, um dos casais recebidos por profissão de fé e batismo quando da organização da Igreja de Brotas (Joaquim era irmão de Severino, o pai do Rev. Herculano de Gouvêa). Antonio formou-se em filosofia na Universidade de São Paulo (1957) e posteriormente fez estudos complementares em teologia no Seminário da Igreja Presbiteriana Independente, sendo ordenado ministro dessa denominação. Em 1982, doutorou-se em ciências humanas, com especialização em sociologia, no Departamento de Ciências Sociais da USP. No ano seguinte, passou a lecionar sociologia da religião e do protestantismo na Pós-Graduação em Ciências da Religião do Instituto Metodista de Ensino Superior (atual Universidade Metodista de São Paulo – UMESP), em Rudge Ramos, São Bernardo do Campo. É autor de *O Celeste Porvir: A Inserção do Protestantismo no Brasil* (1984) e co-autor de *Introdução ao Protestantismo no Brasil* (1990), bem como de muitos artigos e ensaios publicados no Brasil e no exterior. Reside atualmente na cidade de Brotas.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 259, 335, 349, 365s, 487.
- Ferreira, *História da IPB*, I: 99, 332-34, 516s, 535; II: 23, 48, 77, 116, 155, 244s, 358, 412.
- Vicente T. Lessa, “Rev. Herculano de Gouvêa”, *O Estandarte* (13-08-1931), 1s.
- “Rev. Herculano Gouvêa”, *O Puritano* (15-08-1931), 1-2.
- José Lopes Ribeiro, “Rev. Herculano Gouvêa”, *O Puritano* (12-09-1931), 3.
- Pasta Rev. Herculano Ernesto de Gouvêa, Arquivo Presbiteriano.
- Ribeiro, *O Padre Protestante*, 128s.

Rev. Bento Dias Ferraz de Arruda

Líder da Igreja Presbiteriana Independente e da Igreja Presbiteriana Conservadora

Bento Ferraz nasceu no dia 18 de outubro de 1865 em um sítio de seus pais no ribeirão Chibarro, município de Araraquara. A família mudou-se para a cidade, onde os pais adquiriram uma farmácia e as crianças foram colocadas na escola. Quando Bento estava com cerca de dez anos, a família retornou à zona rural, em Mineiros, perto de Dois Córregos. O rapazinho teve de trabalhar junto com os escravos, levantando-se às quatro horas da manhã. Um tio, Balduíno, levou-o para estudar na fazenda Morro Alto, de onde Bento saiu para fundar uma escolinha no município de Jaú, em casa da família Barros. Tornou-se negociante de secos e molhados em Jaú e posteriormente voltou a trabalhar como professor no colégio do ex-licenciado Antônio Gomes da Silva Rodrigues, em Dois Córregos.

Nessa época, conheceu o evangelho. O presbítero e futuro ministro Belarmino Ferraz (1858-1943) foi o instrumento para a conversão de toda a família de Bento. Este foi recebido por profissão de fé pelo Rev. John B. Howell em dezembro de 1885, em Dois Córregos, em companhia do seu pai, Antônio Ferraz de Arruda Neto, que foi presbítero da igreja presbiteriana local e a representou na terceira reunião do Sínodo (1894), no Rio de Janeiro. Depois de um estágio como prático de farmácia, Bento foi para São Paulo a fim de estudar na Escola Americana, onde foi aluno dos Rev. Donald C. McLaren. Teve um desentendimento com o Dr. Horace Lane, por causa do pagamento de serviços docentes prestados para sua manutenção. Lane dizia que tanto fazia registrar a quantia como tendo saído do caixa da escola, como da Missão, pois esta é que mantinha a escola. Bento entendia que, se o dinheiro saísse da escola, era pagamento por seus serviços; se saísse da Missão, era esmola.

Retornou a Araraquara, onde lecionou e pregou. Como republicano que era, aceitou o cargo de intendente ou prefeito da cidade. Fundou o jornal *Folha do Povo* e trabalhou como rábula (advogado sem diploma), chegando mesmo a ser promotor interino. Estudou no colégio agrícola criado pelo Rev. Howell em 1887 em Capim Fino ou Ortigal, perto de Jaú. Outros futuros pastores que por ali passaram foram João Vieira Bizarro e Herculano de Gouvêa. Em 31 de maio de 1890, Bento foi um dos fundadores da Liga Evangélica, em São Paulo, destinada a defender os direitos dos protestantes, assegurados pela República, mas ameaçados pelos elementos clericais.

Graças a estudos pessoais e exames prestados perante o próprio presbitério, foi licenciado pelo Presbitério de Minas no dia 2 de setembro de 1890, em Rio Claro, e ordenado com os colegas João Vieira Bizarro e Herculano de Gouvêa no dia 1º de setembro de 1891, em Mogi-Mirim. Dirigiram a solenidade de ordenação os Revs. John Boyle, Edward Lane e Miguel G. Torres. No pronunciamento da bênção apostólica, tomaram parte os três novos ministros, invocando cada um deles uma das pessoas da Trindade. Em 2 de julho de 1891, Bento havia se casado com Elisa de Andrade, sobrinha de Maria Luíza, a esposa do Rev. Miguel Torres. Foi-lhe confiado o campo de Dois Córregos, onde permaneceu por pouco tempo devido à enfermidade da esposa. Seguiu então para Caldas, em Minas, onde assistiu os últimos momentos do Rev. Miguel Torres; ali mesmo pôs-se a exercer a advocacia, pois era solicitador. Por pouco tempo, pastoreou a Igreja de Rio Claro.

Em dezembro de 1892, Bento foi um dos signatários do Plano de Ação concebido pelo Rev. Eduardo Carlos Pereira. Sem deixar de dar assistência ao seu campo no Presbitério de Minas, tornou-se um dos dirigentes e professores do Instituto Teológico, ao lado do Rev. Eduardo e do presbítero Remígio de Cerqueira Leite, dedicando-se de modo especial ao cuidado dos estudantes. Todavia, os problemas financeiros do Instituto e a enfermidade da esposa fizeram-no voltar a Caldas, onde residia o seu sogro. Foi em seguida para Poços de Caldas, onde comprou a prazo o Colégio Mendonça, que não prosperou. No dia 30 de outubro de 1897, organizou a Igreja de Campestre, em Minas Gerais.

Em julho de 1899, quando residia em Poços de Caldas, não tendo recebido proposta de alguma igreja apesar dos apelos feitos, solicitou exoneração do ministério. Dedicou-se a outras atividades, dirigindo o Colégio Ferraz e exercendo a advocacia, visto que havia obtido o seu diploma em Ouro Preto. Nessa época morreram alguns de seus filhos. Retornou ao sítio dos pais, em Dois Córregos, e logo depois foi aprovado em um concurso para a cadeira de língua portuguesa e literatura no Ginásio do Estado, em Campinas. Em junho de 1900, começou a cooperar no púlpito com o pastor da igreja local, Rev. Flaminio Augusto Rodrigues. Seu trabalho reanimou e impulsionou aquela velha igreja. Foi restaurado ao ministério em julho de 1901, em Mogi-Mirim, eleito em janeiro seguinte como pastor da Igreja de Campinas e instalado em 16 de junho, tendo como auxiliares os Revs. Flaminio, Ernesto Luiz de Oliveira e Henrique Vogel. Revezou-se com o Rev. Ernesto em visitas a Amparo, Serra Negra e Mogi-Mirim.

Firme aliado do Rev. Eduardo Carlos Pereira, Bento foi um dos proponentes da Plataforma acerca das questões missionária, educacional e maçônica, publicada em 1902. No sínodo de 1903, em 30 de julho, argumentou por duas horas acerca da incompatibilidade entre a maçonaria e o cristianismo. No dia seguinte, seis de seus colegas declararam-se desligados do Sínodo. Bento estava ausente por motivo de saúde. No dia 1º de agosto, com a sua presença, foi organizado o Presbitério da Igreja Presbiteriana Independente. Curiosamente, no dia 3 de agosto, o Sínodo, acolhendo queixa do Rev. Charles Read Morton, falecido recentemente, considerou nula a restauração do Rev. Bento ao ministério sem nova ordenação, bem como a sua instalação na Igreja de Campinas. Esta igreja acompanhou o seu pastor, transferindo-se para a nova denominação. Bento foi pastor em Campinas por treze anos e foi também pastor auxiliar da 1ª Igreja de São Paulo. Exerceu por várias vezes o cargo de moderador do Sínodo da Igreja Presbiteriana Independente. Em 1907 e 1913, por insistência do Rev. Eduardo C. Pereira, pastoreou a pequena igreja independente do Rio de Janeiro. Por fim, pastoreou a 2ª Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo.

No início de 1938, já como ministro jubilado, Bento envolveu-se em uma controvérsia entre conservadores e liberais que abalou a sua denominação. Julgando que o Sínodo Independente não fora suficientemente enérgico ao tratar de certas questões doutrinárias, um grupo organizou a “Liga Conservadora”, tendo à frente o Rev. Bento. Este foi diretor do periódico *O Presbiteriano Independente*, que circulou entre março e agosto daquele ano. Em fevereiro de 1940, ele e seus simpatizantes desligaram-se da Igreja Presbiteriana

Independente e no dia 27 de junho do mesmo ano organizaram a Igreja Presbiteriana Conservadora.

D. Elisa Ferraz faleceu em 4 de julho de 1941 e o Rev. Bento em 18 de abril de 1944. O casal teve dois filhos, Romeu e Délia. Sua filha, a médica Délia Ferraz Fávero (1897-1982), era casada com o Dr. Flamínio Fávero (1896-1982), presbítero da 2ª Igreja Independente de São Paulo e médico renomado. Flamínio formou-se na primeira turma da Faculdade de Medicina de São Paulo, em 1918. Foi professor catedrático de Medicina Legal na Universidade de São Paulo (1923-1955) e na Faculdade de Direito do Mackenzie, até 1975. Entre outros cargos que exerceu, foi diretor da Penitenciária do Estado e fundador e diretor do Instituto Oscar Freire. Atuou como conferencista e pregador em várias igrejas e publicou numerosas obras sobre medicina e temas religiosos. Presidiu a Associação Cristã de Moços e foi um dos fundadores da Igreja Presbiteriana Conservadora. A família Ferraz teve vários outros pastores, como o Rev. Belarmino, o primeiro ministro ordenado pela IPI, em 1905, e seus filhos Seth, Orlando e Salomão.

Bento Ferraz também atuou como jornalista, tendo sido um dos três fundadores de *O Estandarte* (1893), do qual foi redator por muitos anos. Na área secular, publicou “Meu Método de Análise Lógica” e “O Crime do Horto Florestal”, ambos em 1939. Escreveu muito em jornais, mas pouco produziu em termos de publicações, apenas relatórios, um folheto sobre o presbítero Manoel José Rodrigues da Costa (1846-1929) e um opúsculo intitulado *A Divina Armadura* (1927) – uma série de meditações baseada em sermões proferidos na 1ª Igreja de São Paulo, comemorativa do 36º aniversário do seu ministério. Mais importante do ponto de vista histórico é a sua pitoresca *Autobiografia*, escrita para comemorar o seu jubileu ministerial, em 1941.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 349, 366, 428, 430, 589, 627, 644s, 658s, 660s, 668, 695.
- Ferreira, *História da IPB*, I: 316, 331, 333s, 359, 374, 568s; II: 31-36, 323, 416.
- Bento Ferraz, *Autobiografia: Comemorativa das Bodas de Ouro do seu Ministério, 01-09-1891 a 01-09-1941*.
- “Rev. Bento Ferraz”, *O Estandarte* (30-04-1944), p. 1.
- João Alves dos Santos, “A Questão Doutrinária”, manuscrito não-publicado.

Rev. Antônio André Lino da Costa

Ex-sacerdote, pastor em vários estados

Lino da Costa nasceu em 1850 em Aracati, Ceará, sendo seus pais Raimundo Francisco de Carvalho Costa e Ana Joaquina da Costa. Estudou no Seminário Episcopal de seu estado e foi ordenado sacerdote em 1871, conforme o desejo dos pais. Depois de trabalhar no Ceará, foi para o Rio de Janeiro, onde ficou por alguns anos. Nesse tempo, era bispo da diocese de São Paulo D. Sebastião Pinto do Rego, tio de Lino. Este seguiu para São Paulo, onde o tio, sendo natural do Ceará, não quis desgostar o clero paulista nem ser acusado de nepotismo, e por isso ofereceu ao sobrinho cargos de pouca importância, que os padres paulistas não

queriam aceitar. Com isso, Lino voltou para o Rio, onde teve melhor acolhimento episcopal, embora o bispo local fosse o rigoroso D. Pedro Maria de Lacerda.

Lino foi pároco em Conservatória, na Província do Rio de Janeiro, até 1887. Uma senhora da igreja contou-lhe, no confessionário, que tinha em casa uma Bíblia. Ele pediu à senhora que a trouxesse e começou a lê-la em segredo. Pela leitura, deduziu que muitas coisas em sua igreja eram contrárias às Escrituras e comunicou ao bispo do Rio a sua intenção de deixar a batina. Casou-se no dia 20 de dezembro de 1887 com Celina de Miranda Costa, sendo oficiantes os Revs. Antônio B. Trajano e Francis J. C. Schneider, com os quais se pusera em contato. Na mesma ocasião, os recém-casados e recém-convertidos assistiram ao culto na Travessa da Barreira, e teriam feito profissão de fé se o Rev. Trajano não pedisse que estudassem mais as doutrinas evangélicas.

Lino passou a lecionar em Itaperuna e no dia 5 de janeiro de 1890 foi recebido por profissão de fé pelo Rev. Trajano, na Igreja do Rio de Janeiro. Como não perdesse oportunidade de fazer trabalhos evangélicos em Itaperuna, despertou a atenção de um colportor que por lá passara, o qual deu impressões a seu respeito ao Rev. Trajano. Este, percebendo a vocação de Lino para o ministério, recomendou-a à Missão presbiteriana, solicitando que fosse contratado como evangelista. Em 6 de fevereiro de 1891, o Presbitério do Rio de Janeiro recebeu-o como candidato ao ministério, depois de um exame minucioso sobre a sua experiência religiosa e sobre os motivos que o levaram a procurar esse ofício. Tornou-se provisionado, ficando sob os cuidados do Rev. Trajano, do qual foi auxiliar, especialmente no trabalho de Niterói. Foi licenciado em 1º de setembro de 1892, após prestar os exames regulares e demais provas exigidas pelo Livro de Ordem. Sua ordenação verificou-se no dia 19 de janeiro de 1893.

Lino foi pastor da Igreja do Rio de Janeiro de abril de 1893 a fevereiro de 1896, como sucessor do Rev. Trajano. Na companhia dos Revs. George Chamberlain e James Rodgers, organizou a Igreja do Riachuelo em 21 de janeiro de 1894. Transferindo-se para o Estado de São Paulo, integrou inicialmente o Presbitério de São Paulo e, a partir de 1900, o Presbitério Oeste de São Paulo. Exerceu o ministério em Rio Claro, São João da Boa Vista, São Carlos e na capital. Acompanhado do Rev. Álvaro Reis, organizou a Igreja de Cajuru em abril de 1897. Três de seus filhos, nascidos entre 1897 e 1900, foram batizados pelo Rev. João Fernandes Dagama, em Rio Claro.

Escolhido pelo Sínodo em julho de 1900, Lino da Costa exerceu por algum tempo a função de missionário sinodal, cargo esse que fora exercido anteriormente pelo Rev. Chamberlain. No desempenho dessa tarefa, realizou uma longa excursão pelos estados do Norte, fazendo conferências até São Luís do Maranhão. Durante o triênio sinodal (1900-1903), efetuou várias outras viagens missionárias, indo até o Rio Grande do Sul, e apresentou um relatório detalhado ao Sínodo de 1903, que foi registrado nos anais desse concílio. Durante a controvérsia maçônica, defendeu firmemente a posição do Sínodo, chegando a enviar uma carta aberta aos membros da igreja, publicada em forma de folheto. No Sínodo de 1903, apresentou proposta defendendo a permanência dos missionários nos concílios da Igreja Presbiteriana do Brasil. Na mesma reunião, declarou que, embora não visse

incompatibilidade entre a maçonaria e a fé evangélica, havia se retirado daquela instituição para não ser motivo de escândalo aos irmãos.

Em 1904, o Rev. Lino foi arrolado pelo Presbitério do Sul, reunido em Florianópolis, então composto dos missionários George A. Landes, Roberto Frederico Lenington, John B. Kolb e George L. Bickerstaph. Nas reuniões de evangelização à noite, falou sobre o celibato clerical. Foi pastor em Curitiba e Florianópolis e depois novamente no Rio de Janeiro (Ponta do Caju e Botafogo). Lino da Costa era bom orador. Costumava ler os seus sermões, anotados em pequeninos cadernos que colocava dentro da Bíblia – lia-os tão bem que poucos percebiam que eram lidos. Escreveu muitos artigos em *O Estandarte* e *O Puritano*, do qual foi um dos redatores. Deixou a obra *Conferências Religiosas*, o folheto “O Protestantismo Perante os Fatos” e vários sermões em *O Púlpito Evangélico*.

Em 18 de março de 1910, Lino da Costa tomou posse no pastorado da Igreja Presbiteriana do Caju, no Rio de Janeiro, onde encerrou o seu ministério. Faleceu aos 63 anos, no dia 21 de fevereiro de 1913. Poucos dias antes, havia pregado com a sua peculiar solenidade; ao voltar para casa, sentiu-se mal. Teve dez filhos, entre os quais Tancredo, Abelardo, Heloísa, Celina e Corina. Heloísa e Corina casaram-se, respectivamente, com os Revs. Noé Wey e João Conrado Wey. Dona Celina de Miranda Costa faleceu aos 84 anos em 14 de abril de 1950.

Tancredo Millevoye da Costa, nascido em Conservatória em 30 de março de 1891, foi batizado pelo Rev. Antônio Trajano no Rio de Janeiro e professou a fé na Igreja Unida de São Paulo com o Rev. Modesto Carvalhosa. Estudou na Escola Americana e no Mackenzie. Candidato ao ministério pelo Presbitério de São Paulo, fez parte da primeira turma do Seminário Presbiteriano a formar-se em Campinas (1912). Foi ordenado pelo Presbitério do Sul, em Curitiba, no dia 24 de novembro de 1912, somente dois meses antes da morte do progenitor. Pastoreou as Igrejas de Guarapuava, Florianópolis, Botafogo, Ponta do Caju e Jaú, onde residiu por dezessete anos e fundou o Instituto Jauense. Em seguida foi para São Sebastião do Paraíso (MG) e finalmente para o Rio de Janeiro, onde passou os últimos trinta anos da sua vida. Pastoreou várias igrejas, principalmente a de Olaria, tendo construído o seu templo. Lecionou em vários colégios e em duas faculdades de teologia. Foi membro fundador da Academia Evangélica de Letras. Casou-se com Luíza de Moraes Costa, com a qual teve sete filhos: Raul, Moacir, Oscar (oficiais do exército), Feliciano (advogado), Else (médica), Belkis e Ethel (dentistas). Else casou-se com o Rev. Diniz Prado de Azambuja Neto. O Rev. Tancredo faleceu em Belo Horizonte, aos 84 anos, no dia 10 de janeiro de 1975.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 368, 392, 438s, 607, 626, 655, 664.
- Ferreira, *História da IPB*, I: 311s, 535, 538, 573, 577; II: 21, 28, 74, 85, 154, 190.
- Igreja Presbiteriana de Rio Claro, “Casamentos, Rol de Membros, Batismos de Menores e Óbitos (1873-1901).
- “Relatório do Missionário do Sínodo”, *Atas do Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil, 1903* (Lavras: Casa Editora Presbiteriana, 1905), 72-78.

- Antônio Trajano, “À Memória do Rev. Lino da Costa”, *Revista das Missões Nacionais* (Junho 1913), 5s.
- A. A. Lino da Costa. “O Protestantismo Perante os Fatos”. São Paulo, s/d.
- A. A. Lino da Costa. *Conferências Religiosas*. Primeira Série. Rio de Janeiro: Martins Araújo, 1913.
- João Conrado Wey, “Celina de Miranda Costa”, *O Puritano* (10-05-1950), 6.
- Fernandino Caldeira de Andrada, “Rev. Antônio André Lino da Costa”, *Brasil Presbiteriano* (Dez 1996), 20.

Rev. Francisco Lotufo

Primeiro fruto do Seminário em São Paulo, pastor em Botucatu

Francisco Lotufo nasceu em Morano Calabro, perto de Cosenza, na Calábria, sul da Itália, em 28 de janeiro de 1867. O sobrenome da família era escrito em duas partes: Lo Tufo. Veio para o Brasil aos quinze anos, em 1880, em companhia de um tio padre, e foram para a cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul, onde já se achavam seu pai e o irmão mais velho, que haviam chegado em 1867, em plena Guerra do Paraguai. Trabalharam nos estaleiros ali localizados, fabricando os navios de guerra que atuaram no histórico conflito. Depois veio uma irmã professora, que regressou à Itália, o mesmo acontecendo com seu pai e o tio sacerdote. Francisco recebeu apreciável instrução do tio padre e da irmã professora, bem mais velha do que ele, sentindo acentuada inclinação para as coisas espirituais. Para manter-se, exerceu o ofício de sapateiro.

O jovem converteu-se na Igreja Evangélica fundada pelo Rev. Emanuel Vanorden. Quando a congregação foi organizada como Igreja Presbiteriana, em 6 de março de 1887, Lotufo foi eleito diácono. Sentiu-se vocacionado para o ministério ante o convite oportuno do Rev. Eduardo Carlos Pereira, que visitava o Rio Grande do Sul naquela época. Transferiu-se para São Paulo, sendo recebido como candidato ao ministério pelo Presbitério de São Paulo, reunido em Botucatu no dia 29 de outubro de 1890. Nessa ocasião, foi inaugurado o templo daquela cidade. Lotufo foi arrolado por jurisdição na Igreja de São Paulo em 4 de novembro de 1892. Estudou na Escola Americana e fez parte da primeira turma do Instituto Teológico, fundado em São Paulo no início de 1893 pelo Rev. Eduardo. Seus colegas foram Erasmo Braga, José Maurício Higgins, Antônio Gonçalves e Benjamim Martins. Terminou o curso já estando o Instituto Teológico unido ao Seminário Presbiteriano, sendo o primeiro fruto do Instituto Teológico e do Seminário em São Paulo.

Foi licenciado pelo Presbitério de São Paulo em 8 de julho de 1895, em Botucatu. No período da licenciatura, permaneceu no seminário até o final de 1895 e depois residiu em Piraju. Em fevereiro de 1896, fez uma série de conferências em São Francisco do Sul, Santa Catarina, trazendo grande incentivo à pequena congregação presbiteriana ali existente. Foi ordenado na 1ª Igreja de São Paulo no dia 7 de julho de 1896. A cerimônia foi dirigida pelo Rev. João Ribeiro de Carvalho Braga, falando na ocasião os Revs. Eduardo C. Pereira e Zacarias de Miranda. Após a ordenação, trabalhou em Botucatu, onde substituiu o Rev. Carvalho Braga. Passou o seu longo ministério naquela cidade, onde viveu cerca de 36

anos, tendo, todavia, um extenso campo missionário na Sorocabana, entrando pelo sertão daquele tempo até o norte do Paraná. No primeiro ano do seu ministério, organizou a Igreja de Taquari, no município de Itaju, no dia 9 de dezembro de 1896, e em 2 de agosto de 1897 casou-se com a jovem Amazília Nogueira. Em Botucatu, foi professor de latim, história e português na Escola Americana, mantida pelo Mackenzie College.

Acompanhou o Rev. Zacarias de Miranda na organização da Igreja Filadelfa, em São Paulo, em 22 de setembro de 1899. Reorganizou a Igreja de Lençóis em 14 de abril de 1901 e, acompanhado de Vicente Temudo Lessa, organizou a de São Manoel em 10 de novembro do mesmo ano. Passou a integrar o Presbitério Oeste de São Paulo, criado em 1900, ao lado dos Revs. Eduardo Carlos Pereira, Antônio André Lino da Costa, Herculano Ernesto de Gouvêa, João Vieira Bizarro, Laudelino de Oliveira Lima e João Fernandes Dagama.

O Rev. Lotufo não pôde comparecer ao Sínodo de 1903, mas cerca de um mês depois renunciou à jurisdição do Sínodo e filiou-se à Igreja Presbiteriana Independente, no que não foi acompanhado pela Igreja de Botucatu e seus presbíteros (Alberto de Araújo, Eduardo Duarte e João Tomás). O Rev. Lino da Costa foi enviado pelo presbitério para reunir o conselho e deliberar sobre a nova situação, e o Rev. Carvalho Braga foi indicado para assumir o pastorado da igreja. O conselho precisou recorrer ao magistrado civil para manter as propriedades da igreja, reivindicadas pelo grupo independente.

Francisco Lotufo foi também um pequeno agricultor. Arava e plantava pessoalmente em sua fazendinha “Santo Antônio”, herança da esposa Amazília. Com seu rendimento, sustentava a numerosa família, mas a crise de 1929, que arruinou centenas de agricultores, também o atingiu. Depois de jubilado, não querendo ficar inativo, encarregou-se da direção do Orfanato Betel, em Sorocaba, onde foi hábil administrador (1934-1936), cuidando dos órfãos e da fazenda. Essa instituição fora criada em 1922 pelo Rev. Otoniel Mota. De 11 de dezembro de 1938 a 31 de janeiro de 1940, foi diretor do jornal *O Estandarte*. No seu jubileu ministerial, em 7 de julho de 1946, ocorrido poucos meses antes da sua morte, recebeu justa homenagem do Presbitério de Sorocaba, da Mesa Administrativa da Igreja Presbiteriana Independente e de outras instituições da igreja.

O Rev. Francisco Lotufo faleceu com quase 80 anos no dia 10 de dezembro de 1946. Na década de 1970, seu nome foi dado a uma das ruas de São Paulo, na Freguesia do Ó. Teve nove filhos: Paulo, editor; Maria (Mariquita), professora; Ranimiro, médico pediatra; Antônio, engenheiro civil; João, professor de educação física; Zenon, arquiteto; Francisco, advogado e administrador de empresas; Odila, professora; e Hernani, médico cirurgião. Seus netos Francisco Lotufo Neto (psiquiatra) e Zenon Lotufo Júnior (pastor e analista transacional), primos e residentes em São Paulo, são filiados ao Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos (CPPC). Zenon é ministro da Igreja Presbiteriana Independente e trabalha em um projeto de assistência a pastores vinculado à Igreja da Rua Nestor Pestana. Dos filhos do Rev. Lotufo, a única sobrevivente é Odila.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 349, 379, 484, 488, 511, 543, 684.

- Ferreira, *História da IPB*, I: 267, 384, 395-400, 535, 540; II:28-31.
- “Jubileu Ministerial do Rev. Francisco Lotufo”, *O Estandarte* (31-07-1946), 5.
- “Rev. Francisco Lotufo”, *O Estandarte* (20-12-1946), 1.
- Ribeiro, *Igreja Evangélica e República Brasileira*, 63-68.
- Francisco Lotufo Filho, “Centenário de ordenação do Rev. Francisco Lotufo” (1996).

Rev. Martinho de Oliveira

Fundador do Seminário Presbiteriano do Norte

Martinho de Oliveira nasceu em Recife no dia 15 de janeiro de 1870. Seus pais, Teodoro Cavalcanti de Oliveira e Maria Hermina Albuquerque de Oliveira, trabalhavam como vendedores ambulantes e tinham outro filho, Teodoro, dois anos mais velho que Martinho. Devido aos limitados recursos da família, os meninos foram alfabetizados em casa. Aos 18 anos, Martinho foi convidado por um amigo a visitar a Igreja Presbiteriana de Recife. Seu pai já havia falecido e o irmão seguira para o Rio de Janeiro à procura de emprego. O jovem eventualmente foi recebido por profissão de fé e batismo pelo Rev. Juventino Marinho.

Após a morte da mãe, no final de 1889, Martinho tornou-se guarda-livros de uma loja de tecidos, resolveu estudar por conta própria e propôs casamento à jovem Maria, residente no bairro de Areias, que após três meses de namoro também havia resolvido se batizar. O casamento ocorreu em junho de 1891, na residência dos pais da noiva. Em setembro de 1892 nasceu a primogênita, Hermina. Autodidata, Martinho estudava com afinco, sendo incentivado pelo seu pastor. Seu currículo era composto de inglês, francês, história, geografia e doutrinas básicas da fé cristã, entre outras matérias. Os livros eram emprestados por amigos. Começou a colaborar com o trabalho evangelístico da igreja, revelando interesse pela carreira ministerial.

Martinho foi recebido como candidato ao ministério pelo Presbitério de Pernambuco em outubro de 1892, numa reunião realizada em Fortaleza. Em novembro de 1894 mudou-se para João Pessoa a fim de estudar teologia com o pastor local, Rev. George E. Henderlite. A Igreja de Fortaleza necessitou de mais um obreiro e o jovem estudante foi enviado para lá, onde nasceu o segundo filho, Alfeu, em 12 de novembro de 1895. Após ter prestado os devidos exames diante do Presbitério de Pernambuco, foi ordenado no dia 21 de julho de 1896, em João Pessoa, na mesma ocasião em que o colega Manoel Alfredo Guimarães. O novo ministro pastoreou inicialmente a Igreja de Pão de Açúcar, no Estado de Alagoas.

Na época, trabalhava em Garanhuns o médico e missionário Rev. George William Butler, que fundara a igreja local em 1895 (a igreja seria formalmente organizada em 22 de janeiro de 1900). Butler idealizou um colégio para a formação de obreiros para o Nordeste. Em 1899, ao transferir-se para Canhotinho, convidou Martinho para substituí-lo na Igreja de Garanhuns e fundar a escola, o que ocorreu no mesmo ano. Seu primeiro aluno foi Jerônimo Gueiros (1880-1953), membro de uma família que daria grandes contribuições à igreja e à sociedade no Nordeste brasileiro. Essa escola foi o embrião do futuro Seminário Presbiteriano do Norte, posteriormente transferido para Recife, que comemorou o seu

centenário em 1999. Na noite de 17 de junho de 1900, reunido o Presbitério de Pernambuco, Martinho pregou no culto de inauguração do templo da Igreja de João Pessoa. No ano seguinte, foi eleito presidente do presbitério.

Além da assistência ao seu vasto campo pastoral, composto de muitas congregações e pontos de pregação, Martinho dedicou-se ao preparo dos estudantes para o ministério. Em seu “colégio”, ele lecionava inglês, francês, latim, geologia, trigonometria e música. Depois, ensinava português, aritmética e geografia a dois estudantes que iriam retransmitir essas matérias a outros. Também dava aulas à sua esposa, Maria Barra de Oliveira, e a outra professora, que dirigiam uma escola primária. À noite ensinava alguns rapazes que trabalhavam de dia e a outro grupo ministrava aulas utilizando a *Teologia Sistemática* de Charles Hodge. Seu objetivo era preparar líderes nativos para as igrejas do Nordeste, levando em conta as peculiaridades culturais da região, o que fez de modo abnegado e incansável em meio a muitas dificuldades. Seu trabalho foi continuado pelo Rev. George Henderlite, que havia se transferido para Garanhuns em 1901.

No final da sua carreira, Martinho tinha sete estudantes, três dos quais casados e com filhos. Henderlite contou em 1903 como esse obreiro, sem um vintém e sem a menor evidência de apreensão, enfrentou dias aflitivos através da oração, recebendo às vezes recursos de modo providencial, enquanto cuidava de estabelecer para o ano seguinte, no seu presbitério, uma rede de manutenção do seminário. Martinho deu ao educandário incipiente o nome de Escola Paroquial Evangélica de Garanhuns. Essa modesta instituição foi precursora não só do Seminário do Norte, mas do Colégio Evangélico Quinze de Novembro.

O Rev. Martinho teve um ministério curto e brilhante. Forte e vigoroso, assistiu à reunião do seu presbitério nos dias 2 a 9 de julho de 1903, em Recife. Naquela ocasião, viu concretizada a primeira parte do seu sonho, visto que o presbitério adotou a sua escola teológica, reconhecendo-a como um seminário, sendo ele eleito diretor e professor. Antes de terminar a reunião do presbitério, começou a sentir-se mal, com séria indisposição estomacal. De regresso a Garanhuns, deteve-se em Palmares para organizar a igreja, em 12 de julho, na companhia do Rev. Henderlite e do presbítero e futuro pastor Benjamim Marinho. No dia 20 de julho, agravando-se o seu estado, falou à esposa e aos colegas de modo sereno, afirmando que o Senhor o chamava. A Henderlite, especialmente, pediu: “Não abandone a educação dos nossos moços”. Mandou lembranças a vários colegas, citando pelo nome Juventino Marinho, Woodward Finley, Cassius Bixler, Jerônimo Gueiros (“meu filho no ministério”), Manuel Francisco N. Machado e Belmiro de Araújo César. Ao filhinho Alfeu, deixou um recado recomendando que fosse um homem honrado como o pai.

A despeito dos cuidados médicos e de uma comovida oração do Dr. George Butler, o Rev. Martinho de Oliveira faleceu em Garanhuns no dia 28 de julho de 1903, na véspera da cisão presbiteriana. No seu sepultamento, o Rev. Henderlite proferiu as palavras que se tornaram célebres: “Morreu Martinho, mas não morreu o Seminário”. Em setembro de 1941, os ossos de Martinho seriam trasladados para a base do púlpito do novo templo da Igreja de Garanhuns. Dona Maria veio a casar-se com um aluno do esposo, o Rev. Antônio Almeida,

que mais tarde estudou no Seminário Teológico Union, na Virgínia, e foi professor no Seminário do Norte. O Rev. Antônio foi um verdadeiro pai para os filhos do falecido e teve duas filhas com Maria: Ila e Jair.

O Rev. Martinho deixou quatro filhos: Hermina, Alfeu, Séfora e Débora. Séfora foi casada com o Rev. Aureliano Gonçalves Guerra. Alfeu Barra de Oliveira foi sucessor do pai no ministério. Professou a fé em 1907, na Igreja de Garanhuns, com o Rev. Antônio Almeida. Cursou o Seminário do Norte e foi ordenado pelo Presbitério Bahia-Sergipe em 15 de janeiro de 1926. Pastoreou inicialmente várias igrejas do sul de Sergipe (Anápolis, Urubutinga, Riachão e Estância) e mais tarde a Igreja de Caruaru, em Pernambuco. Também pastoreou interinamente por duas vezes a Igreja de Aracaju. O Rev. Hilton Figueiredo de Oliveira, um neto de Alfeu, reside em Campinas, onde coopera com uma nova igreja na Chácara Primavera. No dia 24 de setembro de 1966, o então seminarista Enos Moura criou o Instituto de Pesquisa Martinho de Oliveira, no Seminário Presbiteriano do Norte, para preservar a memória do presbiterianismo no Norte e no Nordeste do Brasil.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 392, 466, 512s, 613, 653.
- Ferreira, *História da IPB*, I: 448, 462, 558-63; II: 108.
- George E. Henderlite, “Martinho and his Seminary”, *The Missionary* (Março 1903), 111-114.
- Emílio Morais, *O Estandarte*, 1903.
- J. M. Mota Sobrinho, “Rev. Martinho de Oliveira”, *O Puritano* (20-08-1903), 3.
- “Rev. Alfeu Barra de Oliveira”, *Pasta Ministros* (85), Arquivo Presbiteriano.
- Enos Moura, “Morreu Martinho, mas não morreu o Seminário”, manuscrito (2003).

Rev. Manoel Alfredo Guimarães

Pastor no Nordeste, interior de São Paulo e sul de Minas

Alfredo Guimarães nasceu em Goiana, Pernambuco, em 10 de agosto de 1869. Era filho de Antero Militão Guimarães e Isabel Figueira Guimarães. Em 1883, cursou o primeiro ano do Ginário Pernambucano, em Recife. Converteu-se aos quinze anos, através do testemunho de um primo. Professou a fé no dia 6 de novembro de 1886, com o Rev. João Batista de Lima, na Igreja de Goiana (organizada em 1880). Pensou em estudar Direito, quando a morte súbita do pai obrigou-o a trabalhar na lavoura da cana. Dali tirou-o o Rev. Lima, que o apresentou como candidato ao Rev. John Rockwell Smith, em Recife. Foi recebido pelo Presbitério de Pernambuco como candidato ao ministério em 1887.

A partir de 1888, fez os primeiros estudos preparatórios e teológicos com o Dr. Smith, no bairro de Caminho Novo, depois Madalena. Havia dois outros estudantes na casa do professor: Juventino Marinho da Silva e João Olinto do Rego. Estudavam português, inglês, aritmética, geografia e história bíblica, matérias do curso preparatório. Acompanhou o mestre quando este foi para o sul do Brasil. Estudou no Seminário Presbiteriano quando o mesmo iniciou as suas atividades em Friburgo, no Estado do Rio, em 23 de janeiro de 1892. Foram seus colegas Alberto Meyer, Franklin do Nascimento e depois o também

pernambucano Vicente do Rego Temudo Lessa. Além do Rev. Smith, foi seu professor em Friburgo o Rev. John M. Kyle. Cursou o último ano já em São Paulo, a partir de 14 de fevereiro de 1895. Terminados os estudos em 16 de novembro daquele ano, ao mesmo tempo que o colega Francisco Lotufo, regressou ao Nordeste. Enquanto aguardava a ordenação, ficou por alguns meses na Paraíba, onde trabalhou ao lado do Rev. George E. Henderlite, indo em março de 1896 colaborar com o Rev. William Calvin Porter em Natal.

Foi ordenado pelo Presbitério de Pernambuco no dia 21 de julho de 1896, na capital da Paraíba, tendo como colega de ordenação Martinho de Oliveira. (O próprio Rev. Alfredo afirma que a sua ordenação ocorreu no dia 18, embora Temudo Lessa insista que foi no dia 21.) Passou então mais alguns meses no Rio Grande do Norte, auxiliando o Rev. Porter. No dia 18 de fevereiro de 1897, recebeu um convite do Rev. Herculano de Gouvêa para trabalhar com ele na Igreja de Jaú e no seu vasto campo dos dois lados do rio Tietê. Aceito o convite, retornou ao sul, exercendo um longo ministério no Presbitério de Minas, no qual foi arrolado em julho daquele ano.

Trabalhou inicialmente em Jaú, bem como em São Carlos, Araraquara, Dobrada (Palmeiras), Taquaritinga, Casa Branca e São José do Rio Pardo. Em 1898, residiu em Rio Claro, substituindo o Rev. Lino da Costa, e visitou, além de outras, a cidade de Araras. No dia 17 de maio de 1899, casou-se com Carolina Wiesmann, filha do presbítero Conrado Wiesmann e Amália Bolliger, de Itapira, que também eram sogros do Rev. João Vieira Bizarro. Em agosto do mesmo ano, o Presbitério de Minas, reunido em Itapira, colocou sob os seus cuidados as Igrejas de Itapira, Mogi-Mirim e São João da Boa Vista. Visitou ainda Espírito Santo do Pinhal, bem como Cabo Verde, Jacutinga e outras localidades do campo sul mineiro. Em novembro de 1904, ele e os Revs. André Jensen e Robert Gamble See, organizaram quatro igrejas – São José do Rio Pardo, São Bartolomeu, Cabo Verde e Cajuru. As igrejas antes existentes em algumas dessas localidades haviam aderido ao movimento independente. Em 1908, o presbitério o colocou em Cajuru e nas congregações de Monte Santo, Santo Antônio da Alegria, Posse, Guaranésia e Altinópolis.

Em 1914, o Rev. Alfredo Guimarães passou a residir em Casa Branca, cuidando também do campo mineiro: Cabo Verde, Pádua Dias, Conceição da Aparecida, Vila Nova de Resende, Guaxupé, Muzambinho e Monte Belo. O presbitério o colocou novamente em Itapira em 1922, também ficando sob seus cuidados Mogi-Guaçu, Casa Branca, Cascavel (Aguai) e o campo mineiro de Cabo Verde. Outras das inúmeras localidades que visitou como evangelista foram Varais, Barra Mansa, Quiririm, Ribeirão Claro, Corvo Branco, Três Barras, Amparo e Mococa, todas no Estado de São Paulo, e em Minas, Tuiuti, São Joaquim da Serra Negra e Barro Preto. Por várias vezes, foi moderador e secretário “pro tempore” do Presbitério de Minas. Traduziu um livro do inglês, intitulado *Que é que Vale a Pena*.

Como foi observado, a principal igreja do Rev. Alfredo Guimarães foi a de Itapira, onde residiu pela primeira vez de 1899 a 1908. No final da sua carreira, o Presbitério o colocou novamente naquela cidade, onde continuou a residir depois da sua jubilação, ocorrida em 14 de janeiro de 1928, em Limeira. Veio a falecer quinze anos mais tarde, no dia 20 de novembro de 1943. O casal Guimarães teve cinco filhos: Eulina, Walter, Loide, Áurea e Ivan. Dona Carolina era irmã de Maria Wiesmann, a segunda esposa do Rev. João Vieira

Bizarro. Outra irmã, Isabel Wiesmann Wey, foi mãe dos Revs. João Conrado Wey, Noé Wey e Waldemar Wey.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 512, 520.
- Ferreira, *História da IPB*, I: 369, 541; II:77, 108, 154.
- “Rev. Alfredo Guimarães”, *Pasta Ministros* (26), Arquivo Presbiteriano.
- “Rev. Alfredo Guimarães”, *O Puritano* (10-12-1943), 2.
- “Isabel Wiesmann Wey”, *O Puritano* (10 e 25-10-1956), 2.

Rev. Franklin Honorável do Nascimento

Pastor no Rio de Janeiro e um dos fundadores de O Puritano

Franklin do Nascimento nasceu em 15 de fevereiro de 1872 na cidade de Bragança Paulista, mas foi criado em Itatiba, onde se converteu e fez a sua profissão de fé. Recebeu forte influência da missionária e educadora Arianna (Nannie) Henderson, que foi a sua segunda mãe e o encaminhou na vida espiritual. Indo para São Paulo, fez os estudos preparatórios na Escola Americana e foi arrolado na igreja presbiteriana no dia 31 de janeiro de 1891. No ano seguinte, ingressou no recém-instalado Seminário Presbiteriano, em Nova Friburgo, do qual foi o primeiro aluno a concluir o curso. Foram seus colegas Alberto Meyer, Manoel Alfredo Guimarães e, mais tarde, Vicente Temudo Lessa. Seus mestres foram os Revs. John Rockwell Smith e John Merrill Kyle. Em 29 de março de 1894, numa reunião extraordinária especialmente convocada para esse fim, foi recebido como candidato ao ministério pelo Presbitério do Rio de Janeiro.

O estudante foi licenciado no dia 17 de janeiro de 1895. O presbitério havia iniciado os seus trabalhos na cidade do Rio de Janeiro, mas teve as duas últimas sessões em Friburgo, para a licenciatura de Franklin e os exames do seu companheiro Alberto Meyer. A tese marcada para o licenciando versou sobre o tema *Perseverantia sanctorum doctrina Sacrae Bibliae est?* (A perseverança dos santos é uma doutrina da Bíblia Sagrada?). A exegese crítica versou sobre Romanos 8.1-4; a homilia, sobre a tentação de Cristo (Mateus 4.1-11), e o sermão, sobre 1 João 1.7. Durante a sua licenciatura, Franklin trabalhou na cidade de Resende, no Estado do Rio.

Franklin foi ordenado no dia 7 de janeiro de 1897, no Rio de Janeiro, ficando sob seus cuidados a Igreja do Riachuelo, até então pastoreada pelo Rev. James B. Rodgers. No dia 15 de fevereiro, casou-se com Eugênia Mazza, com a qual teria quatro filhos: Else, Newton, Franklin e Natanael. No dia 1º de fevereiro de 1899, fez parte da comissão organizadora da Igreja de Niterói, ao lado de Álvaro Reis e do presbítero Jorge F. Baker. Foi um dos fundadores do jornal *O Puritano*, em 8 de junho do mesmo ano, ao lado dos Revs. Álvaro Reis e Erasmo Braga. Auxiliou Erasmo Braga na seção de bibliografia do periódico. No ano seguinte, foi trabalhar em seu estado natal, tendo residido por dois anos em Tatuí (1900-1902). O seu campo, que pertencera ao Rev. Zacarias de Miranda, ia até a cidade de Faxina (Itapeva). Também trabalhou por breve tempo em São João Del Rei, Minas Gerais.

Regressando ao Rio de Janeiro, Franklin voltou a colaborar na redação de *O Puritano*. Era o braço direito do Rev. Álvaro Reis no preparo daquele periódico. O Rev. Matatias Gomes dos Santos, que passou a integrar o corpo redatorial em 1905, observou que Franklin escrevia toda a matéria redacional, examinava, corrigia ou retocava colaborações, corrigia provas e procedia à revisão final das páginas com a pontualidade, a fleugma e a tenacidade de um germânico. Enquanto isso, o Rev. Álvaro Reis saía à rua a fim de angariar dinheiro para pagar as edições.

Na maior parte do seu ministério, o Rev. Franklin pastoreou a Igreja do Riachuelo, no Rio de Janeiro, organizada em 1894. Ali esteve de 1905 até a sua morte, aos 47 anos, no dia 7 de julho de 1919. Nesse período, exerceu grande atividade evangelística, sendo o iniciador dos trabalhos em Inhaúma, Engenho de Dentro e Olaria. Em 7 de junho de 1905, organizou a Igreja Presbiteriana de Manhuaçu, a segunda do Leste de Minas; da comissão de três membros só ele pôde comparecer. Foi também um dos primeiros pregadores em Valença, no interior do Estado do Rio, cuja igreja organizou no dia 8 de abril de 1910. Por muitos anos foi secretário permanente do Presbitério do Rio de Janeiro e também seu tesoureiro. Participou das diretorias do Seminário Presbiteriano, Comissão Permanente de Missões Nacionais, Seminário Unido e Comissão Brasileira de Cooperação.

Além de fazer parte da redação de *O Puritano*, Franklin escreveu muito em jornais. Colaborou com o Rev. John M. Kyle na tradução de dois livros: *Princípios de Interpretação da Bíblia* e *O Novo Testamento e seus Escritores*. Há um sermão seu no *Púlpito Evangélico*. Pouco antes de falecer, publicou um folheto apologético: *De que morreu Jesus?* Seu último trabalho literário publicado foi a biografia do velho mestre Rev. John Rockwell Smith (*O Puritano*, 13 de março a 10 de abril de 1919). Um de seus filhos foi oficial do exército e sua filha, Else do Nascimento Machado, foi escritora.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 360s, 462s, 483s, 531s, 538, 647.
- Ferreira, *História da IPB*, I: 369, 540, 565-67; II:204, 349.
- “Rev. Franklin do Nascimento”, *O Puritano* (17-07-1919), 1-2.
- “Rev. Dr. Franklin Honorável do Nascimento”, *O Apóstolo Cristão* (20-09-1923), 2s. *Jornais Evangélicos*, Vol. 9, Coleção Temudo Lessa.
- Antônio Sperber, *Igreja Presbiteriana de Manhuaçu: Resenha Histórica* (1980), 4s.

Presb. Willis Roberto Banks

Evangelista pioneiro do litoral sul paulista

Embora nunca tenha sido ordenado pastor, Willis Roberto Banks está incluído neste rol de obreiros nacionais em virtude do pioneirismo e da amplitude do seu trabalho evangelístico. Willis nasceu em Guaraqueçaba, Paraná, no dia 15 de novembro de 1864. Seus pais – Joseph Robert Banks e Ambrosina Gibson Banks – eram norte-americanos. O menino foi criado e educado em Curitiba e mais tarde conheceu na localidade de Tibagi a jovem

Vicência da Cruz Machado, natural de Santo Ângelo, Rio Grande do Sul, com quem se casou. Tiveram uma única filha, Izaltina. Após residirem por algum tempo na fazenda do pai de Vicência, em Tibagi, foram para o sertão do norte do Paraná, onde viveram por seis ou sete anos. Quando ali estavam, receberam a visita de dois engenheiros norte-americanos que vinham medir terras em missão do governo. Um deles era filho do Dr. Horace M. Lane, o presidente do Mackenzie College, em São Paulo.

Regressando a Tibagi, Willis começou a ler um Novo Testamento que lhe haviam dado em Curitiba. Sentiu-se tocado pela conversão e pelas viagens missionárias de Paulo. Inteligente e empreendedor, inventou máquinas para fabricação de polvilho, tornou-se agrimensor e adquiriu conhecimentos de medicina prática através da leitura de uma conhecida obra do médico polonês radicado no Brasil, Pedro Luiz Napoleão Chernoviz (1812-1881). Sempre inquieto, tornou-se co-proprietário de uma padaria na cidade de Castro. Atendendo a apelos insistentes da esposa do seu sócio, D. Fortunata Zimmermann, entrou pela primeira vez em um templo evangélico, da igreja presbiteriana. Gostou do que ouviu e tornou-se frequentador assíduo. Três meses depois, no dia 21 de janeiro de 1894, foi recebido por profissão de fé e batismo pelo Rev. Thomas Jackson Porter. Sua decisão foi muito mal recebida pela esposa, que havia ficado em Tibagi, e pelos pais da mesma. Porém, Fortunata e Vicência haviam sido amigas de infância e esta também acabou aceitando o evangelho, sendo recebida por profissão de fé pelo Rev. George Luverno Bickerstaph.

Foi então que Willis recebeu uma carta do Dr. Horace Lane convidando-o para administrar a sua fazenda Poço Grande, em Juquiá, no litoral sul de São Paulo. Essa fazenda havia pertencido a uns norte-americanos que vieram para o Brasil após a Guerra Civil em seu país (1861-1865). Depois de uma recusa inicial, como o Dr. Lane insistisse, Willis acabou aceitando o convite. Foi visitar o local, teve má impressão, mas não quis voltar atrás em sua palavra. Diante da resistência da família, conversou com o Rev. Bickerstaph, pastor da Igreja de Castro, que disse pressentir que Deus o chamava para uma obra especial naquele lugar. A família então empreendeu a penosa viagem de carroça, trem, navio, vapor e canoa até a fazenda Poço Grande, ali chegando no dia 16 de janeiro de 1897.

Willis começou a realizar cultos domésticos, inicialmente sem intenção evangelística, mas a assistência foi se tornando cada vez mais numerosa. Através do Dr. Lane, convidou o Rev. Modesto Carvalhosa para visitá-los. O Rev. Carvalhosa, pastor da 2ª Igreja Presbiteriana de São Paulo, permaneceu por mais de uma semana em Poço Grande, em meados de 1898, tendo recebido trinta e seis pessoas por profissão de fé, inclusive Izaltina Banks, e batizado vinte e seis menores. Surgiu assim a primeira igreja presbiteriana e, naquela época, a única igreja evangélica do extenso litoral sul-paulista. A Igreja de Juquiá foi formalmente organizada pelo Rev. Carvalhosa no dia 10 de outubro de 1900, ocasião em que Willis Banks foi eleito presbítero. Sob a sua liderança, foi construído um templo no topo de uma colina às margens do rio Juquiá, a dois quilômetros de Poço Grande, no lugar conhecido como Morrinho. Algum tempo depois, o casal Banks iniciou uma escola em sua casa, onde também residiam os alunos, crianças pobres que vinham de longe. Com seus modestos conhecimentos de medicina, prestavam assistência ao povo da região, realizando inclusive pequenas cirurgias. Além de escola e hospital, sua casa também servia de hospedaria. No

anuário de 1903 da Igreja Unida, o Rev. Carvalhosa deu o seguinte testemunho sobre o evangelista: “Este irmão dirige o culto divino, preside a Escola Dominical, ensina na mesma Escola, visita seus membros e propaga o Evangelho na sua região. Como o Sr. Banks se ocupa principalmente neste trabalho, alguns irmãos estão concorrendo para lhe ser mandado mensalmente um pequeno estipêndio”. Nos primeiros tempos, a Igreja de Juquiá também foi pastoreada pelo Rev. Erasmo Braga, que em duas visitas (dezembro de 1903 e junho de 1905) recebeu 43 membros por profissão de fé e batizou 61 menores.

Depois de seis anos como administrador da fazenda e evangelista da região, Willis resolveu voltar para o Paraná. Fez a difícil viagem a São Paulo para comunicar a decisão. Nessa viagem, que Willis fez diversas vezes para ir a reuniões do presbitério ou do sínodo, ele tinha de caminhar até Osasco (quase 200 km) e então tomar o trem, já próximo de São Paulo. O Dr. Lane e o Rev. Carvalhosa insistiram para que ele não abandonasse Juquiá. O casamento da filha com um rapaz dessa cidade fez com que o casal desistisse de retornar ao Paraná, passando a residir naquele local. Iniciou-se uma igreja em Juquiá, da qual um dos primeiros membros foi o Sr. João Adorno Vassão, pai do futuro Rev. Amantino A. Vassão. Willis Banks prosseguiu com o seu ministério evangelístico e terapêutico. Inventou as chamadas “pílulas Banks” para tratar as muitas pessoas atacadas pela verminose. Ao mesmo tempo, visitava assiduamente as congregações nascentes e evangelizava os lares.

Mais tarde, o casal Banks residiu por cinco anos em Ponta Grossa, enquanto os netos estudavam na Escola Americana de Curitiba e no Instituto Cristão de Castro. Nesse período, o campo evangelístico de Juquiá foi visitado pelos Revs. Erasmo Braga, Coriolano de Assunção, Júlio Sanguinetti, Robert Daffin, João Paulo de Camargo e James Porter Smith. Em 1918, o casal Banks e os netos mais velhos foram residir no bairro da Lapa, em São Paulo. Mediante autorização do Rev. Matatias Gomes dos Santos, pastor da Igreja Unida, Willis iniciou uma escola dominical. Seu trabalho evangelístico resultou no primeiro grupo de convertidos, que fizeram a sua pública profissão de fé na Igreja Unida e formaram o núcleo inicial da Igreja Presbiteriana da Lapa.

Três anos mais tarde, o casal Banks voltou para Juquiá. Como havia feito em Morrinho, Willis montou uma olaria e construiu um belo templo, o melhor prédio do lugar na época. Com um barco de alumínio doado por uma igreja americana, continuou a viajar e a pregar por toda a extensa região. Iniciou um ponto de pregação em Iguape, no litoral, onde, entre os primeiros convertidos, estavam o Sr. Evaristo Ribeiro e sua esposa, pais do futuro Rev. Zaqueu Ribeiro, e o casal Sinfrônio Costa. De Morrinho, Juquiá e Iguape, o evangelho irradiou-se por todo o Vale do Ribeira.

Após cinco ou seis anos em Iguape, o idoso casal retornou para Juquiá, onde D. Vicência faleceu em 20 de setembro de 1940, sendo oficiante em seu enterro o Rev. Amantino Vassão. Adoentado, Willis seguiu para São Paulo, onde os médicos, dentre eles o Dr. Job Lane, do Hospital Samaritano, diagnosticaram câncer no estômago. Diante do seu desejo de ser sepultado em Juquiá, foi levado de automóvel para aquela cidade. No dia seguinte, 22 de março de 1942, um domingo, o dedicado evangelista faleceu aos 77 anos de idade. Dois descendentes seus seguiram a carreira ministerial: o seu neto Willes Banks Leite, falecido

em 1996, e o filho deste, Alveyh Martins Banks Leite, atualmente pastor em Ribeirão Preto. Ao longo dos anos, a Igreja do Morrinho vem sendo um apreciado local para encontros e retiros dos presbiterianos da região. O Arquivo Fred Lane, em São Paulo, preserva cerca de 35 cartas escritas pelo evangelista pioneiro ao Dr. Horace Lane, no período de 1896 a 1912.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 556, 599.
- Ferreira, *História da IPB*, I: 519-23; II: 75, 367.
- “Vicência da Cruz Banks”, *O Puritano* (25-10-1940), 4, 5.
- Izaltina Banks Leite, *Willis Roberto Banks: O Pioneiro da Evangelização do Litoral Sul-Paulista*, 2ª ed. São Paulo, 1963 [1959].
- Olympio A. Vassão. *Corrida Atrás do Tempo II*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana.
- Hahn, *Culto Protestante no Brasil*, 282-89.
- Ribeiro, *Igreja Evangélica e República Brasileira*, 91-104.
- Caleb Soares, *Banks Ainda Hoje: Pioneirismo no Vale do Ribeira*. Santos: Instituto de Pedagogia Cristã, 1998.
- Olivetti, *Na Esteira dos Passos de Deus*, 205, 276.

Rev. José de Azevedo Granja

Pastor em Ubatuba, litoral norte de São Paulo

José Granja nasceu em Portugal em 1837. Pertenceu ao quadro dos primeiros crentes do Rio de Janeiro, tendo sido recebido por profissão de fé e batismo pelo Rev. Ashbel G. Simonton em 1866. Casou-se com Margarida Cândida Botelho no dia 21 de setembro de 1869, sendo celebrante o Rev. Francis J. C. Schneider, co-pastor da Igreja do Rio. Granja era um perito alfaiate e foi chamado para dirigir uma grande alfaiataria francesa em São Paulo, passando a freqüentar a igreja dessa cidade no pastorado do Rev. George Chamberlain. Tinha um enteado, Manoel Jacinto Botelho, que foi recebido como membro da Igreja de São Paulo em 17 de abril de 1870, junto com a esposa Ana Maria de Assunção Botelho, por transferência da Igreja do Rio. Na mesma ocasião, o futuro escritor Júlio Ribeiro professou a fé e foi batizado. Manoel, que era colportor e evangelista, associou-se a Júlio Ribeiro em algumas de suas viagens.

Como a esposa de Granja desejasse residir no Rio de Janeiro, para ficar perto dos parentes, o casal para ali retornou em 1873. Granja foi eleito presbítero e tesoureiro da Igreja do Rio. Em dezembro de 1883, revelou ao Rev. Antônio Bandeira Trajano o desejo de dedicar-se integralmente à pregação do evangelho, mesmo como obreiro leigo. Trajano o recomendou aos membros da missão norte-americana. Em 11 de fevereiro de 1884, já desligado das lides seculares, Granja começou o seu trabalho evangelístico no Rio e em Niterói, recebendo diariamente do Rev. Trajano lições de teologia e outras matérias necessárias para as suas novas atividades.

Granja participou da organização do Sínodo, em 1888, como presbítero da Igreja do Rio. Em 1891, o Presbitério do Rio de Janeiro o enviou para Ubatuba a fim de cuidar da igreja

local, que havia sido organizada pelo Rev. Trajano em 1880. Em 11 de janeiro de 1895, essa igreja enviou ao presbitério um pedido unânime para que Granja fosse ordenado como pastor da mesma. No ano seguinte, a igreja voltou a insistir no pedido – dava-lhe casa e trinta mil réis mensais, esperando certamente que a Missão completasse o ordenado. Ocorreu então um fato curioso. O obreiro, alegando o estado grave de sua companheira, em risco de vida, escusava-se de ir à reunião do presbitério. Achando, porém, que o seu caso era todo especial, pedia que lhe mandassem a ordenação “por escrito”.

Como era de se esperar, o Concílio respondeu ao pedido ingênuo do evangelista informando-lhe que a ordenação somente poderia ser feita pela imposição das mãos do presbitério. Em face da sua ampla experiência no campo, o presbitério o ordenou no dia 28 de janeiro de 1897, dispensando-o da licenciatura, depois de um longo exame sobre doutrina e outros pontos. Tomaram parte na sua ordenação os Revs. John M. Kyle, Antônio Trajano, James Rodgers, Franklin do Nascimento e Edmund A. Tilly, pastor metodista. Fez a parênese o Rev. Rodgers, então pastor da Igreja do Rio. Nunca até então alguém havia sido ordenado com idade tão avançada (60 anos) na Igreja Presbiteriana do Brasil.

Por oito anos o Rev. Granja exerceu o ministério em Ubatuba. Falecendo a sua esposa nessa cidade em 1896, contraiu segundas núpcias com Íria S. da Cunha. Nenhum dos dois casamentos produziu filhos. Indo ao Rio de Janeiro para uma reunião do presbitério, o Rev. Granja adoeceu no navio, ficando paralisado no lado direito. Faleceu em Ubatuba no dia 31 de julho de 1905. Dona Íria Granja faleceu na mesma localidade muitos anos depois, em 18 de março de 1938.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 74, 81, 531s, 538.
- Ferreira, *História da IPB*, I: 519.
- “Rev. José de Azevedo Granja”, *O Puritano* (24-08-1905), 4.

Rev. José Maurício Higgins

Pastor no Paraná e em São Paulo

José M. Higgins nasceu em Barra do Piraí, Estado do Rio de Janeiro, em 2 de fevereiro de 1874. Fez a sua profissão de fé com o Rev. Antônio Bandeira Trajano no dia 6 de julho de 1890, na Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro. Seguindo para São Paulo, estudou na Escola Americana e fez parte da primeira turma do Instituto Teológico, ao lado de Erasmo Braga, Francisco Lotufo, Benjamim Martins e Antônio Gonçalves. O Instituto Teológico foi fundado pelo Rev. Eduardo Carlos Pereira em 1893 e dois anos mais tarde uniu-se ao Seminário Presbiteriano. Em 1895, Higgins e os colegas figuraram entre os fundadores da Associação Cristã de Moços (ACM) de São Paulo.

Em outubro de 1894, Higgins foi recebido como candidato ao ministério em uma reunião extraordinária do Presbitério de São Paulo, sendo arrolado na Igreja de São Paulo no dia 2 de novembro do mesmo ano. A Igreja de Curitiba, reunida em assembléia no dia 1º de

fevereiro de 1897, optou por eleger um pastor, restringindo-se a apenas dois candidatos. Erasmo Braga obteve 16 votos e Higgins 36, aprovando-se por unanimidade o convite ao segundo. Sua licenciatura ocorreu em 11 de julho de 1897, também na capital paulista, e sua ordenação em Curitiba, no dia 27 de março de 1898. Foi o sétimo membro da Igreja do Rio de Janeiro a dedicar-se à obra ministerial (os outros foram José Manoel da Conceição, Modesto Carvalhosa, João Ribeiro de Carvalho Braga, Antônio André Lino da Costa, Manoel Antônio de Menezes e José de Azevedo Granja). Chamado pela Igreja de Curitiba, exerceu na capital do Paraná quase todo o seu ministério. Casou-se com Elisa de Mesquita Filha pouco antes de assumir o pastorado da Igreja de Curitiba, em maio de 1898.

Elisa havia sido arrolada na Igreja de São Paulo em 30 de outubro de 1896, por transferência da Igreja Livre de Genebra. Era filha de D. Elisa de Souza Barros e Mesquita e sobrinha de D. Maria Paes de Barros, pertencentes a uma tradicional família paulistana. Recebida por profissão de fé e batismo pelo Rev. George Chamberlain em 10 de outubro de 1886, D. Elisa foi o primeiro membro da família Souza Barros que se filiou a uma igreja evangélica. Era casada com o médico Dr. Inácio Xavier Paes de Campos Mesquita. Outra filha sua, Cecília de Mesquita, veio a casar-se com o Rev. Ernesto Luiz de Oliveira.

Em janeiro de 1899, na qualidade de “ministro colado”, o Rev. Higgins recebeu permissão da assembléia da Igreja de Curitiba para lecionar “em benefício da igreja e em seu próprio benefício”. Foi professor credenciado nas disciplinas de português, inglês, grego, latim e francês, exercendo o magistério nos seguintes educandários de Curitiba: Colégio Progresso, Liceu Rio Branco, Colégio Belmiro César, Ginásio Paranaense e Instituto de Educação. Participou também de bancas examinadoras em concursos para catedráticos da Universidade Federal do Paraná.

Quando foi criado o Presbitério do Sul, em 1900, desmembrado do Presbitério de São Paulo, José M. Higgins era o único pastor nacional ao lado dos missionários George Landes, George Bickerstaph e Roberto Frederico Lenington. Elisa de Mesquita Higgins veio a falecer ainda jovem, no dia 2 de novembro de 1901. Antes do Sínodo de 1903, o Rev. Higgins retirou-se do país, com licença do Presbitério, em viagem aos Estados Unidos. Quando voltou, em outubro de 1904, a Igreja de Curitiba já estava dividida, mas os dissidentes não haviam ainda aderido ao movimento independente. Aguardavam o regresso e a orientação do pastor.

Higgins filiou-se à Igreja Presbiteriana Independente na terceira reunião do Presbitério Independente, em janeiro de 1905. Conseguiu atrair para o movimento independente, em sua totalidade, a Igreja de Itaquí, nas proximidades de Curitiba. Mais tarde, foi o sucessor imediato do Rev. Eduardo Carlos Pereira, em 1922 e 1923, na Igreja de São Paulo. O Rev. Eduardo pediu um ano de licença para tratar da saúde, viajando para a Europa e Estados Unidos. Higgins assumiu também a função de redator de *O Estandarte* e foi moderador dos Presbitérios do Sul e do Leste. Depois da estadia em São Paulo, mudou-se para Campinas, onde exerceu o seu último pastorado até 1924, quando se exonerou do ministério.

Voltando para Curitiba, filiou-se à Igreja Luterana e trabalhou por muitos anos como professor de humanidades. Faleceu em Curitiba aos 83 anos, em 1957. Nos primeiros tempos do seu ministério (1901-1902), o Rev. Higgins traduziu e editou o famoso livro *Em Seus Passos Que Faria Jesus?*, escrito em 1897 por Charles N. Sheldon, um pastor congregacional de Topeka, Kansas. Esse livro, um dos mais lidos do mundo, popularizou as idéias do chamado “Evangelho Social”. De 1945 a 1988 a Casa Publicadora Batista lançou dezesseis edições dessa importante obra. Diversos integrantes da família Higgins foram membros da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro por muitos anos.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 259, 429, 460, 464, 521, 552, 629, 685, 696.
- Ferreira, *História da IPB*, I: 384, 395-400, 534, 541; II:40s.
- Benjamim Temudo Lessa, “Prof. José Maurício Higgins”, *O Estandarte* (15 e 31-10-1958), 18.
- Ribeiro, *Igreja Evangélica e República Brasileira*, 75-77.
- Emrich e Vargas, *Pioneiros da Evangelização Presbiteriana no Paraná*, 13.

Rev. Laudelino de Oliveira Lima

Pastor nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro

Laudelino de Oliveira nasceu em São Carlos no dia 15 de setembro de 1867, sendo seus pais Luiz Pereira de Almeida Lima e Cândida de Oliveira Lima. Foi fruto do ministério do Rev. João Fernandes Dagama, tendo estudado por três anos no seu colégio, em Rio Claro, após o que retornou para a casa dos pais, que não eram crentes. A partir de 1882, quando faleceu o pai, freqüentou assiduamente a Igreja de São Carlos, até que o Rev. Dagama o recebeu por profissão de fé, em 1890. Em setembro de 1891, foi recebido como candidato ao ministério pelo Presbitério de Minas, na cidade de Mogi-Mirim. Na mesma reunião foram ordenados os licenciados João Vieira Bizarro, Herculano Ernesto de Gouvêa e Bento Ferraz. Tornou-se pregador em sua igreja de origem e foi eleito presbítero em setembro de 1895, durante o pastorado do Rev. Herculano de Gouvêa.

Depois de estudar na Escola Americana e no Mackenzie, ingressou no Seminário Presbiteriano em 1896. Já era chefe de família, casado com Emiliana de Souza Lima (Iaiá) e pai de Laudelino Filho, mais tarde também ministro. Conseguiu um emprego público e assistia às aulas do seminário. Interessado pelo jornalismo, sugeriu a criação de um jornalzinho dos estudantes, *O Combate*, que começou a circular no dia 3 de outubro daquele ano e durou até julho de 1899. Antes de ser licenciado também colaborou com jornais seculares. Foi revisor do *Diário Mercantil*, onde trabalhou com o poeta Cruz e Souza e com o futuro Dr. Antônio Gomes da Silva Rodrigues. Também foi chefe de revisão do *Correio Paulistano*.

Devido ao seu aproveitamento nos estudos, foi licenciado pelo Presbitério de Minas, em Rio Claro, no dia 29 de junho de 1897. Nessa ocasião, deixou a ocupação secular como meteorologista da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo. Comunicou ao conselho da Igreja de São Carlos a sua mudança temporária para São Paulo a fim de

concluir os estudos para o ministério. Sua ordenação verificou-se em 17 de julho de 1898, em São João da Boa Vista. De 1898 a 1935, pastoreou cerca de 42 igrejas em São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia e Sergipe, muitas delas organizadas por ele mesmo, como participante de comissões. Durante o seu ministério ativo, colaborou em quase todos os jornais seculares dos lugares em que foi pastor, publicando artigos religiosos e seculares.

Inicialmente exerceu o ministério em muitos pontos do Presbitério Oeste de São Paulo. Pastoreou de 1899 a 1902 a Igreja de São Carlos (e novamente em 1905-1906). Em 1901 fundou nessa cidade o jornal *A Propaganda* e no início do ano seguinte esteve por dois meses em Portugal, por motivo de saúde. Pastoreou também as Igrejas de Botucatu e Jaú. Depois trabalhou no Rio de Janeiro, onde passou boa parte da sua vida. Foi pastor auxiliar do Rev. Álvaro Reis em Botafogo (1905) e na sede (1912). Foi o primeiro pastor da Igreja Presbiteriana de Copacabana, organizada pelo Rev. Álvaro Reis em 21 de setembro de 1913. Organizou a Igreja de Santa Cruz e deu assistência a congregações do interior do estado, como Ipiranga e Bananal. Era pastor da Igreja de Ramos quando foi chamado a ocupar o pastorado interino da Igreja do Rio (1925-1926), logo após a morte do Rev. Álvaro Reis. Colaborou na assistência ao campo do Espírito Santo e também residiu na Bahia e em Sergipe. Foi diretor da *Revista Cristã*, fundada em outubro de 1917 e voltada para “religião, literatura e movimento evangélico no Brasil”.

Algumas outras igrejas que pastoreou, quase todas no Presbitério Leste Fluminense, foram as de Lavrinhas (1914, 1926-1927), Pedra Branca (1914-1922, 1924-1925), São José do Ribeirão (1914, 1926-1927), Campos (1915, 1917-1918, 1925), Sana (1915-1921), Macabu (1920-1922), Barra do Pirai (1923-1924), Barra Alegre (1926-1927), Retiro (1926) e Barra do Canteiro (1927-1928). Na cidade do Rio de Janeiro, também pastoreou as Igrejas de Madureira (1926, 1929-1930), Tomás Coelho (1931-1932) e Olaria, sua última igreja, onde trabalhou de 5 de fevereiro de 1933 a 13 de janeiro de 1936. Entre outras, fez parte das comissões organizadoras das Igrejas de Pedra Branca (21-06-1913), Macabu (04-05-1920), Olaria (12-04-1925), Madureira (01-05-1926), Barra do Canteiro (28-09-1926) e Lumiar (10-06-1928). Sendo jornalista e escritor, foi por algumas vezes redator de *O Puritano*, com o qual colaborou desde o início até o seu falecimento. Às vezes usou pseudônimos curiosos, como Telefunken. Segundo aqueles que o conheceram, destacou-se por três qualidades: franqueza, bondade e ortodoxia. Foi jubilado em janeiro de 1936.

Cursou a Escola de Engenharia do Rio de Janeiro, obtendo o respectivo diploma, mas não chegou a exercer a profissão. Participou do I Congresso de Geografia do Brasil (1909), foi membro da Sociedade Científica de São Paulo, da Associação Brasileira de Imprensa e do Grêmio de Pastores Evangélicos do Rio de Janeiro. Foi um incansável defensor do Seminário Presbiteriano do Sul, tanto nas reuniões da sua diretoria como na Assembléia Geral. Publicou alguns opúsculos e tratados, tais como “Pela verdade”, “Rumo à Escola”, “Que é o espiritismo?”, “Educação cívica da mocidade” e “O dia do Senhor”, bem como trabalhos científicos em jornais e muitas obras de polêmica religiosa. O Rev. Laudelino faleceu no Rio de Janeiro no dia 10 de outubro de 1939. Em seu sepultamento no Cemitério de Inhaúma, oficiou o Rev. Matatias Gomes dos Santos. Seu primogênito de igual nome

também foi engenheiro e pastor. Além dele, teve outros seis filhos: Alice, Eunice, Luiz, Artur, Silvano (estes três médicos) e Carlos Augusto.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 367, 504, 506, 552s, 622.
- Ferreira, *História da IPB*, I: 535, 541s; II: 76, 116, 155, 204, 206, 358.
- “Rev. Laudelino de Oliveira Lima”, *Pasta Ministros* (75), Arquivo Presbiteriano.
- *Álbum Comemorativo do Cinquentenário da Faculdade de Teologia da IPB* (1938).
- “Rev. Laudelino de Oliveira Lima”, *O Puritano* (25-10-1939), 2.
- *Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro: Primeiro Centenário, 1862-1962*.

Rev. Henrique Augusto Vogel

Pastor em São João da Boa Vista, professor em Campinas

Henrique Vogel nasceu na cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul, em 30 de novembro de 1869. Sua mãe era Carolina Vogel. Como o seu colega Francisco Lotufo, foi um dos frutos do trabalho do Rev. Emanuel Vanorden naquele estado. Em 1877, ingressou na Escola Americana de São Paulo como aluno interno. Foi recebido como aspirante ao ministério pelo Presbitério de São Paulo em 1889, estudando no Harley College de Londres e no Seminário de Genebra. Regressou ao Brasil, vindo da Suíça, em janeiro de 1897 e no mês seguinte, quando ainda candidato ao ministério, foi residir em São João da Boa Vista. No dia 13 de julho de 1897, em São Paulo, foi licenciado pelo Presbitério de Minas, concílio sob cuja jurisdição iria trabalhar. Foi-lhe designado o campo de São João da Boa Vista, em substituição ao Rev. Álvaro Reis, que havia assumido o pastorado da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro.

Henrique foi ordenado no dia 17 de julho de 1898, em São João da Boa Vista, na mesma ocasião em que o seu colega Laudelino de Oliveira Lima. No mesmo ano, casou-se naquela cidade com Eduarda Andrade Vogel, uma sobrinha da esposa do Rev. Miguel Torres. Além do trabalho pastoral em São João da Boa Vista, Henrique conquistou por concurso a cadeira de grego do Ginásio do Estado, em Campinas, sucessor do Colégio Culto à Ciência. Ele e outros aprovados tomaram posse no dia 14 de agosto de 1901, ocasião em que Bento Ferraz, professor de língua portuguesa e literatura, saudou os novos colegas. Outro membro do corpo docente era o recém-ordenado Rev. Ernesto Luiz de Oliveira (aritmética, álgebra e geometria). Mais tarde, o filho deste também seria professor do Ginásio do Estado. Vogel teve uma longa carreira de quase quarenta anos nessa importante instituição de ensino, vindo a aposentar-se no dia 11 de outubro de 1938.

Henrique Vogel foi um dos primeiros professores auxiliares que lecionaram no Seminário Presbiteriano logo que este se transferiu para Campinas (1907-1908), bem como colaborou no pastorado da Igreja de Campinas (1912-1914). O casal Vogel teve sete filhos: Mary Blanche, Henrique Eduardo, Emmanuel Kant, Natanael, René Cartésio, Eduarda Antonieta e Bessie. Dona Eduarda faleceu em Campinas no dia 17 de janeiro de 1941. Mary Blanche foi esposa do Rev. Teodoro Henrique Maurer Júnior, um ministro presbiteriano. Henrique

Maurer nasceu em 13 de maio de 1906, em Cosmópolis, São Paulo, de pais luteranos. Estudou no Seminário de Campinas (1925-1928), como candidato do Presbitério de Minas. Foi licenciado em São João da Boa Vista em 1929 e ordenado em 12 de janeiro de 1930 na cidade de Franca, onde exerceu o pastorado. Lecionou no Instituto José Manoel da Conceição, no Mackenzie e no Seminário da Igreja Independente. Foi também professor no curso pré-teológico do Seminário de Campinas. Ele e seu cunhado René Vogel, advogado e presbítero em Campinas, lecionaram latim no referido curso.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 333, 533, 543, 553.
- Ferreira, *História da IPB*, I: 480, 515; II:116.
- *Álbum Comemorativo do Cinquentenário da Faculdade de Teologia da IPB* (1938).
- “Eduarda Andrade Vogel”, *O Puritano* (10-02-1941), 3.
- Carlos F. de Paula. *Culto à Ciência: Colégio – Ginásio e Colégio Estadual, Monografia Histórica*. Campinas, 1946. Arquivo Presbiteriano.
- Chaves, *Bandeirantes da Fé*, 161-163.
- “Rev. Teodoro Henrique Maurer Júnior”, Pasta Ministros (133), Arquivo Presbiteriano.

Rev. Erasmo de Carvalho Braga

Intelectual, educador, líder da cooperação evangélica

Erasmo Braga nasceu em Rio Claro, Estado de São Paulo, no dia 23 de abril de 1877, sendo o filho primogênito de João Ribeiro de Carvalho Braga e Alexandrina Teixeira da Silva Braga. Seu pai era um português que havia se convertido no Rio de Janeiro através da leitura de uma velha Bíblia e depois se mudara para Rio Claro a fim de lecionar na escola do Rev. João Fernandes Dagama. Em 1878, a família foi residir em São Paulo, onde o pai ensinou na Escola Americana e no Colégio Morton, e estudou teologia com o Rev. John Beatty Howell. Menino inteligente e precoce, Erasmo aprendeu a ler desde uma tenra idade. Sua mãe escreveu na margem de um Novo Testamento da família, ao lado de Mateus 5: “Erasmo leu este capítulo hoje durante o culto doméstico. Ele tem cinco anos”. Nessa época, ele começou a sentir a influência dos missionários norte-americanos, tais como os Revs. George W. Chamberlain e George N. Morton e as educadoras Mary P. Dascomb e Elmira Kuhl, pelos quais sempre nutriu grande admiração. A atmosfera do seu lar era muito estimulante, pois seus pais demonstravam grande interesse por questões eclesiásticas, políticas, sociais e intelectuais.

Em setembro de 1884, a família seguiu para Botucatu, no interior do estado, o primeiro campo pastoral do Rev. Carvalho Braga, onde Erasmo passou o restante da sua infância. Ainda menino, ajudou a mãe como professor assistente na escola evangélica local e testemunhou perseguições dirigidas contra o seu pai. Em 1890, no início do período republicano, o adolescente foi para São Paulo a fim de concluir os seus estudos secundários na Escola Americana e no Colégio Protestante, onde todos se admiraram da sua inteligência. Foi aprovado nos exames de admissão à Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, mas acabou decidindo-se pelo ministério. Fez parte da primeira turma do

Instituto Teológico, criado em fevereiro de 1893 pelo Rev. Eduardo Carlos Pereira, o pastor da Igreja de São Paulo. Seus colegas iniciais foram Francisco Lotufo, José Maurício Higgins e outros dois que não abraçaram o ministério. Foi responsável pelo jornalzinho dos estudantes (*A Era*) e trabalhou como bibliotecário da escola. Além de destacar-se como estudante, mostrou-se um bom debatedor e revelou possuir o temperamento diplomático que lhe seria tão útil no seu futuro trabalho cooperativo.

Foi aceito formalmente pelo Presbitério de São Paulo como candidato ao ministério em outubro de 1894. Poucos meses depois, no início de 1895, o Seminário Presbiteriano, na pessoa do Rev. John Rockwell Smith e de três estudantes (Manoel Alfredo Guimarães, Alberto Meyer e Vicente Temudo Lessa) transferiu-se de Nova Friburgo e fundiu-se com o Instituto Teológico. No mesmo ano, Erasmo e seus colegas estiveram entre os membros fundadores da Associação Cristã de Moços (ACM) de São Paulo. Mantendo o seu interesse pelo jornalismo, tornou-se editor e secretário do periódico criado pelos seminaristas em outubro de 1896, *O Combate*. Revelando o seu amor pelos livros, continuou a cuidar da biblioteca do seminário. Em 1897 a sua família voltou a residir em São Paulo e o Rev. Carvalho Braga passou a ensinar inglês e história no seminário. Quando o Sínodo reuniu-se na capital paulista em julho daquele ano, Erasmo saudou a assembléia em nome da sua escola teológica.

Erasmo foi licenciado pelo Presbitério de São Paulo em 11 de julho de 1897, aos 20 anos, e ordenado pelo Presbitério do Rio de Janeiro no dia 5 de setembro de 1898, assumindo o pastorado da congregação de Niterói, que foi organizada em igreja no ano seguinte (01-02-1899). Trabalhou ao lado do grande incentivador daquela comunidade, o presbítero Jorge F. Baker. Passou a escrever sobre assuntos diversos para vários jornais do Rio de Janeiro, tais como *A Notícia*, *O Dia*, *O País* e *Eco Fonográfico*, e lecionou em uma escola secundária, o Colégio Progresso. Em junho de 1899, auxiliou o Rev. Álvaro Reis, pastor da Igreja do Rio de Janeiro, no lançamento do periódico *O Puritano*, no qual veio a escrever editoriais apaixonados sobre temas religiosos e sociais. Também ficou encarregado da sua seção bibliográfica. No ano seguinte, sentindo-se esgotado, foi descansar na casa dos pais, agora em Sorocaba. Naquela ocasião houve um surto de febre amarela na cidade e Erasmo serviu de enfermeiro, como membro da defesa civil. Ao regressar ao Rio, o jornal da cidade fez-lhe emocionada despedida e o governo municipal o presenteou com um relógio de ouro.

Em 1901, já casado com a professora lisboeta Olindina Jardim, Erasmo voltou a residir em São Paulo. Lecionou português e literatura no Mackenzie College, do qual também foi capelão. Também ensinou Antigo Testamento, teologia prática e outras matérias no Seminário Presbiteriano, onde trabalhou ao lado do seu ex-mestre, o Rev. John Rockwell Smith, e, por breve tempo, do Rev. Samuel Rhea Gammon. Em 1902, participou da criação de duas entidades interdenominacionais, a Aliança Evangélica e o Esforço Cristão. Naquele ano, publicou a sua primeira obra, *Glossário Hebreu-Português*, através da Casa Vanorden, que lhe valeu a filiação à Sociedade Acadêmica de História Internacional, de Paris.

No Sínodo de 1903, em que houve a divisão da igreja, os dois Braga, pai e filho, foram eleitos respectivamente moderador e secretário. Uma semana após a separação, eles publicaram uma pastoral explicando às igrejas os acontecimentos recentes e justificando as decisões da maioria. Nesse período, Erasmo passou a escrever no *Correio Paulistano*, associou-se a alguns intelectuais para fundar a Sociedade Científica de São Paulo e foi convidado para integrar a Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo. Traduziu em parceria com o pai uma obra de controvérsia, *Revelações do Século III*, bem como a “Confissão de Fé da Guanabara”, escrita pelos calvinistas da França Antártica em 1558. Nessa época, colaborou com a Igreja de Pinheiros, na capital paulista, e deu assistência à distante Igreja de Juquiá, no Vale do Ribeira, fundada pelo evangelista Willis Roberto Banks.

Erasmo acompanhou o Seminário quando este foi transferido para Campinas em 1907, revelando-se, como deão, um excelente administrador da instituição, e ensinando muitas disciplinas, como Antigo Testamento, hebraico, história da igreja e homilética. Para suprir as deficiências dos alunos, também lecionou química, história natural e música. Nesse período, começou a publicar o periódico do seminário, *A Reforma*, e continuou a escrever artigos e a fazer traduções, como a do livreto “A Canção do Peregrino Sírio”, de W. A. Knight (reflexão sobre o Salmo 23), publicado em 1907 pelo Instituto Nacional de Literatura Sagrada. Em 1910, ele foi um dos membros fundadores da prestigiosa Academia de Letras de São Paulo e conquistou mediante concurso a cadeira de inglês do Ginásio do Estado, em Campinas (foi nomeado em 02-09-1910 e exonerado a pedido 06-07-1922). No mesmo ano começou a escrever a famosa *Série Braga*, um conjunto de livros didáticos para a escola primária que foi amplamente utilizado em todo o país. Ainda em 1910, foi eleito secretário permanente da Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana do Brasil, criada naquele ano. Nesse período, pastoreou a Igreja de Campinas e revelou grande interesse por missões e questões sociais.

Em julho de 1914, a *Revista das Missões Nacionais* publicou o seu importante artigo “As Relações entre os Missionários e os Concílios”. No início de 1916, ao lado dos Revs. Álvaro Reis e Eduardo Carlos Pereira, Erasmo participou do célebre Congresso da Obra Cristã na América Latina, no Panamá. Escreveu um valioso relatório e análise do congresso intitulado *Pan-Americanismo: Aspecto Religioso*. No regresso do Panamá, participou de conferências regionais em Lima, Santiago, Buenos Aires e Rio de Janeiro. Empolgou-se com o ideal da cooperação evangélica e com a visão de uma sociedade transformada pelo evangelho. A partir de 1917 envolveu-se fortemente com a criação do Seminário Unido, no Rio de Janeiro, e com a Comissão Brasileira de Cooperação, sediada na mesma cidade, outra entidade resultante do Congresso do Panamá. Seu biógrafo, Rev. Júlio Andrade Ferreira, atribuiu a enorme produtividade de Erasmo em tantas áreas a três características – sua inteligência natural, uma memória excepcional e a capacidade de trabalhar por longas horas.

O ano de 1920 marcou um importante ponto de transição na carreira de Erasmo Braga. Ele deixou o Seminário Presbiteriano após vinte anos de serviços, sendo substituído por seu ex-aluno Rev. Miguel Rizzo Jr., e retornou para Niterói, tornando-se o secretário da Comissão

Brasileira de Cooperação. Em janeiro de 1922, a Assembléia Geral aceitou formalmente a renúncia de Erasmo, deu-lhe o título de professor emérito do Seminário Presbiteriano e, em seu lugar, elegeu catedrático o Rev. Rizzo. Sob a liderança de Erasmo, a Comissão Brasileira de Cooperação tornou-se o principal centro de informação e coordenação das igrejas evangélicas do Brasil. Devido a sua vasta cultura, Erasmo era conhecido como uma “enciclopédia ambulante”. Desenvolveu projetos nas áreas de missões, educação teológica, educação cristã e literatura. Enfrentou muitas lutas em torno da implantação do Seminário Unido. Editou oito volumes do *Livro do Professor* (1921-1929), valioso material didático para as escolas dominicais. Em 1925, foi um dos fundadores da Sociedade Missionária Brasileira de Evangelização de Portugal, que enviou àquele país, como missionário, o Rev. Paschoal Luiz Pitta. Em 1928, incentivou a criação da Sociedade de Evangelização dos Índios, mais tarde denominada Missão Evangélica Caiuá.

A partir de 1924, como parte do seu trabalho cooperativo evangélico, Erasmo compareceu a inúmeras conferências na Europa, Estados Unidos, América Latina e Oriente Médio, voltadas para missões, educação cristã e o movimento estudantil. Naquele ano, participou em Glasgow, Escócia, da 9ª Convenção Mundial das Escolas Dominicais. Retornando ao Brasil, escreveu o livreto *Do Cesto da Gávea*, refletindo sobre as experiências da viagem. Em 1925, foi um destacado participante do Congresso da Obra Cristã na América do Sul, realizado em Montevideu. Em 1926, participou de quatro importantes conferências na Escandinávia e na Bélgica, voltadas para diferentes aspectos de missões. No início do ano seguinte, esteve em uma reunião anual da Conferência de Missões Estrangeiras da América do Norte, em Atlantic City, Estados Unidos. De 24 de março a 8 de abril de 1928, teve o privilégio de participar da Conferência de Jerusalém, realizada no Monte das Oliveiras, sendo um dos sete representantes da América Latina. Em 1929 e 1931, esse obreiro incansável fez outras duas viagens aos Estados Unidos, participando de importantes encontros nos quais novamente fez veementes apelos em prol das igrejas evangélicas do Brasil. Nesse período, voltou a pastorear a Igreja de Niterói (fevereiro de 1929 a fevereiro de 1931).

Em Recife, em 1924, Erasmo Braga foi eleito moderador da Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana para o biênio 1924-1926. Na década de 1920 e início dos anos 30, tornou-se o principal representante e porta-voz das igrejas evangélicas brasileiras e latino-americanas junto à comunidade protestante internacional. No final da sua vida, escreveu o livro *The Republic of Brazil: A Survey of the Religious Situation* (1931), uma competente análise do protestantismo brasileiro no início da era Vargas. Esse livro visava despertar o interesse dos protestantes norte-americanos e europeus em relação ao Brasil às vésperas da 11ª Convenção Mundial das Escolas Dominicais, a realizar-se no Rio de Janeiro em julho de 1932, da qual não chegou a participar.

O Rev. Erasmo Braga faleceu aos 55 anos no dia 11 de maio de 1932, apenas três semanas após a morte da sua esposa (19-04), e foi sepultado no Cemitério de Maruí, em Niterói. Nos últimos anos da sua vida, sofreu com a falta de apoio de sua própria igreja para alguns de seus projetos mais caros, como o Seminário Unido. Seus amigos o descreveram como simples, modesto, afetuoso, emotivo, generoso, conciliador, serviçal, comunicativo, perfeito

cavalheiro e profundamente humano. Foi possivelmente o protestante brasileiro mais culto da sua geração, interessando-se por uma enorme gama de assuntos e envolvendo-se com um grande número de iniciativas úteis para a igreja e para a sociedade. Era também muito piedoso, sendo lembrado por suas belas orações e mensagens, apesar da voz fraca resultante de um acidente na infância. Foi ainda um ótimo organista. Um de seus versículos bíblicos favoritos, citado em vários de seus escritos, era Romanos 14.7: “Ninguém vive para si mesmo, nem morre para si”. O casal Braga teve cinco filhos: Oto, Vera, Paulo, Tito e Milton.

Além das obras citadas, Erasmo Braga escreveu uma infinidade de artigos em periódicos brasileiros e internacionais, bem como relatórios e cartas, muitas das quais se encontram em arquivos norte-americanos. Após a sua morte, alguns textos especialmente significativos foram reunidos pelo seu colega Rev. Epaminondas Melo do Amaral em um livreto intitulado *Religião e Cultura*. Em 1934, a Comissão Brasileira de Cooperação uniu-se ao Conselho Nacional de Educação Religiosa e à Federação das Igrejas Evangélicas para formar a Confederação Evangélica do Brasil, que prestou relevantes serviços por três décadas, preservando o ideal da cooperação evangélica e do testemunho cristão em diferentes áreas da sociedade. Em reconhecimento por suas contribuições, o nome do ilustre líder evangélico foi dado a logradouros públicos em diversas cidades do Brasil, como é o caso da Avenida Erasmo Braga, no centro do Rio de Janeiro. Também levam o seu nome várias instituições de ensino, como a Escola Presbiteriana Rev. Erasmo Braga, em Dourados (MS), e o Instituto Erasmo Braga, em Mineiros (GO).

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 428a (foto), 429, 432, 464, 519, 528, 533, 537, 549, 552-54, 588, 599, 604, 606, 622, 642, 649.
- Ferreira, *História da IPB*, I: 384, 395-400, 482, 484, 518, 523, 542s, 563-65; II: 49s, 75, 116, 118-21, 213-15, 223-46, 267, 271, 286-88, 289-94, 320, 400.
- Epaminondas Melo do Amaral, “Prof. Erasmo Braga”, *O Estandarte* (20-05-1932), 2s.
- Vicente T. Lessa, “Erasmo Braga”, *O Estandarte* (20-05-1932), 3s; (27-05-1932), 2s.
- Epaminondas M. Amaral, “Erasmo Braga”, em *Religião e Cultura*, São Paulo: União Cultural Editora, ca. 1932.
- Gammon, *Assim Brilha a Luz*, 94, 157-171, 188.
- Ferreira. *Profeta da Unidade: Erasmo Braga, Uma Vida a Descoberto*. 1975.
- Ribeiro, *Igreja Evangélica e República Brasileira*, 167-176, 255-257, 278-294.
- Fernandino Caldeira de Andrada, “Rev. Erasmo de Carvalho Braga”, *Brasil Presbiteriano* (Ago 1995), 10.
- Alderi S. Matos, “The Life and Thought of Erasmo Braga, a Brazilian Protestant Leader”, Tese de Doutorado, Escola de Teologia da Universidade de Boston, 1996 (a ser publicada).

Rev. Manoel Francisco do Nascimento Machado

Pastor em vários estados do Nordeste

Manoel Machado nasceu em 24 de dezembro de 1869 em Alagoa de Dentro, Paraíba. Estudou para o ministério com o Rev. George E. Henderlite, que foi pastor naquele estado de 1894 a 1901. Em 1897, foi enviado pelo Rev. Henderlite para Santa Rita; uma feroz perseguição obrigou-o a deixar a cidade e fechar o ponto de pregação. Foi ordenado pelo Presbitério de Pernambuco no dia 22 de junho de 1900, na capital do seu estado. Sua licenciatura foi dispensada porque ele já era auxiliar do púlpito e experimentado em trabalhos de evangelização. No final de 1900, visitou a Igreja de Fortaleza, durante o pastorado do Rev. Reginald P. Baird. Trabalhou por alguns anos na Paraíba (João Pessoa) e em 1904 foi trabalhar em Aracaju, a capital de Sergipe.

Em 1906, o Rev. Manoel Machado filiou-se à Igreja Presbiteriana Independente, vindo a exercer o ministério em Fortaleza, Natal e Caruaru, no interior de Pernambuco. Em 5 de maio de 1907, assumiu o pastorado da Igreja Independente de Fortaleza, organizada no dia 26 de março do ano anterior. Ao longo dos anos, recebeu naquela igreja 173 pessoas por profissão de fé e batizou 253 crianças. Abriu nove congregações e oito pontos de pregação. Quando chegou a Fortaleza em 1907, vindo de Aracaju, trazia esposa e sete filhos, logo acrescidos de mais um. Trabalhou nos alagados do litoral e no interior agreste. Dispondo de minguado salário para sustentar a grande família, abriu por algum tempo uma padaria, na qual todos trabalhavam. Perdeu um filhinho por falta de recursos para o tratamento. Apesar de tudo, nunca abandonou o trabalho da igreja e do seu vasto campo evangelístico.

Quando pastoreou em Natal, seu enorme campo ia de Belém do Pará até a Bahia. Embora tivesse auxiliares dedicados, não parava em casa, viajando constantemente. Preocupado com a falta de obreiros, incentivou muitos jovens a estudarem para o ministério, encaminhando-os ao Instituto Ebenézer, em Recife, e depois ao Seminário Evangélico do Norte. Casou-se duas vezes. Para não ser pesado à igreja, pediu a sua jubilação estando ainda vigoroso, o que aumentou as suas agruras financeiras quando constituiu a segunda família. Felizmente, recebeu auxílio de alguns amigos do sul, especialmente do Sr. Carlos René Egg (1912-1982). Após a sua jubilação, ainda manteve-se ativo no ministério por vinte anos.

O Rev. Manoel Machado pertencia ao Presbitério do Norte da IPI, que a partir de 1916 enfrentou problemas devido ao crescimento das Assembléias de Deus. Em 1919, Manoel escreveu em *O Estandarte* uma série de artigos intitulada “Invasão Pentecostista”. Foi o porta-voz da Igreja Presbiteriana Independente do norte do Brasil, indo ocasionalmente ao sul para defender a causa da sua região. O último sínodo a que compareceu foi o do cinquentenário da IPI, em 1953, quando foi registrado um voto de gratidão a Deus pela presença e exemplo do ministro mais idoso da denominação. Faleceu em Caruaru, Pernambuco, no dia 17 de agosto de 1954. Além de destacar-se como evangelista e organizador, escreveu artigos em *O Estandarte* defendendo os interesses da sua região e produziu vários folhetos. Não só escreveu, mas recorreu a amigos, falou nos concílios, percorreu as igrejas do Norte e do Nordeste e movimentou o Sul. Durante algum tempo, funcionou em Fortaleza o Seminário Rev. Manoel Machado (IPI), que encerrou suas atividades em 1975.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 601, 604, 684b (foto).
- Ferreira, *História da IPB*, I: 448; II: 100, 108.
- “Um Homem - Um Símbolo”, *O Estandarte* (15-09-1954), 1.
- “À Memória do Rev. Manoel Machado”, *O Estandarte* (31-10-1954), 3s.

Rev. José Ozias Gonçalves

Pastor em Minas, Rio de Janeiro, Bahia e Paraná

José Ozias nasceu em 4 de julho de 1874 em São José do Rio Pardo, Estado de São Paulo. Seus pais chamavam-se Antônio Gonçalves de Abreu e Francisca Ribeiro de Laura Fleming. Teve uma infância penosa. Perdeu a mãe aos dois anos e o pai aos sete. Foi criado pela irmã Gabriela, residente em Casa Branca, cujo marido muito o maltratava. Trabalhou como menino de entregas numa loja de tecidos e depois em uma farmácia; também labutou arduamente na marcenaria do cunhado, fazendo o trabalho de um adulto. Foi sacristão, como era costume na época, e cantou no coro da matriz. Sem condições de freqüentar escola, cresceu quase analfabeto. Aos dezessete anos, quando residiam em uma chácara, resolveu matar o cunhado. No domingo em que pretendia cumprir o seu intento, decidiu primeiro dar uma volta pela vila. Ao passar em frente a uma casa, ouviu um hino e entrou, ouvindo a pregação do Rev. Álvaro Reis, que o deixou impressionado. Por esse tempo, o campo evangelístico desse pastor estendia-se até São José do Rio Pardo. À saída, o Rev. Álvaro o tratou amistosamente e perguntou se ele gostaria de estudar, o que encheu o seu coração de alegria. Saiu dali inteiramente transformado.

José Ozias teve de fugir de casa com apenas uma trouxinha de roupa para ir ao encontro do seu benfeitor em São José do Rio Pardo. Este o levou para casa em Mogi-Mirim e por um ano orientou os seus estudos. Em seguida, encaminhou-o ao Colégio Internacional, em Campinas. Ele foi um dos quatro estudantes que acompanharam os missionários quando o colégio foi transferido para Lavras, no final de 1892. Ozias trabalhou para pagar os estudos: levantava-se uma hora mais cedo que os colegas para rachar lenha para a cozinha. Sofreu uma anemia profunda, mas, tomando sangue de boi, recuperou a saúde. Deu continuidade à sua preparação em São Paulo, no Mackenzie College, ingressando a seguir no Seminário. Foi arrolado na 2ª Igreja Presbiteriana da capital no dia 24 de fevereiro de 1895, por transferência da Missão de Lavras. Ele e Benedito Ferraz de Campos manifestaram a sua desaprovação quando essa igreja se desligou do Presbitério de São Paulo em 20 de julho de 1898.

Durante as férias, Ozias viajava pelo interior, realizando trabalhos de evangelização. Concluindo o curso teológico com brilhantismo, foi licenciado pelo Presbitério de Minas em 18 de junho de 1900, na cidade de Jaú, em companhia de Alfredo Borges Teixeira e Vicente Temudo Lessa. Presidiu a cerimônia o Rev. Caetano Nogueira Júnior, que pregou

sobre Jó 19.25-27. Foi designado para o novo licenciado o campo de Mococa, que incluía São José do Rio Pardo, Cajuru, Altinópolis, Santo Antônio da Alegria e outros locais. Esteve entre os membros fundadores da Igreja Unida de São Paulo, no dia 26 de agosto. Foi solenemente ordenado em Campinas no dia 30 de dezembro do mesmo ano, na companhia do colega Alfredo Borges Teixeira.

Em Mococa, Ozias foi hospedado por D. Palmira Exel, viúva do Rev. Antônio Pedro de Cerqueira Leite, que havia contraído segundas núpcias. No dia 30 de julho de 1901, depois de apenas três meses de noivado, casou-se com Nefália de Cerqueira Leite, filha mais nova de Palmira e Antônio Pedro (nascida em 15-04-1883). Foi celebrante o Rev. Otoniel Mota, recentemente ordenado. Oito dias depois, o casal seguiu para Lavras, Minas Gerais, onde Ozias foi pastor por quatro anos. Nesse período, participou da organização das Igrejas de São João Nepomuceno (05-11-1902) e São João Del Rei (07-11-1902), ao lado dos Revs. Álvaro Reis, Horace S. Allyn e Alva Hardie. Seu campo incluía, entre outras, as localidades de Piumhi, Arcos e Porto Real. Em Lavras, Ozias foi uma espécie de pastor auxiliar do Rev. Samuel R. Gammon, que obteve os recursos para a sua manutenção junto a uma igreja de Louisville, Kentucky. Para tanto foi formada uma “Companhia Missionária da América do Sul”. Nefália era dotada de grande talento musical (tinha uma bela voz e tocava harmônio e violino) e muito cooperou com o esposo. Lecionou piano, canto e pintura no Colégio Carlota Kemper, o internato feminino do Instituto Gammon. Em Lavras, o casal teve duas filhinhas.

Depois de quatro anos difíceis e perigosos em Lavras, em 1º de agosto de 1905 Ozias foi para o Rio de Janeiro, onde auxiliou o Rev. Álvaro Reis e organizou a Igreja de Botafogo (04-07-1906), da qual foi o primeiro pastor. Decorridos menos de dois anos, foi para Cachoeira, na Bahia, antigo campo dos Revs. Francis Schneider, James Houston, Alexander Blackford, George Chamberlain e Henry McCall, entre outros. Reconstruiu o templo daquela antiga igreja, que havia sido destruído por uma inundação. No dia 7 de janeiro de 1907, José Ozias, Salomão Ferraz (de Canavieiras) e Matatias Gomes dos Santos (de Salvador), organizaram em Salvador o Presbitério Bahia-Sergipe, composto de apenas seis igrejas. Também estiveram presentes três presbíteros e, como membros correspondentes, os Revs. Henry J. McCall e Pierce A. Chamberlain. José Ozias foi o seu primeiro moderador. Em Cachoeira, como em Lavras e em Botafogo, Nefália fundou um clube recreativo lítero-musical. Ozias fez longas e penosas viagens pelo interior do estado. Nessa época tiveram dois filhos gêmeos.

Transcorridos menos de dois anos, a saúde de Nefália fê-los mudar para Caxambu, no Presbitério Sul de Minas, onde permaneceram por sete anos (1908-1915). Logo que Ozias chegou ali, sua irmã Gabriela, que ficara viúva, foi morar com eles. O campo missionário era extenso, incluindo localidades como Chapéu, Sengó, São João da Cristina, Itajubá, Cervo, Conceição do Rio Verde, São Pedro, Itanhandu, Soledade, Itamonte, União, Passa Quatro, Borda da Mata, Pouso Alegre, Santa Rita do Sapucaí e muitas outras. Ozias organizou a Igreja de Caxambu em 4 de janeiro de 1910 e construiu o seu templo, inaugurado em 20 de junho de 1915. Enfrentou perseguições em diversos lugares, como Pains e Nepomuceno. Certa vez, em Caxambu, o Rev. Ozias pregava e Nefália estava sentada junto ao órgão quando alguém jogou pela janela uma coruja morta que quase

atingiu a cabeça da organista. Nesse período, o casal perdeu um dos gêmeos (Adail) e uma filha nascida em Caxambu (Isa), que morreram e foram sepultados sem a presença do pai.

Em meados de 1915, José Ozias foi para Curitiba, levando a irmã Gabriela e uma filha adotiva, Maria Lício (irmã do Rev. Mário Lício), que veio a casar-se com o Rev. Miguel Rizzo Jr. em 1919. Recebeu a igreja das mãos dos missionários e realizou um profícuo ministério como excelente pregador e pastor que era. Construiu a casa pastoral e socorreu muitas famílias durante as epidemias de tifo e gripe (1917-1918). Formou-se em Direito na Universidade do Paraná e fez concurso para a cadeira de latim do Ginásio do Estado. Escreveu a sua tese em latim e obteve a nota máxima de todos os examinadores. Todavia, foi preterido em favor de um padre que apresentou uma tese muito inferior, escrita em português. Nefália continuava a desdobrar-se como organista, regente do coral, professora da escola dominical e muitas vezes presidente da sociedade de senhoras, além de dar aulas quase sempre o dia inteiro.

Ozias contraiu câncer no pâncreas. Em 1º de novembro de 1921 seguiu com a esposa para o Rio de Janeiro, a fim de ser operado no Hospital Evangélico. Foi convalescer em Caxambu, enquanto Nefália voltava para junto dos filhos em Curitiba. Em sete meses de sofrimento, Ozias passou por uma segunda operação naquele hospital. Nessa época, sua esposa compôs a música do hino “Redenção”, cuja letra foi escrita pelo seu irmão, o Rev. Dr. Lisânias de Cerqueira Leite. Ozias pediu para ser levado para a casa do ilustre cunhado porque não queria morrer no hospital. Um dia, recebeu a visita do velho amigo e benfeitor Rev. Álvaro Reis. Este tomou-lhe as mãos, dirigiu-lhe palavras de consolo e orou. Quando orava o Pai Nosso, o Rev. Ozias foi repetindo as palavras, mas aos poucos foi-lhe faltando a voz. Ele estava morrendo. Era o dia 12 de junho de 1922, faltando-lhe três semanas para completar 48 anos de idade.

Deixou nove filhos: Nefália, Júnia, Lígia, Ozias, Nélio, Palmira, Pérola, Cecília e Délio (este com apenas 11 meses). Um filho nascido em Curitiba (Adail como o irmão) também morreu pequenino. Dona Nefália voltou a lecionar pintura e música no Colégio Carlota Kemper, por um ano e meio. Depois residiu em Monte Santo de Minas, onde fundou um colégio de grande prestígio e influência. Seguiu então para São Paulo, no interesse dos estudos dos filhos. Residiu também em Niterói, Caxambu, Belo Horizonte e Uberaba. Veio a falecer em 8 de outubro de 1948, aos 65 anos, no Rio de Janeiro, em casa de sua filha Cecília, que era procuradora da República. Sua filha Lígia Gonçalves de Oliveira Mafra escreveu o histórico “Duas Luzes no Caminho”, com dados biográficos sobre os Revs. José Ozias e Paschoal L. Pitta. Dois irmãos de José Ozias também foram pastores: o batista Artur Alberto da Mota Gonçalves e o metodista Antônio de Campos Gonçalves (1899-1983), um homem de grande cultura que trabalhou na Sociedade Bíblica do Brasil, na Confederação Evangélica do Brasil (em especial na comissão do Hinário Evangélico) e foi autor de hinos que estão incluídos em quase todos os hinários brasileiros.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 443, 558s, 600, 647.
- Ferreira, *História da IPB*, I: 491, 543s; II: 80, 97s, 155, 203.

- Matatias Gomes dos Santos, “Biografia do Rev. Dr. José Ozias Gonçalves”, texto mimeografado, Pasta “Ministros”, Arquivo Presbiteriano.
- Vicente Temudo Lessa, “Rev. Dr. José Ozias Gonçalves”, *O Estandarte* (20-07-1922).
- Bear, *Misson to Brazil*, 28.
- Revista *Ultimato* (Outubro 1974).
- Oswaldo Soeiro Emrich, “Rev. José Ozias Gonçalves”, *Brasil Presbiteriano - Suplemento* (Ago 1996), 7.
- Silva, *Igreja Presbiteriana de São João da Cristina*, 45-54.

Rev. Alfredo Borges Teixeira

Veterano pastor em vários estados e professor de teologia da IPI

Alfredo B. Teixeira nasceu em 25 de fevereiro de 1878 em Borda da Mata, Minas Gerais, e foi batizado no dia 13 de março pelo Rev. Miguel Gonçalves Torres. Era filho de Marcolino Meyer Teixeira e Maria Silvana Teixeira, membros da Igreja de Borda da Mata, a quinta mais antiga do Brasil e a primeira de Minas Gerais, organizada em 23 de maio de 1869. O casal foi batizado em uma das primeiras viagens do Rev. Modesto Carvalhosa àquela igreja, em dezembro de 1871. O Sr. Marcolino tinha uma fazenda herdada do pai onde criava porcos e fabricava queijo. A cada quatro meses, levava porcos salgados e queijos para a cidade de Santos em tropas de burros e na volta trazia sal, querosene e outros produtos, enriquecendo-se com esse comércio. Seus ex-escravos, que alforriou ao se converter, dedicavam-se à mesma atividade.

Alfredo estudou as primeiras letras com Lina de Andrade, professora da escola paroquial, e com o velho Caetano Nogueira (pai). Anos mais tarde, registrou sentidas lembranças da sua infância, mencionando como os momentos mais felizes da sua vida de criança a chegada de Miguel Torres em suas visitas pastorais. Foi discípulo do Rev. Caetano Nogueira Júnior, com quem professou a fé em 10 de novembro de 1895, sendo por ele encaminhado ao Seminário Presbiteriano, em São Paulo. Estudou com John Rockwell Smith, Eduardo Carlos Pereira, Remígio de Cerqueira Leite e outros mestres. Ao lado dos colegas José Ozias Gonçalves e Vicente Temudo Lessa, foi licenciado pelo Presbitério de Minas em 18 de junho de 1900, em Jaú, sendo ordenado em Campinas, na companhia de José Ozias, no dia 30 de dezembro do mesmo ano. Na mesma ocasião foi licenciado Ernesto Luiz de Oliveira. Pouco antes, em 11 de dezembro, Alfredo casara-se com Carlota Ernestina Pinheiro, filha do presbítero Joaquim Honório Pinheiro e neta de Antônio Francisco Gouvêa, um dos primeiros membros da antiga Igreja de Brotas.

Trabalhou inicialmente em Araguari, auxiliando o missionário Charles Morton. Foi pastor por alguns anos em Campinas e região, dando assistência a Amparo, uma congregação da Igreja de Campinas, como auxiliar do Rev. Bento Ferraz. Por ocasião do cisma de 31 de julho de 1903, aderiu à Igreja Presbiteriana Independente. Trabalhou por um ano em Borda da Mata e seis anos no Rio de Janeiro (1904-1906 e 1910-1913). Em 21 de fevereiro de 1904, organizou a Igreja Independente do Rio de Janeiro na companhia do Rev. Eduardo Carlos Pereira. Como pastor dessa igreja, coube-lhe ainda dar assistência às Igrejas de São João Del Rei e Embaú, e suas congregações. Também colaborou com o Rev. Caetano

Nogueira Júnior na Igreja de Borda da Mata e em sua congregação de São João da Cristina. O pastorado no Rio foi interrompido por três anos (1906-1909), quando Alfredo foi para São Paulo auxiliar o Rev. Eduardo no recém-criado Instituto Teológico da Igreja Independente, onde lecionou teologia sistemática e ocupou os cargos de vice-reitor, diretor interno e reitor. Ao mesmo tempo, dedicou-se ao pastorado no Rio, Sorocaba e Embaú, visitou Arcadas, Amparo, Mogi-Mirim, Jacutinga e Borda da Mata, e auxiliou no púlpito de São Paulo.

Após novo período de residência no Rio, esteve no segundo semestre de 1913 em Borda da Mata, onde havia residido como pastor em 1903. De 1914 a 1920 voltou a pastorear em Campinas, ao lado do Rev. Otoniel Mota. Deu assistência às Igrejas de Amparo, Espírito Santo do Pinhal, São Sebastião da Gramma, Jacutinga, Borda da Mata e Monte Sião. Em 1921, tornou a lecionar teologia sistemática no seminário da sua igreja, que posteriormente recebeu o nome de Faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. Também foi diretor dessa instituição. Em 1924, exerceu o pastorado da Igreja de São Paulo, tendo como auxiliar Otoniel Mota, eleito no ano seguinte. Foi ainda professor do Seminário Unido, no Rio de Janeiro, de 1930 a 1932. Permaneceu por vinte anos no posto de professor de teologia em São Paulo, recebendo a sua jubilação no dia 17 de março de 1941. Depois disso, continuou a pastorear igrejas em São Paulo durante nove anos, entre as quais a de Santo André (1942-1943) e a 4ª Igreja (1948).

Foi novamente convidado para lecionar na Faculdade de Teologia (1950-1958), período em que recebeu o título de Professor Emérito, afastando-se para escrever a sua conhecida obra *Dogmática Evangélica*, publicada em 1958. Seu objetivo nesse livro foi “expor com fidelidade e interpretar com liberdade a teologia clássica evangélica” (Prefácio). Teixeira solicitou ao Rev. Millard Richard Shaul (1919-2002), professor do Seminário Presbiteriano de Campinas, que escrevesse a Introdução. Este não pode fazê-lo, em virtude de uma viagem prolongada ao exterior, mas enviou uma carta ao autor dizendo que, embora não pudesse concordar com todos os seus pontos de vista, ficou satisfeito em ver como ele se esforçou por “preservar os elementos essenciais da nossa herança teológica e, ao mesmo tempo, levar a sério o melhor pensamento teológico da hora atual”.

O Rev. Alfredo Borges Teixeira foi redator do *Semeador*, de *O Estandarte* e da *Semana Evangélica*, bem como autor de obras de polêmica (*Controvérsia Batista*), estudos bíblicos (*Maranata*) e temas devocionais (*Meditações Cristãs*), estas últimas publicadas em duas partes em 1942 e 1944. “Controvérsia Batista: batismo de crianças e modo do batismo”, publicada em Campinas em 1919, resultou de uma série de artigos escritos em 1915 para *O Estandarte*. Teixeira era também poeta, tendo publicado várias poesias em jornais evangélicos. Por várias vezes foi presidente de presbitérios, presidente e vice-presidente do Sínodo da Igreja Presbiteriana Independente e secretário permanente do Supremo Concílio. Teve muitos filhos: Lívio, Tércio, Alfredo Filho, Erasto, Paulo, Maria Silvana, Carlos, Júnia, Milton e Rute. Teve a satisfação de ver um filho no ministério, o Rev. Dr. Lívio Teixeira, pastor, bacharel em direito e filósofo, falecido no mesmo ano que o pai. O Rev. Alfredo B. Teixeira faleceu em São Paulo, aos 97 anos de vida e 75 de ministério, no dia 1º

de julho de 1975. Ele e o seu colega José Ozias Gonçalves foram os últimos ministros presbiterianos brasileiros ordenados no século 19.

Bibliografia:

- Lessa, *Annaes*, 304b (foto), 504s, 600, 645, 657, 663, 697.
- Ferreira, *História da IPB*, I: 544; II: 11, 16, 34, 284s.
- “Rev. Alfredo Borges Teixeira”, *O Estandarte* (31-03-1941), 2.
- “Rev. Alfredo Borges Teixeira”, *O Estandarte* (30-07-1975), 2-5.
- José Rodrigues da Costa Jr., “Rev. Alfredo Borges Teixeira: 1º Centenário do seu Nascimento”, *O Estandarte* (15 e 28-02-1978), 3.
- Silva e Silva, *Igreja Presbiteriana de Araguari*, 55-57.
- Éber Ferreira da Silveira Lima, “Rev. Alfredo Borges Teixeira: Traços de sua Biografia”, *O Estandarte* (julho de 1997).
- Silva, *Igreja Presbiteriana de São João da Cristina*, 10.